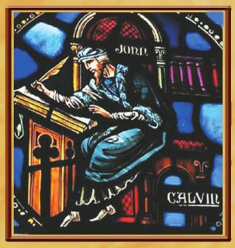
SÉRIE
COMENTÁRIOS
BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

Colossenses




JOHANNES CALVINUS.
NATUS.X JUL. MDIX
OBIIT.XXVII MAI.MDLXIV
PROMPTE ET SINCERE IN O PERE DOMINI

SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

TRADUÇÃO: VALTER GRACIANO MARTINS

Colossenses



EDITORA FIEL

Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses
Série Comentários Bíblicos - João Calvino
Título do Original: The Epistles of Paul The Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians
Edição baseada na tradução inglesa de T. H. L. Parker, publicada pela Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, MI, USA, 1965, e confrontada com a tradução de William Pringle, Baker Book House, Grand Rapids, MI, USA, 1998.
•
Copyright © 2010 Editora Fiel
Primeira Edição em Português
•
Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

A versão bíblica utilizada nesta obra é a Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB)
•
Presidente: Rick Denham
Presidente emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago José dos Santos Filho
Editor da Série João Calvino: Franklin Ferreira
Tradução: Valter Graciano Martins
Revisão: Tiago Santos e Wellington Ferreira (Gálatas e Efésios), Franklin Ferreira (Colossenses e Filipenses), Lucas Grassi Freire (Colossenses), Marilene do Amaral Silva Ferreira (Filipenses)
Diagramação: Wirley Corrêa
Capa: Edvânio Silva
ISBN: 978-85-99145-73-9

EDITORA FIEL

Caixa Postal 1601
CEP: 12230-971
São José dos Campos, SP
PABX: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Argumento 8

Capítulo 1

Versículos 1 a 8 12
Versículos 9 a 11 18
Versículos 12 a 17 21
Versículos 18 a 20 28
Versículos 21 a 23 33
Versículos 24 a 29 39

Capítulo 2

Versículos 1 a 5 49
Versículos 6 a 7 54
Versículos 8 a 12 56
Versículos 13 a 15 63
Versículos 16 a 19 68
Versículos 20 a 23 75

Capítulo 3

Versículos 1 a 4 82
Versículos 5 a 8 85
Versículos 9 a 13 88
Versículos 14 a 17 91
Versículos 18 a 25 96

Capítulo 4

Versículos 1 a 4 100
Versículos 5 a 9 103
Versículos 10 a 13 106
Versículos 14 a 18 108

Argumento

Há três cidades vizinhas na Frigia mencionadas por Paulo nesta Epístola – Laodicéia, Hierápolis e Colossos – as quais, como nos informa Orosius,[1] foram destruídas[2] por um terremoto nos tempos do imperador Nero. Conseqüentemente, não muito depois que esta Epístola foi escrita, três igrejas de grande renome pereceram por uma dolorosa tanto quanto horrível ocorrência – um nítido espelho do verdadeiro juízo divino, se pelo menos tivéssemos olhos para vê-lo. Os colossenses foram, não apenas por Paulo, mas pela fidelidade e pureza de Epafras e outros ministros, instruídos no evangelho; mas, logo depois, Satanás, com suas discórdias, penetrou ali [Mt 13.25],[3] segundo seu método usual e invariável, de modo que pôde assim perverter ali a fé genuína.[4]

Alguns são de opinião que havia duas classes de homens que contribuíram para afastar os colossenses da pureza do evangelho: de um lado, os filósofos, ao discutirem sobre as estrelas, o destino e mentiras desse gênero; os judeus, do outro lado, insistindo na observância de suas cerimônias, provocaram nevoeiro com o fim de precipitar Cristo nas sombras.[5] Não obstante, os que são desta opinião são influenciados por um

1 Orosius (Paulus), um "presbítero espanhol, natural de Tarragona, se desenvolveu sob Arcadius e Honrius." – Smith's Dicitonary of Greek Biography and Mythology.

2 "Toutes trois furent destructes et renversees." – "Foram, todas as três, destruídas e completamente arruinadas."

3 "Satan y estoit entre cauteleusement auec son yuroye." – "Satanás entrou ali astutamente com seus joios."

4 "Pour y corrompre et peruertir la vraye foy." – "Para que ali corrompesse e pervertesse a fé genuína."

5 "Auoyent comme fait leuer beaucoup de brouillars pour offusquer la clarte de Christ, voire

conjetura de mui pouco peso – com base no que Paulo diz sobre *tronos*, *poderes* e criaturas celestiais. Porque, ao acrescentarem também o termo *elementos*,[6] ficou pior que ridículo. Entretanto, como minha intenção não é refutar as opiniões de outros, simplesmente afirmarei o que me parece ser a verdade e o que se pode inferir por honesto raciocínio.

Em primeiro lugar, é sobejamente evidente, à luz das palavras de Paulo, que aqueles degenerados tencionavam isto – para que pudessem confundir Cristo com Moisés e reter as sombras da lei juntamente com o evangelho. Daí ser provável que fossem judeus. Entretanto, como coloriam suas fantasias com disfarces ilusórios,[7] Paulo, por isso mesmo, a chama de *vã filosofia* [Cl 2.8]. Ao mesmo tempo, ao empregar esse termo, ele tinha diante de seus olhos, em minha opinião, as especulações com que se divertiam, as quais eram refinadas, é verdade, porém, ao mesmo tempo inúteis e profanas; pois inventaram para si uma via de acesso a Deus pela mediação dos anjos, e exibiam muitas especulações desse gênero, tais como se acham contidas nos livros de Dionísio sobre a Hierarquia Celestial, extraída da escola dos platonistas. Este, pois, é o principal objetivo que tem em vista – ensinar que todas as coisas estão em Cristo, e que somente ele deve ser tido pelos colossenses amplamente suficiente.

A ordem, contudo, que ele segue é esta: Após a descrição geralmente empregada por ele, então ele os enaltece com vistas a levá-los a ouvi-lo mais atentamente. Então, com o propósito de fechar o caminho contra todas as invenções novas e estranhas, dá testemunho da doutrina que previamente receberam de Epafras. Em seguida, ao desejar que o Senhor aumente a fé deles, notifica que algo ainda lhes está faltando, para pavimentar o caminho e assim poder comunicar-lhes uma instrução mais sólida. Em contrapartida, ele se expande com recomendações adequadas à graça de Deus para com eles, para que

pour la suffoquer." – "Lançaram ao ar, por assim dizer, muito pó com vistas a ofuscar o esplendor de Cristo; mais ainda, com vistas a sufocá-lo."

6 "Car quanta u mot d'elemens, sur lequel aussi ils fondent leur opinion." – "Pois quanto à palavra elementos, sobre a qual também fundamentam sua opinião."

7 "Pource qu'ils couuroyent de belles couleurs leurs fallaces et tromperies, et fardoyent leur doctrine." – "Como cobriam suas falácias e fraudes com belas cores, e pintavam sua doutrina."

não a estimem menos. Então segue a instrução, na qual ele ensina que todas as partes de nossa salvação devem estar fundamentadas unicamente em Cristo, para que não busquem nada em outro lugar; e ele lhes enfatiza que foi em Cristo que haviam obtido toda bênção que ora possuíam, a fim de que mais cuidadosamente ainda fizessem disso seu alvo e o retivessem até o fim.[8] E, realmente, mesmo este único artigo era em si mesmo perfeitamente suficiente para levar-nos a reconhecer esta Epístola, breve como é, como um inestimável tesouro; pois o que é da maior importância em todo o sistema de doutrina celestial do que ter Cristo nos atraindo à vida, para que visualizemos[9] distintamente sua excelência, seu ofício e todos os frutos que nos emanam dela?

Pois especialmente neste aspecto diferimos dos papistas: que, enquanto ambos somos chamados cristãos, e professamos crer em Cristo, eles mesmos se mostram como uma parte que é rasgada, desfigurada, despida de sua excelência, despojada de seu ofício, enfim, parecendo mais um espectro[10] do que o próprio Cristo; nós, em contrapartida, o abraçamos tal como ele é aqui descrito por Paulo – amoroso e eficaz. Esta Epístola, portanto, para expressá-lo numa palavra, distingue o verdadeiro Cristo de um fictício[11] – nada melhor ou mais excelente se pode desejar. Já no final do primeiro capítulo, ele uma vez mais procura assegurar sua autoridade com base na posição que lhe fora designada,[12] e em termos magnificentes enaltece a dignidade do evangelho.

No segundo capítulo, ele esclarece mais distintamente do que fizera até aqui a razão que o induzira a escrever – para fazer provisão

8 "Et pour les faire plus songneux de la retenir iusqu'a la fin, et s'arrester tousiours en luy, il recite que par Christ ils sont entrez en participation de tout bien et benefiction." – "E com vistas a fazê-los mais cuidadosos em retê-lo até o fim, e permanecer sempre nele, ele lhes recorda que é através de Cristo que começaram a participar de todo benefício e bênção."

9 "Afin que nous puissions aiseement veoir et contempler." – "Para que sejamos capazes de perceber e contemplar."

10 "Tel, que c'est plustost vn phantasme qu' vn vray Christ." – "Tal que mais parece um fantasma do que um genuíno Cristo."

11 "Imaginatif, ou faict a plaiser." – "Imaginário, ou fictício."

12 "Pour estre plus authorizé entr' eux, il fait derechef mention de la charge qu'il auoit receuë de Dieu." – "Para que tivesse mais autoridade entre eles, ele uma vez mais faz menção do encargo que recebera de Deus."

contra o perigo que divisava já pendente sobre eles, enquanto toca, de passagem, no afeto que nutria em relação a eles, para que soubessem que seu bem-estar é o objeto de sua preocupação. Daqui ele passa a exortação, pela qual aplica a doutrina precedente, por assim dizer, ao presente uso;[13] pois ele os convida a repousarem em Cristo somente, e estigmatiza como sendo vaidade tudo quanto não faz parte de Cristo.[14] Ele fala particularmente da circuncisão, abstinência de alimento e de outros exercícios externos – nos quais equivocadamente, faziam consistir o serviço divino; e também do culto absurdo prestado aos anjos, os quais punham no lugar de Cristo. Havendo feito menção da circuncisão, ele aproveita a ocasião para notar também, de passagem, qual é o ofício e qual a natureza das cerimônias – das quais ele estabelece, como uma questão axiomática, como sendo já ab-rogadas por Cristo. Estas coisas são tratadas até o final do segundo capítulo.

No terceiro capítulo, em oposição àquelas fúteis prescrições para a observância à qual os falsos apóstolos tanto desejavam obrigar os crentes, ele faz menção dos verdadeiros ofícios da piedade nos quais o Senhor quer que nos empreguemos; e ele começa com a própria *fonte-mestra*, a saber, a mortificação da carne e a novidade de vida. Disto ele deriva as *correntes*, ou seja, exortações particulares, algumas das quais se aplicam a todos os cristãos igualmente, enquanto que outras se relacionam mais especialmente com os indivíduos particulares, segundo a natureza de sua vocação.

No início do quarto capítulo, ele aborda o mesmo tema: após haver-se encomendado à suas orações, ele mostra, mediante alguns sinais,[15] o quanto ele os ama e está desejoso de promover seu bem-estar.

---

13 "A son propôs, et a ce dont ils auoyent affaire." – "A este tema e ao que tinha a ver com eles."

14 "Monstrant, que tout ce qui hors Christ, n'est que vanite." – "Mostrando que tudo que está fora de Cristo é mera vaidade."

15 "Par plusieurs signes et tesmoignages." – "Por muitos sinais e evidências."

Capítulo 1

1. Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e Timóteo, nosso irmão,

2. aos santos e fiéis irmãos em Cristo que estão em Colossos: Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

3. Damos graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, orando sempre por vós,

4. desde que ouvimos de vossa fé em Cristo Jesus, e do amor que tendes por todos os santos;

5. por causa da esperança que vos está reservada no céu, da qual ouvistes previamente na palavra da verdade do evangelho;

6. que já chegou a vós, como também está em todo o mundo, frutificando e crescendo, assim como entre vós desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade;

7. segundo aprendestes de Epafras, nosso amado conservo, que por nós é fiel ministro de Cristo.

8. O qual também nos declarou vosso amor no Espírito.

1. Paulus apostolus Iesu Christi, per voluntatem Dei, et Timotheus fratrer,

2. Sanctis qui sunt Colossis, et fidelibus fratribus in Christo; gratia vobis et pax a Deo et Patre nostro, et Domino Iesu Christo.

3. Gratias agimus Deo, et Patri Domini nostri Iesu Christi, semper pro vobis orantes,

4. Audita fide vestra, quae est in Christo Iesu, et caritate erga omnes sanctos,

5. Propter spem repositam vobis in coelis, de qua prius audistis, per sermonem veritatis, sempe Evangelii,

6. Quod ad vos pervenit: quemadmodum et in universo mundo fructificat et propagatur, sicut etiam in vobis, ex quo die audistis, et cognovistis gratiam dei in veritate.

7. Quemadmodum et didicistis ab Epaphra, dilecto converso nostro, qui est Fidelis erga vos minister Christi:

8. Qui etiam nobis manifestavit caritatem vestram in Spiritu.

1. Paulo, apostolo. Eu já expliquei, em reiterados exemplos, o desígnio de tais inscrições. Entretanto, como os colossenses nunca o haviam visto, e por isso mesmo sua autoridade não era ainda tão solidamente

estabelecida entre eles, a ponto de fazer com que seu nome pessoal[1] por si só fosse suficiente, ele garante ser um apóstolo de Cristo, separado pela vontade de Deus. Disto se segue que ele não agia temerariamente em escrever a pessoas que ainda não lhe eram conhecidas, visto que estava se desincumbindo de uma embaixada que Deus lhe confiara. Pois ele não estava unido a apenas uma igreja [local], mas seu apostolado se estendia a todas [as igrejas]. O termo *santos,* o qual ele lhes aplica, é muito honroso, mas ao denominá-los de *irmãos fiéis*, com isso ele tenta agradá-los para que o ouçam de mais boa vontade. Quanto a outros elementos aqui, há explicação para eles nas Epístolas precedentes.

Damos graças a Deus. Ele enaltece a fé e o amor dos colossenses, com o fim de encorajá-los à perseverança com mais entusiasmo e constância. Demais, ao mostrar que tem uma persuasão desse tipo em relação a eles, ele granjeia seu respeito fraterno, para que se sintam mais favoravelmente inclinados e mais suscetíveis à recepção de sua doutrina. Devemos sempre tomar nota que ele faz uso de ações de graça em vez de congratulação, pelas quais nos ensina que em todas as nossas alegrias devemos prontamente evocar à lembrança a bondade divina, visto que tudo o que nos é aprazível e agradável procede da bondade que ele nos confere. Além disso, ele nos admoesta, por seu exemplo, a que reconheçamos com gratidão não meramente aquelas coisas que o Senhor nos confere, mas também aquelas coisas que ele confere a outrem. Mas, por quais coisas ele rende graças ao Senhor? Pela *fé* e o *amor* dos colossenses. Portanto, ele reconhece que ambos são conferidos por Deus; do contrário, a gratidão seria mera pretensão. E o que possuímos de outra maneira fora de sua liberalidade? Não obstante, se mesmo os mínimos favores nos provêm dessa fonte, quanto mais se deve demonstrar este mesmo reconhecimento em relação a essas duas dádivas nas quais consiste a soma total de nossa excelência!

Ao Deus e Pai.[2] A expressão pode ser entendida assim: *A Deus que é o Pai de Cristo*. Pois não nos é lícito reconhecer qualquer outro Deus

1 "Son simple et priué nom." – "Seu nome simples e privado."

2 "*A Dieu qui est le Pere*. Il y auroit mot a mot, A Dieu et Pere." – "*A Deus que é o Pai*. Literalmente seria A Deus e Pai."

que não seja aquele que se nos manifestou em seu Filho. E esta é a única chave que nos abre a porta, caso estejamos desejosos de ter acesso ao Deus verdadeiro. Por isto mesmo também ele nos é Pai, porque nos tem abraçado em seu Filho unigênito, e nele também manifesta seu favor paterno para nossa contemplação.

Sempre por vós. Há quem explique isto assim: *Damos graças a Deus sempre por vós*, isto é, *continuamente*. Outros o explicam neste sentido: *Orando sempre por vós*. Pode ainda ser interpretado desta maneira: "Sempre que oramos por vós, ao mesmo tempo damos graças a Deus"; e este é o significado simples: "Damos graças a Deus, e ao mesmo tempo oramos." Com isto ele notifica que a condição dos crentes nunca é perfeita neste mundo, a ponto de não termos, invariavelmente, carência de algo. Porque, mesmo o homem que tenha começado admiravelmente bem pode enfrentar insuficiência em centenas de casos ao dia; e devemos estar sempre fazendo progresso enquanto ainda estamos a caminho. Portanto, tenhamos em mente que devemos regozijar-nos nos favores que já recebemos e dar graças a Deus por eles, de tal maneira que busquemos dele, ao mesmo tempo, a perseverança e o avanço.

4. Tendo ouvido de vossa fé. Este foi um meio de incitar seu amor por eles e sua preocupação por seu bem-estar, sempre que ouvia que eram distinguidos por sua *fé* e *amor*. E, inquestionavelmente, os dons de Deus, que são tão excelentes, devem exercer tal efeito sobre nós, que nos estimulem a amá-los onde quer que se manifestem. Ele usa a expressão *fé em Cristo* para que tenhamos sempre em mente que Cristo é o objeto próprio da fé.

Ele emprega a expressão *amor para com os santos*, não com vistas a excluir outros, mas porque, na medida em que alguém se una a nós em Deus, devemos abraçá-lo o mais estreitamente com uma afeição especial. O verdadeiro amor, pois, se estenderá ao gênero humano universalmente, porque todos são nossa carne e "criados à imagem de Deus" [Gn 9.6]; mas, com respeito a graus, isso começará com aqueles que são da "família de Deus" [Gl 6.10].

5. Por causa da esperança que vos está reservada no céu. Pois a *esperança* de vida eterna nunca é inativa em nós, a ponto de não produzir *amor* em nós. Pois é necessário que o homem que está plenamente persuadido de que um tesouro de vida já foi estabelecido para si no céu aspire estar lá, olhando desde já o mundo cá embaixo. Não obstante, a meditação sobre a vida celestial estimula nossas afeições, quer ao culto divino, quer aos exercícios do amor. Os sofistas pervertem esta passagem com o propósito de enaltecer os méritos das obras, como se a esperança da salvação dependesse das obras. Entretanto, o raciocínio é fútil. Pois não se segue que, uma vez que a esperança nos estimula a seguir um alvo para o viver reto, por isso esteja fundada nas obras, já que nada é mais eficaz para este propósito do que a bondade imerecida de Deus, a qual subverte completamente toda confiança nas obras.

Não obstante, há no uso do termo *esperança* um exemplo de *metonímia*, quando tomado pela coisa que se espera. Pois a esperança que está em nosso coração é a glória celestial pela qual esperamos. Ao mesmo tempo, ao dizer que há uma *esperança que está reservada no céu*, ele tem em mente que os crentes devem sentir-se seguros quanto à promessa de felicidade eterna, justamente como se já possuíssem um tesouro depositado[3] num lugar particular.

Do qual ouvistes previamente. Como a salvação eterna é algo que excede a compreensão de nosso entendimento, por isso mesmo ele adiciona que a certeza dela foi levada aos colossenses por meio do evangelho; e, ao mesmo tempo, ele diz, no princípio,[4] que ele não está apresentando algo novo, mas que tem em vistas confirmá-los na doutrina que receberam previamente. Erasmo o traduziu *a verdadeira palavra do evangelho*. Também estou bem ciente de que, segundo o idioma hebraico, Paulo faz uso freqüente do genitivo no lugar de um epíteto; mas as palavras de Paulo aqui são mais enfáticas.[5] Pois ele

3 "Vn tresor en secure garde." – "Um tesouro guardado em segurança."

4 "Il dit auant que passer plus outre." – "Ele diz antes de avançar mais."

5 "Ont yci plus grande significance, et emportent plus." – "Têm aqui mais significação e são mais enfáticas."

chama o evangelho καψ ἐξοχήν (*à guisa de eminência*), *a palavra da verdade*, com vistas a depositar honra nela, para que mais pronta e firmemente aderissem à revelação que têm derivado daquela fonte. Assim, introduz-se o termo *evangelho* à guisa de *aposição*.[6]

6. Como também em todo o mundo está produzindo fruto. Isto tem a tendência tanto para confirmar quanto confortar os santos – ver o efeito do evangelho por toda parte congregando muitos para Cristo. A fé depositada nele não depende, por assim dizer, de seu sucesso, como se *nós* crêssemos nele com base no fato de que *muitos* também crêem nele. Ainda que o mundo inteiro fracasse, ainda que o próprio céu caia, a consciência de um homem salvo jamais vacila, porque Deus, em que ele se fundamenta, não obstante, permanece verdadeiro. Isto, contudo, não impede que nossa fé seja confirmada, sempre que ela visualiza a excelência de Deus, a qual, indubitavelmente, se exibe com mais poder em proporção ao número de pessoas que são conquistadas para Cristo.

Em adição a isto, na multidão dos crentes, naquele tempo, se observava o cumprimento de muitas predições que se estendiam ao reinado de Cristo do Oriente ao Ocidente. Seria um auxílio trivial ou comum à fé ver concretizado ante nossos olhos o que os profetas há muito predisseram quanto à extensão do reino de Cristo por todos os países do mundo? Não há nenhum crente que não experimenta em si mesmo do que falo. Por conseguinte, Paulo tinha em vista encorajar os colossenses, por meio desta afirmação, a que, ao verem em muitos lugares o fruto e progresso do evangelho, o abraçassem com um zelo mais ardente. Αὐξανόμενον, que traduzi por *propagatur* (*é propagado*), não ocorre em algumas cópias; mas, por adequar-se melhor ao contexto, decidi não omiti-lo. Também transparece dos comentários dos antigos que esta redação foi sempre a mais geralmente aceita.[7]

Desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça. Aqui ele os enaltece por sua docilidade, visto que imediatamente abraçaram a sã

6 O termo *aposição*, em gramática, significa a colocação de dois substantivos no mesmo caso.

7 "Esta (καὶ αὐξανόμενον) é a redação da versão Vaticano e todas as autoridades mais antigas." – Penn.

doutrina; e os enaltece por sua constância, visto que perseveraram nela. É também com propriedade que a fé do evangelho seja chamada o *conhecimento da graça de Deus*; pois ninguém jamais provou do evangelho senão aquele que reconhece estar reconciliado com Deus e visualiza a salvação que é proclamada em Cristo.

Em verdade significa *verdadeiramente* e *sem pretensão*; porque, como ele previamente declarara que o evangelho é verdade sem sombra de dúvida, assim agora adiciona que ele foi administrado por eles sem qualquer mistura, e isso *por meio de Epafras*. Pois enquanto todos se gabam de proclamar o evangelho e, contudo, ao mesmo tempo, existem muitos *maus obreiros* [Fp 3.2], por cuja ignorância, ou ambição, ou avareza, sua pureza é adulterada, é de grande importância que os ministros fiéis sejam distinguidos dos menos íntegros. Daí Paulo confirmar a doutrina de Epafras, dando-lhe sua aprovação, com o intuito de induzir os colossenses a que lhe aderissem, e assim, pelos mesmos meios, os chamar de volta, para que saíssem do meio daqueles degenerados que tudo faziam para introduzir doutrinas estranhas. Ao mesmo tempo, ele dignifica Epafras com uma distinção especial, para que tivesse mais autoridade entre eles; e, por fim, ele o apresenta aos colossenses com um gesto amigável, dizendo que ele lhe dera testemunho do amor deles. Paulo, por toda parte, faz disso seu alvo particular, para, por sua recomendação, tornar aqueles que bem sabe servem a Cristo fielmente mui queridos das igrejas; como, em contrapartida, os ministros de Satanás tentam alienar totalmente, por meio de representações desfavoráveis,[8] as mentes dos simples dos pastores fiéis.

Amor no Espírito tomo no sentido de *amor espiritual*, segundo o ponto de vista de Crisóstomo como quem, contudo, não concordo na interpretação das palavras precedentes. Ora, *amor espiritual* é de tal natureza que não tem em vista o mundo, mas é consagrado ao serviço da piedade,[9] e tem, por assim dizer, uma raiz interna, enquanto que as amizades carnais dependem das causas externas.

8 "Par faux rapport et calomnies." – "Por falsas notícias e calúnias."

9 "Mais est commencee et comme consacree a l'adueu de la piete et cognoissance de Dieu." – "Mas começa e, por assim dizer, se consagrada ao serviço da piedade e do conhecimento de Cristo."

9. Por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento de sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual;

10. para que possais andar de maneira digna do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus,

11. corroborados com toda a fortaleza, segundo o poder de sua glória, para toda a perseverança e longanimidade com alegria.

9. Propterea nos quoque, ex quo die audivimus, non cessamus pro vobis orare, et petere ut impleamini cognitione voluntatis ipsius, in omni sapientia et prudentia[10] spirituali:

10. Ut ambuletis digne Deo, in omne obsequum, in omni bono opere fructificantes, et crescentes in cognitione Dei;

11. Omni robore roborati, secundum potentiam gloriae ipsius, in omnem tolerantiam et patientiam, cum gaudio.

9. Por esta causa, nós também. Como já mostrara previamente sua afeição por eles, em sua ação de graças, assim ele agora mostra ainda mais na solicitude de suas orações em favor deles.[11] E, seguramente, quanto mais a graça de Deus se manifesta com mais clareza em alguém, mais devemos, especialmente nessa proporção, amá-lo e estimá-lo e nos preocuparmos com seu bem-estar. Mas, pelo quê ele ora em favor deles? Para que conhecessem a Deus mais plenamente; pelo quê indiretamente notifica que algo ainda lhes está faltando, com o intuito de preparar-lhes o caminho para receberem dele instrução e assegurar-lhes a atenção para uma afirmação mais completa da doutrina. Pois aqueles que pensam que já atingiram tudo quanto é digno de ser conhecido, desprezam e desdenham tudo o mais que lhes é apresentado. Daí ele remover dos colossenses uma impressão dessa natureza, para que isso não fosse um obstáculo no caminho de seu feliz progresso e permitir que se começasse neles um aprimoramento adicional. Mas, que conhecimento ele deseja a favor deles? O conhecimento da *vontade divina*, por cuja expressão ele afasta todas

10 "*Prudentia*, ou *intelligence*." – "*Prudência*, ou *entendimento*."

11 "Comme il a ci dessus demonstre l'amour qu'il auoit enuers eux, en protestant qu'il s'esiouit de leurs auancemens, et en rend graces a Dieu, aussi le fait-il maintenant en son affection vehemente, et continuation de prier." – "Como ele já mostrara o amor que nutria para com eles, ao declarar que se regozija em sua proficiência, e rende graças a Deus por isso, assim ele agora faz o mesmo por sua intensa solicitude e perseverança em oração."

as invenções dos homens e todas as especulações que se põem em oposição à Palavra de Deus. Pois se deve buscar sua vontade em qualquer outro lugar senão em sua Palavra.

Ele adiciona: **em toda sabedoria**; pela qual notifica que a vontade de Deus, da qual fizera menção, era a única norma do reto conhecimento. Pois se alguém é desejoso simplesmente de conhecer aquelas coisas que aprouve a Deus revelar, esse é o homem que sabe acuradamente o que realmente é ser sábio. Se desejarmos algo além disso, então ficará patente nossa tolice, não nos mantendo dentro dos devidos limites. Pela palavra συνέσεως, a qual traduzimos por *prudentiam* (prudência), entendo aquela discriminação que procede da inteligência. Ambas são chamadas por Paulo de *espirituais*, porque não são obtidas de qualquer outra maneira senão pela diretriz do Espírito. Pois "o homem animal não percebe as coisas que são de Deus" [1Co 2.14]. Na medida em que os homens se deixam regular por suas próprias percepções carnais, também têm sua própria sabedoria, mas esta é de tal natureza que não passa de vaidade, contudo tantos se deleitam nela. Vemos que sorte de teologia há sob o papado, a qual está contida nos livros dos filósofos, e qual sabedoria profana os homens mantêm em estima. Entretanto, que tenhamos em mente que a única sabedoria que é recomendada por Paulo está compreendida na *vontade de Deus*.

10. Para que possais andar de maneira digna de Deus. Em primeiro lugar ele ensina qual é o fim do *entendimento espiritual* e com que propósito devemos nos tornar hábeis na escola de Deus – para que possamos *andar de modo digno de Deus*; isto é, para que se manifeste em nossa vida que já não temos como algo fútil a instrução divina. Quem quer que não se dirija diligentemente rumo a este objetivo, possivelmente se esforça e labuta muito, porém não fazem nada melhor que vaguear por curvas infindáveis, sem fazer qualquer progresso.[12] Demais, ele nos admoesta que, se *andarmos de modo digno de Deus*, acima de tudo devemos atentar bem

12 "Mais ils ne feront que tracasser çà et là, et tourner a l'entour du pot (comme on dit) sans s'auancer." – "Mas nada mais farão do que correr de um lado para o outro, atarantado (como dizem), sem fazer progresso."

a que regulemos todo o curso de nossa vida em conformidade com a vontade de Deus, renunciando nosso próprio entendimento e dando adeus a todas as inclinações de nossa carne.

Ele confirma isto outra vez dizendo *a toda obediência* ou, como comumente dizem, *boa vontade*. Daí, se alguém indaga que tipo de vida é *digno de Deus*, tenhamos sempre em vista esta definição de Paulo: aquela vida que abandona as opiniões dos homens e, em suma, abandona toda inclinação carnal, e assim se deixa regular de modo a aceitar somente a sujeição divina. Disto procedem as boas obras que são os frutos que Deus requer de todos nós.

Crescendo no conhecimento de Deus. Uma vez mais, ele reitera que não haviam chegado a uma perfeição tal que já não tinha necessidade de mais aumento; por cuja admoestação ele os prepara e, por assim dizer, os conduz pela mão a uma solicitude por proficiência, para que se mostrassem prontos a ouvir e dispostos a aprender. O que aqui é dito aos colossenses, todos os crentes devem tomar como se fosse dito a si mesmos e extrair disto uma exortação comum – que devemos sempre fazer progresso na doutrina da piedade até a morte.

11. Corroborados com toda fortaleza. Como previamente orou para que tivessem tanto sã compreensão quanto o uso correto dela, assim também agora ora para que tenham coragem e constância. Desta maneira ele os conscientiza de sua própria fraqueza, pois diz que não serão fortes de outra maneira senão pelo auxílio do Senhor; e não só isso, mas, com vistas a engrandecer este exercício da graça ainda mais, ele adiciona: *segundo seu glorioso poder*. "Até onde alguém é capaz de ficar firme pela dependência de sua própria força, o poder de Deus se mostra grandioso auxiliando em nossa debilidade." Por fim, ele mostra em que a força dos crentes deve exibir-se – *em toda paciência e longanimidade*. Porque, enquanto estão no mundo, são constantemente exercitados com a cruz e se lhes apresentam diariamente milhares de tentações, a ponto de arqueá-los pelo peso, e nada vêem do que Deus prometeu. Portanto, devem armar-se com uma admirável paciência, a mesma que Isaías afirma concretizar-se "na esperança e no

silêncio estará vossa força" [Is 30.15].[13] É preferível conectar a esta sentença a cláusula *com alegria*. Pois embora a outra redação esteja mais comumente em harmonia com as versões latinas, esta está mais em concordância com o os manuscritos gregos e, inquestionavelmente, a paciência não é sustentada de outro modo senão por uma mente positiva e nunca será mantida com bravura por alguém que não esteja satisfeito com sua condição.

12. Dando graças ao Pai que vos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz,
13. e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino de seu Filho amado;
14. em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados;

15. o qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;
16. porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, seja potestades; tudo foi criado por ele e para ele.
17. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas.

12. Gratias agentes Deo et Patri, qui nos fecit idôneos ad participationem hereditatis sanctorum in lumine.
13. Qui eripuit nos ex potestate tenebrarum, et transtulit regnum Filii sui dilecti:
14. In quo habemus redemptionem per sanguinem eius, remissionem peccatorum:
15. Qui est imago Dei invisibilis, primogenitus universae creaturae.
16. Quoniam in ipso creata sunt omnia, tum quae in coelis sunt, tum quae super terram; visibilia et invisibilia; sive throni, sive dominationes, sive principatus, sive potestates.
17. Omnia per ipsum, et in ipsum creata sunt: et ipse est ante omnia, et omnia in ipso constant.

12. Dando graças. Uma vez mais, ele volta às ações de graça, para que aproveitassem a oportunidade de enumerar as bênçãos que lhes foram conferidas através de Cristo, e assim passar a fazer uma delineação mais completa de Cristo. Pois era o único remédio para o fortalecimento dos colossenses contra todas as redes pelas quais os falsos apóstolos lutavam por enredá-los – entender acuradamente o que Cristo era. Pois, como sucede de sermos "levados por tantas doutrinas variadas e estranhas" [Hb 13.9], senão porque a excelência

13 A tradução que Lowth faz da passagem é semelhante: "No silêncio e na piedosa confiança estará vossa força."

de Cristo não é percebida por nós? Pois somente Cristo faz com que todas as demais coisas se desvaneçam subitamente. Daí não há nada que Satanás se esforce mais em fazer do que provocar nevoeiro com vistas a obscurecer Cristo, porque ele sabe que por esse meio se abre uma via de acesso a todo gênero de falsidade. Portanto, este é o único meio de reter, bem como de restaurar, a doutrina pura – colocar Cristo diante dos olhos tal como ele é com todas suas bênçãos, para que sua excelência seja realmente percebida.

A questão aqui não é quanto ao nome. Os papistas, em comum conosco, reconhecem um e o mesmo Cristo; contudo, nesse meio tempo, quão grande diferença há entre nós e eles, visto que, depois de confessar que Cristo é o Filho de Deus, transferem sua excelência a outrem, e a distribuem aqui e ali, e assim o deixam quase vazio,[14] ou, pelo menos, lhe roubam grande parte de sua glória, de modo que o chamam, é verdade, o Filho de Deus, porém, não obstante, não é aquele designado pelo Pai, a saber, destinado a nós. Entretanto, se os papistas abraçassem cordialmente o que está contido neste capítulo, logo concordariam conosco perfeitamente, no entanto todo o papado cairia por terra, pois ele não pode ficar de pé de outra maneira senão através da ignorância acerca de Cristo. Isto, indubitavelmente, será reconhecido por cada um que apenas considerar o principal artigo[15] deste primeiro capítulo; pois seu grande objetivo aqui é para que soubessem que Cristo é o começo, o meio e o fim – que é nele que todas as coisas devem ser buscadas – que nada é nem pode ser encontrado fora dele. Portanto, que então os leitores observem cuidadosa e detidamente com que cores Paulo nos pinta Cristo.

Que nos fez idôneos. Ele está falando ainda do *Pai*, porque ele é o princípio e a causa eficiente (como dizem) de nossa salvação. Como o termo *Deus* é mais distintamente expressivo de majestade, assim o termo *Pai* comunica a idéia de clemência e disposição benevolente. Vale-nos contem-

14 "Ils lê laissent quai vuide et inutile." – "Eles o deixam de certo modo vazio e inútil."

15 *Statum*. O termo é comumente empregado entre os latinos como στάσις entre os gregos, no sentido de *indicar o resultado*."

plar ambos como existentes em Deus, para que sua majestade nos inspire temor e reverência, e para que seu amor paternal assegure nossa plena confiança. Daí não ser sem boa razão que Paulo anexe estas duas coisas, se, depois de tudo, você preferir a tradução que o antigo intérprete seguiu, e a qual concorda com alguns dos manuscritos gregos mais antigos.[16] Ao mesmo tempo, não haverá inconsistência dizer que ele se contenta com o termo singular, *Pai*. Demais, como é necessário que sua incomparável graça seja expressa pelo termo *Pai*, assim também não é menos necessário que, pelo termo Deus, nos emocionemos de admiração ante tão imensa bondade que ele, que é Deus, revelasse tanta condescendência.[17]

Mas, por qual bondade ele rende graças a Deus? Por ele haver feito a ele e a outros, "participantes idôneos da herança dos santos". Porquanto nascemos filhos da ira, exilados do reino de Deus. É tão-somente a adoção divina que *nos faz idôneos*. Ora, a adoção depende de uma eleição imerecida. O Espírito de regeneração é o selo da adoção. Ele adiciona *na luz*, para que houvesse um contraste – como oposta às trevas do reino de Satanás.[18]

13. E nos transportou. Observe bem que aqui está o princípio de nossa salvação – quando nos transporta das profundezas da ruína nas quais estávamos imersos. Pois onde quer que sua graça não esteja, aí só existem trevas,[19] como lemos em Isaías: "Pois eis que as trevas cobrirão a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e sua glória se verá sobre ti" [Is 60.2]. Em primeiro lugar, nós mesmos somos chamados trevas,[20] e em seguida o mundo inteiro, e Satanás, o príncipe das trevas, sob cuja tirania somos mantidos cativos,

16 Beza declara que alguns manuscritos gregos trazem τῷ θεῷ καὶ Πατρὶ (*a Deus e o Pai*), e que esta é a redação em algumas cópias da Vulgata. Wycliffe (1380) reza: "A Deus e ao Pai." Rheims (1582): "A Deus e o Pai."

17 "S'est abbaisé iusques là de vouloir estre nostre Pere." – "Tenha se rebaixado tanto a ponto de querer ser nosso Pai."

18 "Qfin qu'il y eust vne opposition entre les tenebres du royaume de Satan, et la lumiere du royaume de Dieu." – "Para que houvesse um contraste entre as trevas do reino de Satanás e a luz do reino de Deus."

19 "Là il n'y a que tenebres." – "Nada há senão trevas."

20 "Um desses nomes que os judeus deram a Satanás era חֹשֶׁךְ – *escuridão*." – *Illustrated Commentary*.

até que sejamos libertados pela mão de Cristo.[21] Disto se pode deduzir que o mundo inteiro, com toda sua pretensa sabedoria e justiça, é considerado como nada, senão trevas aos olhos de Deus, porque, à parte do reino de Cristo, não existe luz.

Nos trasladou para o reino. Isto já forma os primórdios de nossa bem-aventurança – quando somos "trasladados para o reino de Cristo", visto que já "passamos da morte para a vida" [1Jo 3.14]. Também isto Paulo atribui à graça de Deus, para que ninguém imagine que ele pode alcançar tão grande bênção por seus próprios esforços. Como, pois, nosso livramento da escravidão do pecado e da morte é obra de Deus, assim também nossa passagem para o reino de Cristo. Ele chama Cristo de o Filho de seu amor, ou o Filho que é amado por Deus o Pai, porque é tão-somente nele que sua alma tem prazer, como lemos em Mateus 17.5, e em quem todos os demais são amados. Pois devemos manter como um ponto estabelecido que não somos aceitáveis a Deus de outro modo senão através de Cristo. Nem se pode duvidar que Paulo tinha em vista censurar indiretamente o inimigo mortal que existe entre os homens e Deus, até que o amor resplandeça no Mediador.

14. Em quem temos a redenção. Ele agora prossegue pondo em ordem que todas as partes de nossa salvação estão contidas em Cristo, e que somente ele deve resplandecer e ser visto conspícuo acima de todas as criaturas, visto que ele é o princípio e fim de todas as coisas. Em primeiro lugar, ele diz que temos a *redenção*,[22] e a explica imediatamente como sendo a *remissão dos pecados*; pois estas duas coisas concordam mutuamente por *aposição*.[23] Pois, inquestionavelmente, quando remite nossas transgressões, ele nos isenta de condenação à morte eterna. Esta é nossa liberdade, esta é nossa glória em face da morte – que nossos pe-

21 "Iusqu'a ce que nous soyons deliurez et affranchis par la puissance de Christ." – "Até que sejamos transportados e libertados pelo poder de Cristo."

22 "Redemption et deliurance." – "Redenção e livramento."

23 A seguinte explanação do significado do termo *aposição* é fornecido numa nota marginal na versão francesa de nosso autor: "C'est quando deux noms substantifs appartenans a vne mesme chose, sont mis ensemble sans conionction, comme par declaration l'vn et l'autre." – "Isto se dá quando dois substantivos, se relacionando com a mesma coisa, são postos juntos sem ser conjugados, como se à gusa de explanação."

cados não nos são imputados. Ele diz que esta redenção foi granjeada através do *sangue de Cristo*, pois pelo sacrifício de sua morte todos os pecados do mundo foram expiados. Portanto, tenhamos em mente que este é o único preço da reconciliação, e que toda a tagarelice dos papistas quanto às satisfações não passa de blasfêmia.[24]

15. Que é a imagem do Deus invisível. Ele chegou aos píncaros em seu discurso sobre a glória de Cristo. Ele o chama "a imagem do Deus invisível", com isso significando que é tão-somente nele que Deus, que de outro modo é invisível, se nos manifesta, em concordância com o que lemos em João 1.18: "Ninguém jamais viu a Deus. O Deus unigênito, que está no seio do Pai, esse o deu a conhecer." Estou bem ciente de que maneira os antigos costumavam explicar isto; pois, tendo uma disputa a manter com os arianos, insistiam em igualar o Filho com o Pai, e sua *identidade de essência* (ὁμοουσίαν), enquanto nesse meio tempo não fazem menção do que é o ponto principal – de que maneira o Pai se nos faz conhecido em Cristo. Quanto a Crisóstomo que põe toda a ênfase de sua defesa no termo *imagem*, disputando que não se pode dizer que a criatura é a *imagem* do Criador, é excessivamente frágil; mais ainda, é descartada por Paulo em 1 Coríntios 11.7, cujas palavras são: "o homem é a imagem e glória de Deus."

Portanto, para que não recebamos algo senão o que é sólido, notemos bem que não se faz uso do termo *imagem* em referência à essência, mas como se referindo a nós; pois Cristo é chamado a *imagem de Deus* sobre esta base – que ele, de certa maneira, torna Deus visível a nós. Ao mesmo tempo, disto deduzimos também sua *identidade de essência* (ὁμοουσία), pois Cristo realmente não representaria Deus se não fosse a Palavra essencial de Deus, visto que a questão aqui não é quanto àquelas coisas que, por comunicação, são também adequadas às criaturas, mas a questão é quanto à sabedoria, bondade, justiça e poder perfeitos de Deus, para cuja representação nenhuma criatura era competente. Teremos, pois, neste termo uma poderosa arma em oposição aos arianos, mas, não obstante, devemos começar com aquela referência[25] que já mencionei;

24 "Blasphemes execrables." – "Blasfêmias execráveis."
25 "Relation et correspondance." – "Referência e correspondência."

não devemos insistir só sobre a essência. Eis a suma: Deus, em si mesmo, isto é, em sua majestade desnuda, é *invisível*, e isso não meramente aos olhos corporais, mas também aos entendimentos dos homens, e que ele nos é revelado somente em Cristo, para que o contemplemos como num espelho. Pois em Cristo ele nos mostra sua justiça, bondade, justiça, poder, em suma, seu ego inteiro. Devemos, pois, precaver-nos de buscá-lo em outra parte, pois tudo o que pusermos diante de nós, como sendo representação de Deus, à parte de Cristo, não passará de um ídolo.

O primogênito de toda criatura. A razão desta designação se acrescenta imediatamente – *Pois nele todas as coisas são criadas*, como ele é, três versículos adiante, chamado *o primogênito dos mortos*, porque por meio dele todos nós ressuscitamos. Daí, ele não é chamado o *primogênito* simplesmente com base no fato de haver ele precedido todas as criaturas, num ponto do tempo, mas porque ele foi gerado pelo Pai, para que fossem criadas por ele e para que ele fosse, por assim dizer, a substância ou fundamento de todas as coisas. Foi, pois, uma tola posição que os arianos assumiram, argumentando, à luz disto, que ele era, conseqüentemente, uma criatura. Pois do que aqui se trata não é o que ele é em si mesmo, mas o que ele realiza em outros.

16. Visível e invisível. Ambas estas espécies estavam inclusas na distinção precedente de coisas *celestiais* e coisas *terrenas*; mas, como Paulo tinha em mente principalmente fazer essa afirmação em referência aos anjos, agora faz menção das coisas invisíveis. Portanto, temos não só aquelas criaturas celestiais que são visíveis aos nossos olhos, mas também criaturas espirituais, criadas pelo Filho de Deus. Que segue imediatamente, *sejam tronos* etc, como se ele dissesse: "não importa por que nomes são chamadas."

Por *tronos* há quem entenda *anjos*. No entanto, sou antes da opinião de que pelo termo está implícito o palácio celestial da majestade de Deus, o qual não devemos imaginar ser tal como nossa mente possa conceber, mas tal como é apropriado ao próprio Deus. Vemos o sol e a lua, e todo o adorno do céu, mas a glória do reino de Deus é oculta à nossa percepção, porque é espiritual e acima dos céus. Enfim, entendamos pelo termo *tronos* aquela

sede da bendita imortalidade que é isenta de toda e qualquer mudança.

Pelos demais termos, indubitavelmente, ele descreve os anjos. Ele os chama *dominações*, *principados*, *potestades*, não como se dominassem qualquer reino separado, ou fossem dotados com poder peculiar,[26] mas porque são os ministros do poder e domínio divinos.[27] Entretanto, é costumeiro que, na medida que Deus manifesta seu poder nas criaturas, seus nomes lhes são, nessa proporção, transferidos. E assim ele mesmo é o único *Senhor* e *Pai*, mas aqueles são também chamados *senhores* e *pais*, aos quais ele dignifica com esta honra. Daí se dar também que os anjos, bem como os juízes, sejam chamados *deuses*. Daí, também nesta passagem, os anjos são designados por diversos títulos gloriosos, o que notifica não o que possam fazer de si mesmos, ou à parte de Deus, mas o que Deus faz por meio deles, e que funções ele lhes designou. Estas coisas nos fazem entender de uma maneira tal que nada detrai da glória do Deus único; pois ele não comunica seu poder aos anjos a ponto de diminuir a sua própria; ele não opera por meio deles de uma maneira que lhes resigne ou transfira para eles seu poder; ele não deseja que sua glória resplandeça neles, de modo que ela seja obscurecida em seu próprio Ser. Paulo, contudo, intencionalmente, enaltece a dignidade dos anjos em termos tão magnificentes para que ninguém pense que está na vontade de Cristo unicamente ter sobre eles a preeminência. Portanto, ele faz uso desses termos como que à guisa de concessão, como se quisesse dizer que toda sua excelência nada detrai de Cristo,[28] por mais honrosos que sejam os títulos com que são adornados. Quanto aos que filosofam sobre estes termos com excessiva sutileza, para que não extraiam deles as diferentes ordens de anjos, que se regalem com seus petiscos, pois com certeza estão muito longe do desígnio de Paulo.

---

26 "Ayent vertu ou puissance d'eu-mesmes." – "Tivessem de si mesmos poder ou autoridade."

27 "Sont executeurs de la puissance Diuine, et ministres de sa domination." – "São os executores do poder de Deus, e ministros de seu domínio."

28 "N'oste rien a la gloire de Christ." – "Nada subtrai da glória de Cristo."

17. Todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele coloca os anjos em sujeição a Cristo, para que não obscureçam sua glória, por quatro razões: em primeiro lugar, porque foram *criados por ele*; em segundo lugar, porque sua criação deve ser vista como tendo relação com ele, como o fim legítimo deles; em terceiro lugar, porque ele mesmo sempre existiu, antes da criação deles; em quarto lugar, porque ele os sustém por seu poder e os mantém em sua condição. Ao mesmo tempo, ele não afirma isto meramente em referência aos anjos, mas também em referência ao mundo inteiro. E assim ele põe o Filho de Deus na mais elevada posição de honra, para que ele tenha a *preeminência* sobre os anjos, bem como sobre os homens, e para que mantenha sob controle todas as criaturas no céu e na terra.

18. Também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência,

19. porque aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude,

20. e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue de sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus.

18. Et ipse est caput corporis Ecclesiae, ipse principium, primogenitus mortuis, ut sit in omnibus ipse primas tenens:

19. Quoniam in ipso placuit omnem plenitudinem inahabitare.

20. Et per ipsum reconcilare omnia sibi, pacificando per sanguinem crucis eius, per ipsum, tam quae sunt super terram, quam quae sunt in coelis.

18. A cabeça do corpo. Havendo discursado em termos gerais sobre a excelência de Cristo, bem como seu soberano domínio sobre todas as criaturas, ele volta uma vez mais àquelas coisas que se relacionam peculiarmente com a Igreja. Sob o termo cabeça, alguns crêem que muitas coisas estão inclusas. E, inquestionavelmente, mais adiante ele faz uso, como descobriremos, da mesma metáfora, neste sentido: que, como no corpo humano ela serve como que de teto, do qual se difunde energia vital através de todos seus membros, assim a vida da Igreja emana de Cristo etc. [Cl 2.19]. Aqui, não obstante, em minha opinião, ele fala principalmente do governo. Ele mostra, pois, que Cristo é o único que possui autoridade de governar a Igreja; que

ele é o único a quem a Igreja deve manter seus olhos e o único de quem depende a unidade do corpo.

Os papistas, com vistas a sustentar a tirania de seu ídolo, alegam que a Igreja seria *sem cabeça* (ἀκέφαλον), se o papa não exercesse, como uma cabeça, domínio sobre ela. Paulo, contudo, não admite esta honra nem mesmo aos anjos e, contudo, não mutila a Igreja privando-a de sua cabeça; porque, como Cristo reivindica para si este título, assim ele exerce verdadeiramente o ofício. Também estou bem ciente da cavilação pela qual tentam escapar – que o papa é uma cabeça ministerial. No entanto, a designação cabeça é sublime demais para ser legitimamente transferida a qualquer homem mortal,[29] sob qualquer pretexto, especialmente sem o comando de Cristo. Gregório demonstra mais modéstia, o qual diz (em sua 92ª Epístola, Livro 4) que Pedro deveras era um dos principais membros da Igreja, mas que ele e os demais apóstolos eram membros sob uma só cabeça.

Ele é o princípio. Como ἀρχὴ às vezes é usado entre os gregos para denotar o fim ao qual todas as coisas mantêm relação, podemos entendê-lo como significando que Cristo é, neste sentido (ἀρχὴ), *o fim*. Não obstante, prefiro explicar as palavras de Paulo assim: que ele é o *princípio*, porque é o *primogênito dos mortos*; porquanto na ressurreição há uma restauração de todas as coisas, e desta maneira o começo da segunda e nova criação, pois a primeira se fez em pedaços na ruína do primeiro homem. Como, pois, Cristo, ao ressuscitar, veio a ser o começo do reino de Deus, por isso com boas razões ele é chamado o *princípio*; pois então realmente começamos a ter existência aos olhos de Deus, quando somos renovados, de modo a sermos novas criaturas. Ele é chamado "o primogênito dos mortos", não meramente porque fosse o primeiro a ressuscitar, mas porque também restaurou a vida a outros, como em outro lugar é chamado "as primícias dos que dormem" [1Co 15.20].

Para que em todas as coisas. Ele conclui disto que, em todas as coisas, a supremacia lhe pertence. Porque, se ele é o Autor e Restaura-

29 "Est si honorable et magnifique qu'il ne peut estre transferé a homme mortel." – "É honrosa e magnificente, que não pode ser transferida a um homem mortal."

dor de todas as coisas, manifesta-se que esta honra lhe é devida com toda justiça. Ao mesmo tempo, a frase *in omnibus* (*em todas as coisas*) pode ser tomada em dois sentidos – ou *acima de todas as criaturas*, ou *em tudo*. Não obstante, isto não é de muita importância, pois o significado simples é que todas as coisas estão sujeitas à sua autoridade.

19. Porque aprouve ao Pai que nele. Com vistas a confirmar o que declarara acerca de Cristo, ele agora adiciona que fora assim planejado na providência de Deus. E, inquestionavelmente, para que possamos com reverência adorar este mistério, é necessário que sejamos guiados de volta àquela fonte. Isto é assim, diz ele, "porque aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude." Ora, ele tem em mente uma plenitude de justiça, sabedoria, poder e toda bênção. Pois Deus conferiu tudo a seu Filho, para que fosse glorificado nele, como lemos em João 5.20. Entretanto, ao mesmo tempo ele nos mostra que devemos extrair da plenitude de Cristo tudo que de bom desejamos para nossa salvação, porque esta é a determinação de Deus – não comunicar a si mesmo, ou seus dons aos homens, de outro modo senão por seu Filho. "Cristo é tudo para nós; à parte dele nada possuímos." Daí se segue que tudo o que detrai de Cristo, ou que prejudica sua excelência, ou lhe rouba seu ofício ou, por fim, esvazia uma gota de sua plenitude, subverte, até onde esteja em seu poder, o eterno conselho de Deus.

20. E por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas. Esta é também um magnificente enaltecimento de Cristo: que não podemos estar unidos a Deus de outro modo senão através dele. Em primeiro lugar, consideremos que nossa felicidade consiste em aderirmos a Deus, e que, em contrapartida, nada há mais miserável do que viver alienado dele. Por conseguinte, ele declara que somos abençoados unicamente através de Cristo, visto que ele é o vínculo de nossa conexão com Deus, e, em contrapartida, fora dele somos mui miseráveis, porque somos privados de Deus.[30] Entretanto, tenhamos em mente que o que ele atribui a Cristo lhe pertence peculiarmente: que nenhuma porção deste louvor pode ser transferida para qualquer outro.[31] Disto devemos considerar

30 "Bannis de la compagnie de Dieu." – "Banidos da sociedade de Deus."
31 "Tant excellent soit-il." – "Por mais excelente que seja."

os contrastes com estas coisas como subentendidos – que, se esta é uma prerrogativa de Cristo, então não pertence a outrem. Pois com este propósito ele disputa contra os que imaginavam que os anjos eram pacificadores, através de quem se podia abrir um acesso a Deus.

Fazendo a paz pelo sangue de sua cruz. Ele fala do Pai – que se fez propício às suas criaturas pelo sangue de Cristo. Agora ele o chama *o sangue da cruz*, já que ele era o penhor e preço de nossa paz com Deus, porque ele foi derramado na cruz. Pois era necessário que o Filho de Deus fosse uma vítima expiatória, e suportasse o castigo devido ao pecado, para que "nele fôssemos feitos justiça de Deus" [2Co 5.21]. O *sangue da cruz*, pois, significa o sangue do sacrifício que foi oferecido na cruz com o fim de apaziguar a ira de Deus.

Ao adicionar **por meio dele** o apóstolo não tencionava expressar algo novo, e sim para expressar mais distintamente o que previamente afirmara e expressá-lo ainda mais profundamente na mente deles – que Cristo é o único autor da reconciliação, de modo a excluir todos os demais meios. Porquanto nem um outro foi crucificado por nós. Daí ser ele só, por meio de quem e por cuja causa temos Deus propício a nós.

Tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu. Se você se sente inclinado a entender isto como uma mera referência a criaturas racionais, então significará os homens e os anjos. É verdade que não havia nenhum absurdo estendê-la a todos sem exceção; mas, para que eu não tenha a necessidade de filosofar com demasiada sutileza, prefiro entendê-lo como uma referência aos anjos e aos homens; e, quanto a estes, não há dificuldade de que houvesse necessidade de um pacificador aos olhos de Deus. No entanto, quanto aos anjos, há uma questão de difícil solução. Pois, que ocasião há para reconciliação, onde não há discórdia nem ódio? Muitos, influenciados por esta consideração, explicaram a passagem ora diante de nós nestes termos: que os anjos tiveram de entrar em acordo com os homens, e que por isto significa que as criaturas celestiais foram restauradas ao favor com as criaturas terrenas. Não obstante, outro significado é comunicado pelas palavras de Paulo: *que Deus se reconciliou consigo mesmo*. Portanto, essa explanação é forçada.

Resta vermos qual é a reconciliação de anjos e homens. Digo que os homens têm sido reconciliados com Deus porque previamente estavam alienados dele mediante o pecado, e porque assim o teriam como Juiz para sua ruína,[32] não houvera a graça do Mediador se interposto para apaziguar sua ira. Daí a natureza da pacificação entre Deus e os homens foi esta: que os inimigos foram abolidos através de Cristo, e assim Deus veio a ser Pai em vez de Juiz.

Entre Deus e os anjos o estado das coisas é muito diferente, pois *ali*[33] não há revolta, nem pecado e, conseqüentemente, nem separação. Entretanto, era necessário que os anjos, igualmente, vivessem em paz com Deus, porque, sendo criaturas, não estavam fora do risco de cair, não fossem confirmados pela graça de Cristo. Não obstante, isto não é de pouca importância para a perpetuidade da paz com Deus: ter uma posição fixa na justiça, de modo a não mais nutrir receio de cair ou de se revoltar. Demais, nessa mesma obediência que rendiam a Deus não havia uma perfeição tão absoluta que se desse a Deus satisfação em cada aspecto e sem a necessidade de perdão. E isto, além de qualquer dúvida, é o que está implícito por aquela afirmação em Jó 4.18: "Ele achará iniqüidade em seus anjos." Porque, se for explicado como sendo uma referência ao diabo, que coisa poderosa é essa? Mas ali o Espírito declara que a maior pureza é vileza,[34] se introduzir uma comparação com a justiça de Deus. Devemos, pois, concluir que não há da parte dos anjos tanta justiça que fosse suficiente para sua perfeita união com Deus. Portanto, eles têm necessidade de um pacificador, por cuja graça aderissem a Deus plenamente. Daí é com propriedade que Paulo declara que a graça de Cristo não reside somente entre o gênero humano, e, em contrapartida, a faz comum também aos anjos. Tampouco se faz alguma injustiça aos anjos enviá-los a um Mediador a fim de que, através de sua bondade, tenham uma paz bem sólida com Deus.

---

32 "A leur confusion et ruine." – "Para sua confusão e ruína."

33 "En eux." – "Entre eles."

34 "Que la plus grande purete qu'on pourroit trouver, ne sera que vilenie et ordure." – "Que a maior pureza que se pudesse encontrar nada será senão imundícia e poluição."

Alguém, sob o pretexto da universalidade da expressão,[35] suscitaria uma questão em referência aos demônios, se Cristo fosse também seu pacificador? Minha resposta é não! Nem mesmo dos homens perversos; ainda que eu confesse que haja certa diferença, visto que o benefício da redenção é oferecido aos últimos, porém não aos primeiros.[36] Entretanto, isto nada tem a ver com as palavras de Paulo, as quais nada mais incluem além disto: que é através de Cristo somente que todas as criaturas, que mantêm alguma conexão absoluta com Deus, aderem a ele.

21. A vós também, que outrora éreis estranhos, e inimigos no entendimento por vossas obras más,

22. agora, contudo, vos reconciliou no corpo de sua carne, pela morte, a fim de perante ele vos apresentar santos, sem defeito e irrepreensíveis,

23. se é que permaneceis na fé, fundados e firmes, não vos deixando apartar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, fui constituído ministro.

21. Et vos quum aliquando essetis alienati, et inimici cogitatione in operibus malis,

22. Nunc reconciliavit in corpore carnis suae per mortem; ut sisteret vos sanctos et irreprehensibiles in conspectu suo:

23. Si quidem permanetis fide fundati et firmi, et non dimoveamini a spe Evangelii quod audistis: quod praedicatum est paud universam creaturam, quae sub coelo est: cuius factus sum ego Paulus minister.

21. E que outrora éreis estranhos. A doutrina geral que tinha apresentado, ele agora aplica particularmente a eles, para que sintam que são culpados de imensa ingratidão, se permitissem que fossem afastados de Cristo para novas invenções. E é preciso observar detidamente este arranjo, porque a aplicação particular de uma doutrina, por assim dizer, afeta a mente mais poderosamente. Ademais, ele conduz as expectativas deles à concretização, para que reconhecessem em si mesmos o benefício daquela redenção da qual fizera menção. "Vós mesmos sois um exemplo daquela graça que declaro haver sido oferecida à humanidade através de Cristo. Pois éreis *alienados*, isto é, de Deus. Éreis *inimigos*; agora sois

35 "Sous ombre de ce mot, *Toutes choses*." – "Sob o pretexto desta expressão: *Todas as coisas*."

36 "Est offert aux meschans et reprouuez, et non pás aux diables." – "É oferecido aos perversos e réprobos, porém não aos demônios."

recebidos com favor; donde vem isto? Do fato de Deus, uma vez apaziguado pela morte de Cristo, ser reconciliado convosco." Ao mesmo tempo, há nesta afirmação uma mudança de pessoa, pois o que previamente declarou quanto ao Pai, agora afirma com respeito a Cristo; pois devemos, necessariamente, explicá-lo assim: "no corpo de *sua* carne."

Explico o termo διανοίας (*pensamento*) como sendo empregado à guisa de ampliação, como se dissesse que eram totalmente e na totalidade de seu sistema mental *alienados de Deus*, para que ninguém imaginasse, como fazem os filósofos, que a alienação é meramente uma parte particular, como os teólogos papais a restringem aos apetites inferiores. "Não", diz Paulo, "o que vos torna odiosos a Deus tomou posse de toda vossa mente." Enfim, ele pretende notificar que o homem, seja quem for, está totalmente em oposição a Deus e é inimigo dele. O antigo intérprete o traduz por *sentido* (*sensum*). Erasmo o traduz por *mentem* (*mente*). Tenho usado o termo *cogitationis*, para denotar o que o francês chama *intention*. Pois essa é a força da palavra grega, e o significado de Paulo requer que ele seja traduzido assim.

Ademais, enquanto o termo *inimigos* tem uma significação passiva, e também uma ativa, nos é bem apropriado em ambos os aspectos, na medida em que somos parte de Cristo. Porquanto nascemos filhos da ira, e cada pensamento da carne é "inimizade contra Deus" [Rm 8.7].

Vossas obras más. Com base em seus efeitos, ele mostra o ódio interior que jaz oculto no coração. Pois como a humanidade luta para livrar-se de toda culpa, até que seja publicamente convencida, Deus lhe exibe sua impiedade através das obras externas, como encontramos mais amplamente tratada em Romanos 1.19. Ademais, o que nos é dito aqui, quanto aos colossenses, nos é aplicável também, pois em nada diferimos com respeito à natureza. Há apenas esta diferença: que alguns são chamados desde o ventre materno, cuja malícia Deus antecipa, a ponto de impedi-los de prorromper em frutos públicos; enquanto que outros, depois de haver vagueado durante grande parte de sua vida, são trazidos de volta ao redil. Não obstante, todos nós te-

mos necessidade de Cristo como nosso pacificador, porquanto somos escravos do pecado, e onde está o pecado, *aí* está a inimizade entre Deus e o homem.

22. No corpo de sua carne. A expressão é aparentemente absurda, mas *o corpo de sua carne* significa aquele corpo humano que o Filho de Deus teve em comum conosco. Portanto, sua intenção é notificar que o Filho de Deus teve de vestir-se da mesma natureza conosco, que ele tomou sobre si este vil corpo terreno, sujeito a muitas enfermidades, para que pudesse ser nosso Mediador. Ao adicionar, *pela morte*, uma vez mais nos chama de volta ao sacrifício. Pois era necessário que o Filho de Deus se tornasse homem e se fizesse participante de nossa carne, para vir a ser nosso irmão; era necessário que ele, ao morrer, se tornasse um sacrifício, para fazer com que seu Pai se nos fizesse propício.

Para apresentar-nos santos. Aqui temos a segunda e principal parte de nossa salvação – novidade de vida. Pois a totalidade da bênção da redenção consiste principalmente nestas duas coisas: remissão de pecados e regeneração espiritual [Jr 31.33]. O que ele já expressou era uma grande questão: que a justiça nos foi granjeada através da morte de Cristo, de modo que nossos pecados, uma vez perdoados, passamos a ser aceitáveis a Deus. No entanto, agora ele nos ensina que há, em adição a isto, outro benefício igualmente extraordinário – o dom do Espírito Santo, pelo qual somos renovados na imagem de Deus. Esta é também uma passagem digna de observação, a qual nos mostra que uma justiça gratuita não nos é conferida em Cristo sem que, ao mesmo tempo, sejamos regenerados pelo Espírito para a obediência à justiça, como nos ensina em outro lugar: que Cristo "se nos tornou justiça e santificação" [1Co 1.30]. Obtemos a *primeira* mediante uma aceitação gratuita;[37] e a *segunda* mediante o dom do Espírito Santo, quando somos feitos novas criaturas. No entanto, há uma conexão inseparável entre estas duas bênçãos da graça.

Entretanto, notemos bem que esta santidade nada mais é do que aquilo que começou em nós e deveras a cada dia vai fazendo progresso,

37 "Par l'acceptation gratuite de Dieu, c'est a dire pource qu'il nous accepte et ha agreables." – "Pela aceitação gratuita de Deus, isto é, porque ele nos aceita e nos considera com favor."

porém não será perfeito até que Cristo se manifeste para a restauração de todas as coisas. Pois os celestinos[38] e os pelagianos, nos tempos antigos, equivocadamente perverteram esta passagem a ponto de excluir o gracioso benefício do perdão dos pecados. Pois concebiam uma perfeição neste mundo que poderia satisfazer o juízo divino, de modo que a misericórdia já não era necessária. Paulo, contudo, de modo algum nos mostra aqui o que é realizado neste mundo, mas qual é o fim de nossa vocação e quais as bênçãos que nos foram trazidas por Cristo.

23. Se é que permaneceis. Temos aqui uma exortação à perseverança, pela qual ele os admoesta que toda a graça que lhes foi conferida até aqui seria vã, a menos que perseverassem na pureza do evangelho. E assim ele notifica que no momento estão apenas fazendo progresso e ainda não atingiram o alvo. Pois a estabilidade de sua fé estava naquele tempo exposta a perigo através das cilada dos falsos apóstolos. Ele agora pinta em cores vivas a segurança da fé quando convida os colossenses a permanecerem *fundamentados* e *firmados* nela. Pois a fé não é como uma mera opinião, a qual se abala por movimentos vários, mas, ao contrário, tem uma firme prontidão que pode repelir todas as maquinações do inferno. Daí todo o sistema da teologia papal jamais produzirá mesmo o mais leve sabor da verdadeira fé, a qual mantém como um ponto estabelecido que devemos viver sempre em dúvida acerca do presente estada da graça, bem como acerca da perseverança final. Em seguida ele observa também um relacionamento[39] que existe entre a fé e o evangelho, ao dizer que os colossenses serão *estabelecidos* na fé, só no caso de não recuarem da *esperança do evangelho*; isto é, a esperança que resplandece em nós através do evangelho, pois onde o evangelho está, *ali* está a esperança da salvação eterna. Entretanto, tenhamos em mente que a suma de tudo está contida em Cristo. Daí ele lhes prescreve aqui que se esquivem de todas as doutrinas que se afastam de Cristo, de modo que as mentes dos homens se ocupem de outras coisas.

38 Os seguidores de Celestius, que, juntamente com os pelagianos, mantiveram os pontos de vista subversivos da doutrina do pecado original, da necessidade da graça divina e outras doutrinas de um caráter semelhante.

39 "Vne relation et correspondence mutuelle." – "Uma relação e correspondência mútuas."

Que ouvistes. Como os próprios falsos profetas, que rasgam e laceram Cristo em pedaços, costumam orgulhosamente se vangloriar no mero nome do evangelho, e como é um comum artifício de Satanás perturbar as consciências dos homens sob um falso pretexto do evangelho, a fim de que a veracidade do evangelho seja precipitada em confusão,[40] Paulo, por esta conta, declara expressamente que *esse* era o evangelho genuíno,[41] que *esse* era o evangelho indubitável, o qual os colossenses haviam ouvido, isto é, da parte de Epafras, para que não inclinassem os ouvidos a doutrinas que diferissem dele. Além disso, ele acrescenta uma confirmação dele: que é aquele mesmo que era proclamado pelo mundo inteiro. Digo que não é uma confirmação ordinária quando ouvem que têm toda a Igreja concordando com eles, e que não seguem outra doutrina além daquela que os apóstolos também ensinavam e em toda parte era recebida e aceita.

Não obstante, é ridícula a ostentação dos papistas com respeito ao ato de impugnarem nossa doutrina mediante o argumento de que ela não é proclamada por toda parte com aprovação e aplauso, visto que contamos com poucos que a aceitam. Porque, ainda que explodam, jamais nos privarão disto – que hoje nada ensinamos que outrora não fosse proclamado pelos profetas e apóstolos, e recebido por toda a associação dos santos com toda obediência. Pois não tinham em mente que o evangelho fosse aprovado pelo consenso de todas as épocas,[42] de tal maneira que, se fosse rejeitado, sua autoridade seria abalada. Ao contrário disso, ele tinha um olho naquele mandamento de Cristo: "Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura" [Mc 16.15]; mandamento este que depende de tantas predições dos profetas, os quais prediziam que o reino de Cristo se difundiria por todo o mundo. Que outra coisa Paulo tinha em mente, por estas palavras, senão que os colossenses estavam sendo regados por aquelas *correntes vivas*, que

40 "Demeure en confus, et qu'on ne seache que c'est." – "Permaneça em confusão e não se conheça o que ele é."

41 "Vray et naturel." – "Verdadeiro e genuíno."

42 "Car Sainct Paul n' a pas voulu dire que l'approbation de l'Euangile dependist du consentement de tous siecles." – "Pois São Paulo não tinha em mente dizer que a aprovação do evangelho dependa do consenso de todas as eras."

emanavam de Jerusalém, as quais fluiriam pelo mundo inteiro [Zc 14.8]?

Nós também não nos gloriamos em vão, ou sem o fruto e consolação[43] notáveis de que temos o mesmo evangelho, o qual é proclamado entre todas as nações pelo mandamento do Senhor, o qual é recebido por todas as igrejas, e em cuja profissão todas as pessoas piedosas têm vivido e morrido. Também não é um comum auxílio a fortificar-nos contra tantos assaltos, o fato de termos o consenso de toda a Igreja – com isso tenho em mente a Igreja que é digna de tão eminente título. Também subscrevemos cordialmente aos pontos de vista de Agostinho, que refuta os donatistas[44] particularmente com este argumento: que apresentavam um evangelho que em todas as igrejas era inaudito e desconhecido. Realmente isto é afirmado sobre boas bases, pois se o que se apresenta é um evangelho verdadeiro, enquanto não for ratificado por alguma aprovação por parte da Igreja, segue-se que são vãs e falsas as muitas promessas nas quais se prediz que a pregação do evangelho será levada pelo mundo inteiro, e as quais declaram que *os filhos de Deus serão congregados dentre todas as nações e países etc.* [Os 1.10, 11]. No entanto, o que fazem os papistas? Dando adeus aos profetas e apóstolos, e se esquivando da Igreja antiga, pretendem que sua revolta contra o evangelho conte com o consenso da Igreja universal. Onde está a semelhança? Daí, quando houver uma disputa sobre o consenso da Igreja, voltemo-nos aos apóstolos e à sua pregação, como faz Paulo aqui. Demais, para que ninguém explicasse com demasiada rigidez, fazendo o termo denotar universalidade,[45] Paulo tem em mente simplesmente que ele fora pregado por toda parte e amplamente.

Do qual fui constituído. Ele fala também de si, pessoalmente, e isto era de fato necessário, pois devemos sempre ter cuidado de não nos intrometermos temerariamente no ofício da instrução.[46] Conseqüentemente, ele declara que este ofício lhe fora designado, com o intuito de assegurar

43 "Ne sans vn fruit singulier et consolation merueilleuse." – "Não sem o notável fruto e a maravilhosa consolação."

44 Os donatistas compunham uma seita oriunda da África durante o quarto século, e foram vigorosamente combatidos por Agostinho.

45 "Ce mot, *Toute*." – "Este mundo, *todo*."

46 "De prescher et enseigner." – "Da pregação e do ensino."

para si direito e autoridade. E deveras ele assim conecta seu apostolado com a fé deles, para que não tivessem o poder de rejeitar sua doutrina de outro modo senão abandonando o evangelho que haviam abraçado.

24. Agora me regozijo no meio de meus sofrimentos por vós, e cumpro em minha carne o que reta das aflições de Cristo, por amor de seu corpo, que é a igreja;

25. da qual eu fui constituído ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, a fim de cumprir a palavra de Deus,

26. o mistério que esteve oculto dos séculos, e das gerações; mas agora foi manifestado a seus santos,

27. a quem Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, a esperança da glória;

28. o qual nós anunciamos, admoestando a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo;

29. para isso também trabalho, lutando segundo sua eficácia, que opera em mim poderosamente.

24. Nunc gaudeo in passionibus pro vobis, et adimpleo ea quae desunt afflictionibus Christi in carne mea, pro corpore eius, quod est Ecclesia:

25. Cuius factus sum minister, secundum dispensationem Dei, quae mihi data est erga vos, ad implendum sermonem Dei:

26. Mysterium reconditum a saeculis et generationibus, quod nunc revelatum est sanctis eius.

27. Quibus voluit Deus patefacere, quae sint divitiae gloriae mysterii huius in Gentibus, qui est Christus in vobis, spes gloriae:

28. Quem nos praedicamus, admonentes omnem hominem, et docentes omnem hominem in omni sapientia, ut sistamus omnem hominem perfectum in Christo Iesu.

29. In quam re metiam laboro, decertans secundum potentiam eius, quae operatur in me potenter.

24. Agora me regozijo. Ele previamente reivindicara para si autoridade com base em sua vocação. Agora, contudo, ele faz provisão para que a honra de seu apostolado não fosse denegrida pelos acordos e perseguições, os quais ele suportava por amor ao evangelho. Pois Satanás também perversamente converte essas coisas em ocasiões para tornar os servos de Deus ainda mais desprezíveis. Demais, ele os encoraja por seu exemplo, não para se deixar intimidar pelas perseguições, e põe diante dos olhos deles seu zelo, para que tenha maior peso.[47] Mais ainda, ele dá prova de sua afeição por eles, não

47 "Et monstre le grand zele qu'il auoit, afin qu'il y ait plus de poids et authorite en ce qu'il dit." – "E mostra o grande zelo que sentia, para que tivesse maior peso e autoridade no que afirma."

por demonstração comum, quando declara que espontaneamente, por causa deles, suporta aflições. "Mas, donde", perguntaria alguém, "provém esta *alegria*?" De sua visão do fruto procedente dela. "A aflição que suporto por vossa causa me é deleitoso, porque não a sofro em vão."[48] Da mesma maneira, em sua Primeira Epístola aos Tessalonicenses, ele diz que "se regozijava em todas as necessidades e aflições", motivado por ouvir acerca da fé deles [1Ts 3.6, 7].

E preencho o que falta. Entendo a partícula *e* no sentido de *pois*, porquanto ele designa uma razão pela qual se sente jubiloso em seus sofrimentos, porque ele é nesta ação um parceiro de Cristo, e nada mais feliz se pode desejar do que esta parceria.[49] Ele apresenta ainda uma consolação comum a todos os santos: que em todas as tribulações, especialmente até onde sofriam algo por causa do evangelho, são participantes da cruz de Cristo, para que desfrutem com ele de companheirismo numa bendita ressurreição.

Mais ainda, ele declara que assim "preenchia o que está faltando na aflição de Cristo". Pois, como fala em Romanos 8.29, "porque os que dantes elegeu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos." Demais, sabemos que há tão grande unidade entre Cristo e seus membros, que o nome de *Cristo* às vezes inclui todo o corpo, como em 1 Coríntios 12.12, pois enquanto ali discursa sobre a Igreja, por fim chega à conclusão que em Cristo se mantém a mesma realidade que no corpo humano. Como, pois, Cristo sofreu *uma vez* em sua própria pessoa, assim ele sofre *diariamente* em seus membros, e desta maneira ali são *preenchidos* aqueles sofrimentos que o Pai designara para seu corpo mediante seu decreto.[50]

---

48 "M'est douce et gracieuse, pource qu'elle n'est point inutile." – "É-me doce e agradável, porque ela não é sem proveito."

49 "Ceste societe et conionction." – "Esta comunhão e conexão."

50 "É digno de nota que o apóstolo não diz παθηματα, a *paixão* de Cristo, mas simplesmente θλιψεις, as *aflições*; tal como é comum em todos os homens bons dar testemunho contra os métodos e formas de um mundo perverso. É nisto que o apóstolo tinha participação, não na paixão de Cristo." – Dr. A. Clarke.

Aqui temos uma segunda consideração, a qual deve estar impressa em nossa mente e assim a conforte nas aflições, que é tão fixo e determinado pela providência de Deus o fato de que devemos nos conformar a Cristo quanto a suportar a cruz, e que a comunhão que temos com ele se estende a isto também.

Ele adiciona ainda uma terceira razão – que seus sofrimentos são vantajosos, e isso não meramente a uns poucos, mas a toda a Igreja. Ele afirmara previamente que sofria por causa dos colossenses, e agora declara ainda mais que a vantagem se estende a toda a Igreja. Esta vantagem foi expressa em Filipenses 1.12. O que poderia ser mais claro, menos forçado, ou mais simples do que esta exposição, de que Paulo se alegra na perseguição porque considera, em concordância com o que escreve em outro lugar, que devemos "levar em nosso corpo a mortificação de Cristo, para que sua vida se manifeste em nós" [2Co 4.10]? Diz ainda em Timóteo: "Se com ele sofrermos, para que também vivamos com ele" [2Tm 2.11, 12], e assim o resultado será bendito e glorioso. Além disso, ele considera que não devemos rejeitar a condição que Deus designara para sua Igreja, para que os membros de Cristo tenham uma adequada correspondência com a cabeça; e, em terceiro lugar, que as aflições devem ser alegremente suportadas, visto que são proveitosas a todos os santos, e promovem o bem-estar de toda a Igreja, adornando a doutrina do evangelho.

Os papistas, contudo, desrespeitando e descartando todas estas coisas,[51] puseram no lugar uma nova invenção a fim de estabelecer seu sistema de indulgências. Dão o nome de *indulgências* a uma remissão dos castigos, obtida por nós através dos méritos dos mártires. Pois, como negam que haja um perdão gratuito dos pecados, e alegam que são redimidos por atos *satisfatórios*, quando as *satisfações* não preenchem a medida certa, evocam em seu socorro o sangue dos mártires, para que, juntamente com o sangue de Cristo, sirva de expiação no julgamento de Deus. E a esta

51 "Mais quoy? Les Papistes laissans tou ceci." – "E então? Os papistas, deixando tudo isto."

mistura chamam *o tesouro da Igreja*, cujas chaves confiam depois a quem crêem ser apto. Tampouco se envergonham de torcer esta passagem com vistas a corroborar tão execrável blasfêmia, como se Paulo, aqui, afirmasse que seus sofrimentos têm validade para expiar os pecados dos homens.

Insistem em sua corroboração ao termo ὑστερήματα (*as coisas que restam* ou *faltam*), como se Paulo quisesse dizer que os sofrimentos que Cristo suportou pela redenção dos homens fossem insuficientes. Não obstante, ninguém há que não perceba que Paulo fala desta maneira por ser necessário que, pelas aflições dos santos, o corpo da Igreja seja levado à sua perfeição, visto que os membros são conformados à sua cabeça.[52] Eu também temeria ser suspeito de calúnia com respeito às coisas tão monstruosas,[53] se seus livros não fossem testemunhas de que nada lhes imputo infundadamente.

Insistem ainda que Paulo diz que ele sofre *por* a Igreja. É surpreendente que esta refinada interpretação não ocorresse a nenhum dos antigos, pois todos interpretaram isto como fazemos, no sentido de que os santos sofrem *por* a Igreja, já que confirmam a fé da Igreja. Os papistas, contudo, deduzem disto que os santos são redentores, porque derramam seu sangue pela expiação dos pecados. Para que meus leitores, contudo, percebam mais claramente o cinismo deles, admitam que os mártires, tanto quanto Cristo, sofreram *por* a Igreja, mas de maneira diferente, como me sinto inclinado a expressar nas palavras de Agostinho, antes que em minhas próprias. Pois ele escreve assim em seu tratado 84 sobre João: "Ainda que nós, irmãos, morramos pelos irmãos, contudo não há sangue de qualquer mártir que seja

52 "Não devemos presumir que nosso Senhor deixou alguns sofrimentos para que fossem suportados por Paulo, ou por algum outro, como expiação dos pecados ou resgate das almas de seu povo. O *preenchimento* de que Paulo fala não é uma suplementação dos sofrimentos pessoais de Cristo, mas é a completação daquela participação que divide consigo como um dos membros de Cristo, como sofrimentos que, da união íntima entre a cabeça e os membros, podem ser chamados *seus* sofrimentos. Cristo vivia em Paulo, falava em Paulo, agia em Paulo, sofria em Paulo; e, num sentido semelhante, os sofrimentos de cada cristão, por Cristo, são os sofrimentos de Cristo." – Brown's Expository Discourses on Peter, vol. iii. pp. 69, 70.

53 "Tels blasphemes horribeles." – "Tais horríveis blasfêmias."

derramado para a remissão dos pecados. Cristo já fez isto por nós. Tampouco ele, nisto, nos conferiu matéria de imitação, mas motivo de ação de graças." Ainda, no quarto livro a Bonifácio: "Como o único Filho de Deus veio a ser o Filho do homem, para com poder fazer de nós filhos de Deus, assim tão-somente ele, sem ofensa, suportou o castigo por nós, para que, através dele, sem mérito, obtivéssemos favor imerecido." Semelhante a estas é a afirmação de Leão, bispo de Roma: "Os justos *receberam* coroas, não que deram; e para o fortalecimento dos crentes que ali apresentaram *exemplos de paciência, não dons de justiça*. Pois sua morte foi para si próprios, e ninguém, para este fim, paga a dívida de outro."

Ora, que este é o significado das palavras de Paulo, prova-se sobejamente à luz do contexto, pois ele adiciona que sofre "segundo a dispensação que lhe fora confiada". E bem sabemos que lhe fora confiado o ministério, não de *redimir* a Igreja, mas de *edificá-la*; e ele mesmo, logo a seguir, reconhece isto expressamente. Da mesma forma, é isto o que escreve a Timóteo: "Por isso, tudo suporto por amor dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que há em Cristo Jesus com glória eterna" [2Tm 2.10]. Também, em 2 Coríntios 1.4, que ele voluntariamente "suporta todas as coisas para sua consolação e salvação". Portanto, que os leitores piedosos aprendam a odiar e detestar àqueles sofistas profanos que de modo deliberado corrompem e adulteram as Escrituras a fim de poderem dar mais cores às suas ilusões.

25. Da qual eu fui constituído ministro. Observe-se sob que caráter ele sofre pela Igreja – na qualidade de *ministro*, não de *pagador* do preço de redenção (como Agostinho destemida e piedosamente se expressa), e sim com o objetivo de *proclamá-la*. No entanto, ele se chama, neste caso, ministro da Igreja, sobre uma base diferente da qual se denomina em outro lugar [1Co 4.1], a saber, *ministro de Deus*; e, um pouco antes [v. 23], *ministro do evangelho*. Pois o apóstolo serve a Deus e a Cristo em prol do avanço da glória de ambos; eles servem à Igreja e administram o próprio evangelho, com vistas a promover a

salvação. Portanto, há uma diferente razão para o ministério nestas expressões, mas um não pode subsistir sem o outro. No entanto, ele diz *para convosco*, para que soubessem que seu ofício tem conexão também com eles.

A fim de cumprir a palavra. Ele declara o propósito de seu ministério – para que a palavra de Deus seja eficaz, como de fato é, quando recebida com obediência. Pois esta é a excelência do evangelho, que é "o poder de Deus para a salvação de todo o que crê" [Rm 1.16]. Deus, portanto, imprime eficácia e influência à sua palavra pela instrumentalidade dos apóstolos. Pois ainda que a pregação por si só, seja qual for o resultado, é o cumprimento da palavra, contudo é o fruto que por fim revela[54] que a semente não foi semeada em vão.

26. O mistério que esteve oculto. Aqui temos um enaltecimento do evangelho – que ele é um maravilhoso segredo de Deus. Não é sem boa razão que Paulo tão repetidamente enalteça o evangelho, lhe outorgando as mais elevadas recomendações que lhe era possível; porquanto via que ele era um "escândalo para os judeus e uma loucura para os gregos" [1Co 1.23]. Vemos ainda nestes dias em que ódio ele é tido pelos hipócritas e quão arrogantemente é condenado pelo mundo. Em conseqüência, Paulo, com vistas a descartar juízos tão injustos e perversos, enaltece em termos gloriosos a dignidade do evangelho, na medida em que se lhe apresenta uma oportunidade, e com aquele propósito de fazer uso de vários argumentos, segundo a conexão da passagem. Aqui ele o chama de um *sublime segredo*, que estivera *oculto desde eras e gerações*, isto é, desde o princípio do mundo, através de tantas revoluções dos tempos.[55] Ora, que ele está falando do evangelho, é evidente à luz de Romanos 16.25; Efésios 3.9; e outras passagens afins.

Não obstante, pergunta-se a razão pela qual ele é assim chamado.

54 "Toutesfois c'est a proprement, parler, lê fruit qui monstre en fin." – "Contudo ele é, propriamente dito, o fruto que por fim se revela."

55 "D'annees et sieclcs;" — "De anos e eras."

Alguns, em conseqüência de Paulo fazer menção expressa da vocação dos gentios, são de opinião que a única razão por que ele é assim chamado é que o Senhor contrariando, de certa maneira, toda e qualquer expectativa, derramou sua graça sobre os gentios, a quem pareciam que ele impedira para sempre da participação da vida eterna. Todo aquele, contudo, que porventura examina toda a passagem mais detidamente, perceberá que esta é a *terceira* razão, não a *única*, no que me diz respeito, que relaciona a passagem ora diante de nós e aquela outra em Romanos, a que me referi. Pois a *primeira* é que, enquanto Deus, previamente ao advento de Cristo, governava sua Igreja sob a cobertura das sombras, sejam em palavras, sejam nas cerimônias, de repente resplandeceu em pleno fulgor por meio da doutrina do evangelho. A *segunda* é que, enquanto nada se via previamente, por meio de figuras externas Cristo foi exibido, trazendo consigo a plena verdade, a qual estivera oculta. A *terceira* é a que já mencionei – que o mundo inteiro, que até aquele tempo estivera alienado de Deus, é chamado à esperança da salvação, e a mesma herança de vida eterna é oferecida a todos. Uma atenta consideração destas coisas nos constrange a reverenciar e a adorar este *mistério* que Paulo proclama, por mais que seja tido em desprezo pelo mundo, ou mesmo em escárnio.

O qual é agora revelado. Para que ninguém subvertesse o outro significado do termo *mistério*, como se o apóstolo estivesse falando de uma coisa que ainda se conservava oculta e desconhecida, ele adiciona que por fim ele agora fora anunciado,[56] para que fosse conhecido de toda a humanidade. O que, pois, em sua própria natureza era segredo, foi feito manifesto pela vontade de Deus. Daí não haver razão por que sua obscuridade nos alarme, depois da revelação que Deus nos fez dele. Entretanto, ele adiciona *aos santos*, pois o *braço* de Deus não foi revelado a todos [Is 53.1], para que entendessem seu conselho.

27. A quem Deus quis fazer conhecer. Aqui ele põe freio à presunção

56 "Publié et manifesté." – "Anunciado e manifestado."

dos homens, para que não se permitam ser mais sábios ou investiguem além do que devem, mas que aprendam a repousar satisfeitos nesta única coisa – o que seja do agrado de Deus. Pois o beneplácito de Deus nos deve ser perfeitamente suficiente como uma razão. No entanto, isto é dito principalmente com o propósito de enaltecer a graça de Deus; pois Paulo notifica que o gênero humano de modo algum forneceu ocasião de Deus fazê-los participantes deste segredo, ao ensinar que Deus fora levado a isto por sua própria decisão e porque lhe foi do agrado agir assim. Pois é costume de Paulo colocar o beneplácito de Deus em oposição a todos os méritos humanos e às causas externas.

Quais são as riquezas. Devemos sempre notar bem em que gloriosos termos ele fala ao enaltecer a dignidade do evangelho. Pois ele era bem ciente de que a ingratidão dos homens é tão profunda que, a despeito de este tesouro ser inestimável, e a graça de Deus nele tão eminente, contudo displicentemente a desprezam ou, pelo menos, pensam nela o mínimo possível. Daí, não descansando satisfeitos com o termo *mistério*, ele adiciona *glória*, e esta também não é trivial nem comum. Pois *riquezas*, segundo Paulo, denota, como bem se sabe, amplitude.[57] Ele declara, particularmente, que essas *riquezas* se manifestaram entre os gentios, pois o que é mais maravilhoso do que o fato de que os gentios, que durante tantos séculos viveram imersos em morte, a ponto de parecer como se estivessem plenamente arruinados, de repente são contados no número dos filhos de Deus, e recebem a herança da salvação?

Que é Cristo em vós. O que ele dissera quanto aos gentios se aplica aos próprios colossenses em geral, para que mais eficazmente reconhecessem em si mesmos a graça de Deus e a abraçassem com maior reverência. Portanto, ele diz *que está em Cristo*, com isto significando que todo aquele segredo está contido em Cristo, e que todas as riquezas da sabedoria celestial são obtidas por eles quando passam a possuir Cristo, como o veremos declarando mais abertamente um pouco mais adiante. E adiciona *em vós*, porque agora eles possuem a Cristo, de quem há pouco

57 "Signifient *magnificcence*." – "Denota *magnificência*."

estavam tão alienados que nada podia exceder tal situação. Por fim, ele denomina Cristo a *esperança da glória*, para que soubessem que nada lhes está faltando para a completa bem-aventurança, quando já possuem a Cristo. Não obstante, esta é uma maravilhosa obra de Deus, que em vasos de *barro* e *frágeis* [2Co 4.7] reside a esperança da glória celestial.

28. O qual anunciamos. Aqui ele aplica à sua própria pregação tudo o que previamente declarara quanto ao segredo maravilhoso e adorável de Deus; e assim ele explica o que já tocara de leve quanto à *dispensação* que lhe fora confiada; pois ele tem em vista adornar seu apostolado e reivindicar autoridade para sua doutrina; pois após haver enaltecido o evangelho em termos os mais elevados, ele agora adiciona que este é aquele segredo divino que anuncia. Entretanto, não é sem boa razão que notara um pouco antes que Cristo é a soma daquele segredo, para que soubessem que nada pode ser ensinado que seja mais perfeito do que Cristo.

As expressões que seguem têm também grande peso. Ele representa a si mesmo como o mestre de todos os homens; significando com isto que ninguém é tão eminente com respeito à sabedoria a ponto de ter o direito de isentar-se de instrução. "Deus me colocou numa posição sublime, como um arauto público de seu segredo, para que o mundo todo, sem exceção, aprenda de mim."

Em toda sabedoria. Esta expressão é equivalente à sua afirmação de que sua doutrina é tal que pode conduzir o homem àquela sabedoria que é perfeita e de nada carece; e isto é o que ele adiciona imediatamente: que todos quantos demonstram ser verdadeiros discípulos se tornarão *perfeitos*. Veja-se o segundo capítulo de 1 Coríntios [1Co 2.6]. Ora, que melhor se pode desejar que o que nos confere a mais sublime perfeição? Uma vez mais, ele reitera *em Cristo*, para que não desejassem saber nada senão tão-somente Cristo. Desta passagem, também, podemos deduzir uma definição da verdadeira sabedoria: aquela pela qual somos apresentados perfeitos aos olhos de Deus, e isso *em Cristo*,

e em nenhum outro lugar.[58]

29. Para isso também. Ele reforça, por dois motivos, a glória de seu apostolado e de sua doutrina. Em primeiro lugar, ele faz menção de seu alvo,[59] que é um emblema da dificuldade que ele sentia; pois aquelas coisas que em sua maior parte são excelências, geralmente são mais difíceis. A segunda razão tem mais força, visto que ele menciona que o poder de Deus resplandece em seu ministério. Contudo, ele não fala meramente do sucesso de sua pregação (embora nela a bênção de Deus também se manifesta), mas também da eficácia do Espírito, na qual Deus se exibiu claramente; pois ele atribui seus esforços a bons motivos, visto que excediam aos limites humanos, apoiando-se no poder de Deus, o qual, ele declara, é visto *operando poderosamente* nesta oportunidade.

58 "Et non en autre." – "E não em outro."
59 "Son travaille et peine." – "Seu labor e tribulação."

Capítulo 2

1. Pois gostaria que soubésseis quão grande conflito tenho por vós, e pelos de Laodicéia e por quantos não viram minha face na carne;

2. para que seus corações sejam confortados, estando unidos em amor, e em todas as riquezas do entendimento para o conhecimento do mistério de Deus e do Pai e de Cristo,

3. em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.

4. E isto digo para que ninguém vos engane com palavras persuasivas.

5. Pois ainda que eu esteja ausente quanto ao corpo, contudo em espírito estou convosco, regozijando-me e vendo vossa ordem e a firmeza de vossa fé em Cristo.

1. Volo autem vos scire, quantum certamen habeam pro vobis et iis qui sunt Laodiceae, et quicunque non viderunt faciem meam in carne;

2. Ut consolationem accipiant corda ipsorum, ubi compacti fuerint in caritate, et in omnes divitias certitudinis intelligentiae, in agnitionem mysterii Dei, et Patris, et Christi;

3. In quo sunt omnes theauri sapientiae et intelligentiae absconditi.

4. Hoc autem dico, ne quis vos decipiat persuasorio sermone.

5. Nam etsi corpore sum absens, spiritu tamen sum vobiscum, gaudens et videns ordinem vestrum, et stabilitatem vestrae in Christum fidei.

1. Eu gostaria que soubésseis. Ele declara sua afeição para com eles, a fim de que tivesse mais crédito e autoridade; pois prontamente cremos naqueles que bem sabemos estar desejosos de nosso bem-estar. É ainda uma evidência de uma afeição incomum quando nos preocupamos com aqueles que se avizinham da morte, isto é, quando sua vida corre risco; e, para expressar mais enfaticamente a intensidade de sua afeição e preocupação, ele o denomina de *conflito*. Não vejo falha na tradução de Erasmo – *ansiedade*; mas, ao mesmo tempo, é preciso notar bem a força da palavra grega, pois ἀγών é usado para de-

notar *contenda*. Pela mesma prova ele confirma sua afirmação de que seu ministério lhe é dirigido; pois donde emana tão ansiosa preocupação com seu bem-estar, senão disto: que o apóstolo dos gentios estava sob obrigação de em sua afeição e preocupação abraçar até mesmo aqueles que lhe eram desconhecidos? Não obstante, visto que comumente não há amor mútuo entre os que são desconhecidos, ele fala ligeiramente da familiaridade que não é conhecida dos olhos, ao dizer: *quantos não viram minha face na carne*; pois existe entre os servos de Deus uma visão diferente daquela da carne, a qual excita o amor. Quando se concorda quase universalmente que a Primeira Epístola a Timóteo foi escrita de Laodicéia, alguns, por isso mesmo, designam à Galácia a Laodicéia de que Paulo faz menção aqui, enquanto outros pensam ser a metrópolis da Frigia Pacatiana.[1] No entanto, parece-me ser mais provável que essa inscrição seja incorreta, como se notará em seu lugar próprio.

Para que seus corações recebessem consolação. Ele agora notifica qual era seu desejo para com eles e mostra que sua afeição é realmente apostólica; pois ele declara que nada lhe é mais desejoso do que a união deles na fé e amor. Ele mostra, conseqüentemente, que esta não é de modo algum uma afeição irracional (como sucede no caso de alguns), a qual o levara a sentir grande preocupação pelos colossenses e outros, mas também porque o dever de seu ofício o requeria.

O termo *consolação* é aqui tomado para denotar aquela verdadeira serenidade em que podia repousar. Ele declara que por fim desfrutarão isto só no caso de viverem *unidos em amor* e em fé. Disto transparece onde reside o principal bem e em que este consiste – quando mutuamente concordamos numa só fé, somos também unidos em amor mútuo. Esta, digo, é a sólida alegria de uma mente piedosa – esta é a vida bem-aventurada. Contudo, como o amor é aqui enaltecido por seu efeito, já que enche a mente dos santos com verdadeira alegria; assim, em contrapartida, sua causa é realçada, ao dizer: em *toda pleni-*

1 Após o tempo de Constantino o Grande, "a Frigia foi dividida em Frigia Pacatiana e Frigia Salutaris. Colossos era a sexta cidade da primeira divisão." – Dr. A. Clarke.

tude do entendimento.[2] Também o vínculo da santa unidade é a verdade de Deus quando a abraçamos em consenso; pois a paz e a concórdia entre os homens fluem daquela fonte.

Riquezas da convicção do entendimento. Visto que muitos, contentando-se com uma leve degustação, nada têm senão um conhecimento confuso e evanescente, ele faz menção expressa das *riquezas do entendimento*. Por meio desta frase ele significa a plena e clara percepção; e, ao mesmo tempo, os admoesta a que, segundo a medida do entendimento, façam progresso também no amor.

No termo *convicção* ele distingue entre fé e mera opinião; pois o homem que realmente conhece o Senhor é *aquele* que não vacila nem duvida, mas permanece firme e em constante persuasão. Paulo amiúde chama a esta constância e estabilidade de πληροφορίαν, *plena certeza* (termo usado também aqui), e sempre o conecta com a fé, sem dúvida não podendo mais ser separada dela como o calor ou a luz não o pode [ser separada] do sol. Portanto, a doutrina dos escolásticos é diabólica, visto que elimina a convicção e a substitui por *conjetura moral*, como a denominam.

Conhecimento do mistério. Esta frase deve ser lida como acréscimo à guisa de *aposição*, pois ele explica o que é esse conhecimento do qual fizera menção – que nada mais é do que o conhecimento do evangelho. Pois os falsos apóstolos mesmos lutavam por impor suas imposturas sob o título de sabedoria, mas Paulo protege os filhos de Deus dentro dos limites exclusivamente do evangelho, para que não desejassem *conhecer algo mais* [1Co 2.2]. Por que ele usa o termo mistério para denotar o evangelho, já foi explicado. Contudo, aprendamos disto que o evangelho só pode ser entendido por meio da fé – não pela razão, nem pela perspicácia do entendimento humano, porque de outro modo ele seria algo oculto de nós.

Entendo *o mistério de Deus* numa significação passiva, significando aquilo em que Deus se revela, pois imediatamente adiciona: *e do Pai e de Cristo* – por cuja expressão ele tem em mente que Deus não pode ser conhe-

2 "En toutes richesses de certitude d'intelligence." – "Em todas as riquezas da convicção do entendimento."

cido de outra forma senão *em Cristo*, como, em contrapartida, o Pai deve ser necessariamente conhecido onde Cristo é conhecido. Pois João afirma ambos: "Aquele que tem o Filho também tem o Pai; aquele que não tem o Filho, também não tem o Pai" [1Jo 2.23]. Daí, todos quantos pensam que conhecem algo de Deus à parte de Cristo inventam para si um ídolo no lugar de Deus; como também, do outro lado, ignorante de Cristo é aquele que não é conduzido ao Pai por meio dele, e que não braça nele totalmente o Pai. Entrementes, esta é uma passagem memorável em comprovação da divindade de Cristo e a unidade de sua essência com o Pai. Pois havendo previamente falado do conhecimento de Deus, imediatamente o aplica ao Filho, tanto quanto ao Pai, donde se segue que o Filho é Deus em igualdade com o Pai.

3. Em quem estão todos os tesouros. A expressão *in quo* (*em quem* ou *no qual*) pode ou ter referência, coletivamente, a tudo quanto dissera do *reconhecimento do mistério*, ou pode relacionar-se simplesmente ao que precede imediatamente, a saber, *Cristo*. Embora não haja muita diferença entre um e o outro, prefiro mais o segundo ponto de vista, e este é o mais geralmente aceito. O significado, pois, é que todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos em Cristo – pelo quê ele tem em mente que somos perfeitos em sabedoria se realmente reconhecemos a Cristo, de modo que constitui loucura desejar conhecer algo além dele. Porque, visto que o Pai se manifestou totalmente nele, só deseja ser sábio à parte de Deus quem não vive contente só com Cristo. Se alguém decidir interpretá-lo como uma referência ao *mistério*, o significado será que toda a sabedoria dos santos está inclusa no evangelho, por meio do qual Deus se nos revela em seu Filho.

Não obstante, ele diz que os *tesouros* estão *ocultos* não porque sejam vistos cintilando com grande esplendor, mas, antes, por assim dizer, jazem ocultos sob a desprezível degradação e simplicidade da cruz. Pois a *pregação da cruz* é sempre *loucura para o mundo*, como encontramos declarado em Coríntios [1Co 1.18]. Não creio que nesta passagem haja grande diferença entre *sabedoria* e *entendimento*, pois o emprego de dois termos diferentes serve apenas para dar força adicional, como se quisesse dizer que nenhum conhecimento, erudição,

cultura, sabedoria podem ser encontrados em outro lugar.

4. E isto digo para que ninguém vos engane. Como os artifícios dos homens têm (como veremos mais adiante) aparência de sabedoria, as mentes dos santos devem ocupar-se com esta persuasão – que o conhecimento de Cristo é por si só amplamente suficiente. E, inquestionavelmente, esta é a chave que pode fechar a porta contra todos os erros vis.[3] Pois qual é a razão pela qual a humanidade se envolveu em tantas opiniões ímpias, em tantas idolatrias, e tantas especulações insensatas, senão isto – que, desprezando a simplicidade do evangelho, se aventuraram a aspirar algo mais elevado? Todos os erros, conseqüentemente, que se encontram no papado devem ser tidos como procedentes desta ingratidão – que, não descansando satisfeitos tão-somente com Cristo, se entregaram a doutrinas estranhas.

Portanto, o apóstolo agiu com propriedade ao escrever a Epístola aos Hebreus, visto que, ao desejar exortar os crentes a não se deixarem extraviar[4] por doutrinas estranhas ou novas, antes de tudo faz uso de seu fundamento – "Cristo é o mesmo ontem, hoje e o será para sempre" [Hb 13.8]. Por isto ele tem em mente que está fora de perigo quem permanece em Cristo, mas os que não vivem satisfeitos com Cristo se expõem a todas as falácias e decepções. Assim, aqui Paulo quer que cada um não se deixe *enganar*, mas que seja fortalecido por este princípio – que não é lícito a um cristão conhecer algo fora de Cristo. Tudo o que for apresentado depois disto, seja qual for sua aparência, não obstante será de nenhum valor. Por fim, não haverá *persuasão de linguagem*[5] que possa afastar, seja a medida de um dedo, as mentes dos que devotaram a Cristo seu entendimento. Por certo que esta é uma passagem que merece uma estima singular. Pois, como aquele que porventura tenha ensinado aos homens a nada conhecerem senão a Cristo, tem feito provisão contra as doutrinas ímpias,[6] assim há a mesma razão pela qual hoje devemos destruir todo o papado que

3 "Tous erreurs et faussetez." – "Todos os erros e imposturas."

4 "Qu'ils ne se laissent point distraire ça et la." – "Que não permitam ser distraídos para cá e para lá."

5 *Pithanologia* – nosso autor tinha aqui em vista o termo grego usado por Paulo, πιθανολογία (*linguagem persuasiva*).

6 "Toutes fausses et meschantes doctrines." – "Todas as doutrinas falsas e perversas."

porventura se manifeste e edifique sobre a ignorância sobre Cristo.

5. Pois ainda que eu esteja ausente quanto ao corpo. Para que ninguém objetasse que a admoestação era irracional, como vinda de um lugar remoto, ele diz que sua afeição para com eles o fez *ausente deles em espírito*, e julgar do que lhes é conveniente, como se estivesse presente. Ao louvar também a presente condição deles, ele os admoesta a não recuarem, nem se desviarem dela.

Regozijando-me, diz ele, ***e* vendo**, isto é, "***porque** eu vejo*". Pois *e* significa *porque*, como é costumeiro entre os latinos e gregos. "Continuai como começastes, pois sei que até aqui tendes seguido o curso certo, já que a distância do lugar não me impede de contemplar-vos com os olhos da mente."

Ordem e prontidão. Ele menciona duas coisas nas quais consiste a perfeição da Igreja – *ordem* em seu meio e *fé* em Cristo. Pelo termo *ordem* ele tem em mente concordância, não menos que a moral devidamente regulada, e inteira disciplina. Ele enaltece a *fé* deles com respeito à sua constância e prontidão, significando que não passa de uma sombra sem conteúdo quando a mente vagueia e vacila entre diferentes opiniões.[7]

6. Portanto, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim também nele andai,

7. arraigados e edificados nele, e estabelecidos na fé, como fostes ensinados, se enriquecendo em ação de graças.

6. Quemadmodum igitur suscepistis Christum Iesum Dominum, in ipso ambulate:

7. Radicati in ipso, et aedificati, et confirmati in fide, quemadmodum edocti estis, abundantes in ea cum gratiarum actione.

6. Como recebestes. Ele adiciona exortação à recomendação, na qual lhes ensina que o fato de terem uma vez recebido a Cristo não lhes será de nenhum proveito, a menos que permaneçam nele. Ademais, como os falsos apóstolos retinham o nome de Cristo com vistas a enganar, ele duas vezes previne este perigo, exortando-os a prosseguirem como *lhes ensinara*, e como *haviam recebido a Cristo*. Pois, nestas palavras, ele os admoesta

7 "Qquand l'esprit est en branle, maintenant d'vne opinion, maintenant d'autre." – "Quando a mente fica em suspense, ora de uma opinião, então de outra."

a que unam à doutrina que haviam abraçado, como lhes fora enunciada por Epafras, com tanta constância, a que se pusessem em guarda contra a toda e qualquer doutrina e fé, em concordância com o que diz Isaías: "Este é o caminho, andai nele" [Is 30.21]. E, inquestionavelmente, devemos agir de tal maneira que a verdade do evangelho, depois que nos foi manifestada, nos seja como um muro de bronze[8] a repelir todas as imposturas.[9]

Agora ele notifica, por meio de *três* metáforas, qual a prontidão de fé ele requer deles. A *primeira* está na palavra *andai*. Pois ele compara a doutrina pura do evangelho, como haviam aprendido, a um caminho seguro, de modo que, se alguém pelo menos se mantiver nele seguirá isento de todo perigo e equívoco. Conseqüentemente, ele os exorta a que não se transviassem, saindo do curso que haviam tomado.

A *segunda* é tomada das árvores. Pois como uma árvore com suas raízes fincadas bem fundo têm suficiência para suportar inabalavelmente todos os assaltos de ventos e tempestades, assim, se alguém estiver profunda e totalmente estabelecido em Cristo, como em raiz bem sólida, não lhe será possível ser arrancado de sua própria posição por nenhuma maquinação de Satanás. Em contrapartida, se alguém não tem bem estabelecidas suas raízes em Cristo,[10] facilmente será "arrastado por todo vento de doutrina" [Ef 4.14], justamente como uma árvore que não é sustentada por alguma raiz.[11]

A *terceira* metáfora é a de um fundamento, pois uma casa que não é sustentada por um fundamento repentinamente cai em ruínas. Dá-se o mesmo caso com os que se inclinam para qualquer outro fundamento além de Cristo ou, pelo menos, não estão seguramente fundados nele, mas têm o edifício de sua fé suspenso, por assim dizer, no ar, em conseqüência de sua fraqueza e leviandade.

---

8 *Murus aheneus*. Nosso autor, provavelmente, tem diante dos olhos o célebre sentimento de Horácio: "Hic murus aheneus esto – nil conscire sibi." – "Que este seja um muro de bronze – tornando alguém ciente de não haver cometido nenhum crime." (Hor. Ep. I. i. 60, 61). Veja-se também Hor. Od. III. 3, 65.

9 "toutes fallaces et astutes." – "Todas as falácias e vilezas."

10 "Si quelque vn n'ha la Racine de son coeur plantee et fichee en Christ." – "Se alguém não tem raiz em seu coração bem plantada e fixada em Cristo."

11 "Que n'ha point les racines profondes." – "Que não tem raízes profundas."

É preciso observar estas duas coisas nas palavras do apóstolo: que a estabilidade dos que confiam em Cristo é inamovível, e seu curso de modo algum oscila, ou seja, passível de erro (e este é um enaltecimento admirável do efeito da fé); e, em segundo lugar, que devemos fazer progresso em Cristo até que tenhamos lançado raízes nele. Disto podemos prontamente deduzir que os que não conhecem a Cristo simplesmente se extraviam por becos secundários e se deixam dominar pela inquietude.

7. E confirmados na fé. Ele agora reitera, sem figura, a mesma coisa que expressara por meio de metáforas – que o prosseguimento no caminho, o sustento da raiz e do fundamento, consiste na firmeza e prontidão da fé. E observa que este argumento lhes é apresentado em conseqüência de haver sido bem instruídos, a fim de que estejam seguros e confiantes em sua fundamentação na fé com que estiveram sempre familiarizados.

Enriquecendo-se. Ele não queria que simplesmente permanecessem inamovíveis, mas queria que crescessem a cada dia e mais e mais. Ao adicionar, *com ação de graças*, ele queria que conservassem na mente de que fonte a fé procede, para que não se ensoberbecessem com presunção, mas, antes, com temor repousassem no dom de Deus. E, inquestionavelmente, a ingratidão é mui freqüentemente a razão por que somos privados da luz do evangelho, bem como de outros favores divinos.

8. Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo;

9. porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade,

10. e tendes vossa plenitude nele, que é a cabeça de todo principado e potestade:

11. no qual também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos no despojar do corpo da carne, a saber, a circuncisão de Cristo;

12. tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.

8. Videte ne quis vos praedetur per philosophiam et inanem deceptionem, secundum traditionem hominum secundum elementa mundi, et non segundum Christum:

9. Quoniam in ipso habitat omnis plenitudo Deitatis corporaliter.

10. Et estis in ipso completi, qui est caput omnis principatus et potestatis,

11. In quo etiam estis circumcisi circumcisione non manufacta, exuendo corpus peccatorum carnis, circumcisione, inquam, Christi.

12. Consepulti cum ipso per baptismum, in quo et consurresistis per fidem

efficaciae Dei, qui suscitavit illum ex mortus.

8. Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua. Uma vez mais, ele os instrui quanto ao uso do antídoto apresentado por ele para a neutralização do veneno. Pois embora este, como temos afirmado, é um remédio comum contra todas as imposturas do diabo,[12] não obstante naquele tempo havia uma vantagem peculiar entre os colossenses a qual requeria sua aplicação. "Tende cuidado", diz ele, "que ninguém vos faça presa". Ele faz uso de um termo muito apropriado, pois faz alusão aos *predadores* que, quando não podem levar todo o rebanho por meio de violência, então arrebatam algumas ovelhas por meio de fraude. E assim ele toma a Igreja de Cristo como se fosse um aprisco, e a doutrina pura do evangelho como sendo as cercas do aprisco. Ele notifica, por conseguinte, que nós, que somos as ovelhas de Cristo, repousamos em segurança quando mantemos a unidade da fé; enquanto, em contrapartida, ele compara os falsos apóstolos a *predadores* que nos arrebatam dos apriscos. Porventura você se considera pertencente ao rebanho de Cristo? Porventura você se mantém firme em seus apriscos? Então não se desvie um milímetro sequer da pureza da doutrina. Porque, inquestionavelmente, Cristo fará a parte do *bom Pastor* nos protegendo, se pelo menos *ouvirmos sua voz* e *rejeitarmos os estranhos*. Em suma, o décimo capítulo de João é a expressão da passagem que ora se acha diante de nós.

Por meio de filosofias. Como muitos, equivocadamente, têm imaginado que aqui Paulo está condenando a *filosofia*, devemos realçar o que ele tinha em mente por este termo. Ora, em minha opinião ele quis dizer que tudo o que os homens imaginam para si quando desejam ser sábios através de seu próprio entendimento, e isso não sem um pretexto capcioso da razão, com o intuito de ter uma aparência plausível. Pois não há dificuldade em rejeitar aquelas invenções dos homens que em nada os

12 Nosso autor, evidentemente, se refere ao que dissera quanto à vantagem de se derivar disto *firmeza na fé*.

adornam,[13] e sim em rejeitar aquelas que cativam a mente dos homens por meio de um falso conceito de sabedoria. Ou, se alguém preferir expressá-lo com outros termos, *filosofia* nada mais é que uma linguagem persuasiva que se insinua nas mentes dos homens através de argumentos elegantes e plausíveis. De tal natureza, reconheço, serão todas as sutilezas dos filósofos, caso se inclinem a adicionar algo propriamente seu à pura palavra de Deus. Daí, *filosofia* nada mais será senão uma corrupção da doutrina espiritual, se porventura for confundida com Cristo. Não obstante, tenhamos em mente que sob o termo *filosofia* Paulo estava meramente condenando todas as doutrinas espúrias que se originam da cabeça do homem, não importa que aparência de razão elas tenham. O que imediatamente segue, quanto às **vãs sutilezas**, eu explico assim: "Tende cuidado com a filosofia que nada mais é senão *vãs sutilezas*", de modo que isto é adicionado à guisa de *aposição*.

Segundo a tradição dos homens. Ele realça mais precisamente que tipo de *filosofia* ele reprova, e ao mesmo tempo a sentencia de vaidade num duplo aspecto – porque não é segundo Cristo, e sim segundo as inclinações dos homens;[14] e porque consiste nos *elementos do mundo*. Observe-se, contudo, que ele põe Cristo em oposição aos *elementos do mundo*, em pé de igualdade com a *tradição dos homens*, pelo que ele notifica que tudo quanto é planejado no cérebro do homem não se harmoniza com Cristo, o qual nos foi designado pelo Pai como nosso único Mestre, para que nos mantenhamos na simplicidade de seu evangelho. Ora, aquele é corrompido mesmo por uma pequena porção do levedo das *tradições humanas*. Ele notifica ainda que são estranhas a Cristo todas as doutrinas que fazem o culto divino, que bem sabemos ser espiritual, segundo a norma de Cristo, consistir nos *elementos do mundo*,[15] e também o que incita a mente dos homens com disputas e frivolidades, enquanto Cristo nos chama a irmos diretamente a ele.

13 "Quand elles n'ont ni monstre ni coluleur." – "Quando não têm ostentação nem aparência."

14 "Selon les ordonnances et plaisirs des hommes." – "Segundo as designações e inclinações dos homens."

15 "Es choses visibles de ce monde." – "Nas coisas visíveis deste mundo."

Mas, o que está implícito pela frase *elementos do mundo*?[16] Não pode haver dúvida de que ela subentende cerimônias. Pois logo a seguir ele evoca um caso ilustrativo à guisa de exemplo – a *circuncisão*. A razão pela qual as chama por tal título geralmente é explicada de duas maneiras. Há quem pense que seja uma metáfora, de modo que os *elementos* constituem os rudimentos infantis, os quais não conduzem à doutrina perfeita. Outros a tomam em sua significação própria, como a denotar as coisas que são externas e passíveis de corrupção, as quais de nada valem para o reino de Deus. Aprovo mais a primeira exposição, como também em Gálatas 4.3.

9. Porque nele habita. Aqui temos a razão por que esses *elementos do mundo*, os quais são ensinados pelos homens, não se harmonizam com Cristo – porque são adições para suprir deficiência, como dizem. Ora, em Cristo há perfeição, à qual nada se pode adicionar. Daí, tudo o que a humanidade mistura de si mesma está em oposição à natureza de Cristo, porque o acusa de imperfeição. Este argumento por si só é suficiente para descartar todas as invenções dos papistas. Pois que propósito tem em mente[17] senão aperfeiçoar o que foi começado por Cristo?[18] Ora, não se deve de modo algum suportar tal ultraje à pessoa de Cristo.[19] É verdade que alegam que nada adicionam a Cristo, já que as coisas que têm anexado ao evangelho são, por assim dizer, parte do cristianismo, porém não consegue escapar por meio de astúcia desse gênero. Porquanto Paulo não fala de um Cristo imaginário, mas de um Cristo proclamado,[20] o qual se revelou por meio de doutrina expressa.

Ademais, quando diz que a *plenitude da Deidade* habita em Cristo, ele tem em mente simplesmente que Deus é totalmente encontrado nele, de modo que, aquele que não está contente com Cristo somente, esse deseja algo melhor e mais excelente do que Deus. Esta é a suma: que Deus se nos manifestou plena e perfeitamente em Cristo.

Os intérpretes explicam de diferentes formas o advérbio *corporal-*

16 "Rudimens, ou elemens du monde." – Rudimentos, ou elementos do mundo."
17 "Toutes leurs inuentions." – "Todas as suas invenções."
18 "Ce que Christ a commencé seulement." – "O que Cristo apenas começou."
19 "Vn tel outrage fait au Fils de Dieu." – "Tal ultraje cometido contra o Filho de Deus."
20 "D'vn vray Christ." – "De um Cristo verdadeiro."

mente. Por mim, não tenho dúvida de que ele é empregado não num sentido restrito, significando *substancialmente*.[21] Pois ele põe esta manifestação de Deus, que temos em Cristo, em relação a todas as demais que já haviam sido feitas. Pois Deus amiúde se manifestava aos homens, mas isso somente em parte. Em contrapartida, em Cristo ele se nos comunica totalmente. Ele também se nos manifestou de outros modos, mas em figuras ou por meio de poder e graça. Em contrapartida, em Cristo ele nos apareceu essencialmente. Assim a afirmação de João tem validade: "Aquele que tem o Filho, também tem o Pai" [1Jo 2.23]. Pois aqueles que possuem Cristo têm Deus realmente presente e o desfrutam totalmente.

10. E tendes vossa plenitude nele. Ele adiciona que esta essência perfeita da Deidade, que está em Cristo, nos é proveitosa neste aspecto: que somos aperfeiçoados também nele. "Quanto à plena habitação de Deus em Cristo, é para que nós, tendo-o obtido, possuamos nele uma perfeição plena." Portanto, aqueles que não descansam satisfeitos com Cristo somente, afrontam a Deus de duas maneiras, pois além de ofender a glória de Deus, desejando algo acima de sua perfeição, são também ingratos, visto que buscam em outro lugar o que já possuem em Cristo. Paulo, contudo, não tem em mente que a perfeição de Cristo nos seja derramada, mas que há nele recursos dos quais podemos nos encher, para que nada nos falte.

Que é a cabeça. Ele introduziu esta frase outra vez em virtude dos anjos, significando que os anjos também serão nossos, se possuímos a Cristo. Mais adiante explicaremos isto mais plenamente. Neste ínterim, devemos observar isto: que vivemos cercados, por cima e por baixo, com amuradas, para que nossa fé não se desvie um mínimo sequer de Cristo.

11. Em quem também sois circuncidados. Disto transparece que ele mantém uma controvérsia com os falsos apóstolos, os quais confundiam a lei com o evangelho e por esse meio tentavam forjar um Cristo, por assim dizer, de duas faces. No entanto, ele especifica um caso a guisa de

21 "Σωματικῶς significa *verdadeiramente*, *realmente*, em oposição a tipicamente, *figuradamente*. Havia um símbolo da presença divina no tabernáculo hebraico e no templo judaico; mas no *corpo* de Cristo a Deidade, com toda sua plenitude de atributos, habita *realmente* e *substancialmente*, pois é isso que a palavra σωματικῶς significa." – Dr. A. Clarke.

exemplo. Ele prova que a circuncisão de Moisés não é meramente desnecessária, mas é oposta a Cristo, porque destrói a *circuncisão espiritual de Cristo*. Pois a circuncisão foi dada aos pais para que fosse figura de algo que estava ausente; portanto, os que retêm essa figura depois do advento de Cristo negam a concretização do que ela prefigura. Portanto, tenhamos em mente que a *circuncisão* externa é aqui comparada com a espiritual, justamente como uma figura com a realidade. A figura é de algo que está ausente; daí ela remover a presença da realidade. O que Paulo discute é isto: visto que o que foi prefigurado por uma *circuncisão feita por mãos* já foi completado em Cristo, agora não existe nenhum fruto ou benefício dele.[22] Daí ele dizer que a circuncisão que é feita no coração é a *circuncisão de Cristo*, e que por essa conta aquilo que é externo não é mais requerido, porque, onde a realidade se faz presente, desvanece aquele emblema sombrio,[23] visto que já não tem lugar, exceto na ausência da realidade.

No despojar do corpo na carne. Ele emprega o termo *corpo* pelo uso de uma metáfora elegante para denotar uma massa formada de todos os vícios. Pois como estamos encerrados por nossos corpos, assim estamos cercados de todos os lados por um acúmulo de vícios. E como o corpo é composto de vários membros, cada um deles tendo suas próprias ações e funções, assim desse acúmulo de corrupção todos os pecados têm sua origem como membros do corpo inteiro. Em Romanos 6.13 há uma forma semelhante de expressão.

Ele toma o termo *carne*, como costuma fazer, para denotar a natureza corrupta. *O corpo dos pecados da carne*, portanto, é o *velho homem com seus feitos*; há apenas certa diferente na forma de expressão, pois aqui ele expressa mais propriamente a massa de vícios que procede da natureza corrupta. Ele diz que obtemos isto através de Cristo,[24] de modo que, inquestionavelmente, seu benefício é uma plena regeneração. É ele que circuncida o prepúcio de nosso coração; ou,

22 "Maintenant lê fruit et l'vsage d'icelle est aneanti." – "O fruto e vantagem oriundos dele agora se tornaram vazios."

23 "Le signe qui la figuroit s'esuanouit comme vn ombre." – "O sinal que a prefigurava se desvaneceu como uma sombra."

24 "Ce despouillement." – "Esta desventura."

em outros termos, mortifica toda as luxúrias da carne, não com a *mão*, mas mediante seu Espírito. Daí haver nele a realidade da figura.

12. Sepultados com ele no batismo. Ele explica ainda mais claramente o método da circuncisão espiritual – porque, sendo *sepultados com Cristo*, somos participantes de sua morte. Ele declara expressamente que obtemos isto por meio do batismo, para que seja mais claramente evidente que não há vantagem na circuncisão sob o reinado de Cristo. Pois de outro modo alguém poderia objetar: "Por que você abole a circuncisão sob este pretexto – que sua concretização está em Cristo? Abraão também não foi espiritualmente circuncidado e, no entanto, isto não impediu a adição do sinal à realidade? Portanto, a circuncisão *exterior* não é supérflua, ainda que Cristo confira aquilo que é *interior*." Paulo antecipa uma objeção desse gênero fazendo menção do batismo. Cristo, diz ele, realiza em nós uma circuncisão espiritual, não por meio daquele antigo sinal, o qual estava em vigor sob Moisés, mas por meio do batismo. Portanto, o batismo é um sinal da coisa que nos é apresentada, a qual, ainda que ausente, era prefigurada pela circuncisão. O argumento é tomado da economia[25] que Deus designara; pois aqueles que retêm a circuncisão inventam um modo de dispensação diferente daquele que Deus designara.

Ao dizer que somos *sepultados com Cristo*, isto significa mais do que somos *crucificados* com ele; pois sepultamento expressa um processo contínuo de mortificação. Ao dizer que isto é feito através do batismo, como também afirma em Romanos 6.4, ele fala de sua maneira usual, atribuindo eficácia ao sacramento, para que infrutiferamente não significasse o que não existe.[26] Portanto, mediante o batismo somos *sepultados com Cristo*, porque este, ao mesmo tempo, realiza eficazmente aquela mortificação que ele representa ali, para que a realidade esteja anexada ao sinal.

No qual também fostes ressuscitados. Ele exalta a graça que obtemos em Cristo, como sendo muitíssimo superior à circuncisão. "Somos

25 "Du gouuernement et dispensation que Dieu a ordonné en son Eglesia." – "Do governo e dispensação que Deus designara em sua Igreja."

26 "Afin que la signification ne soit vaine, comme d'vne chose qui n'est point." – "Para que a significação não fosse vã, como de uma coisa que não existe."

não só", diz ele, "enxertados na morte de Cristo, mas também ressuscitamos para novidade de vida"; daí, aqueles que se esforçam por fazer-nos voltar à prática da circuncisão, fazem mui grave injúria a Cristo. Ele adiciona *pela fé*, pois inquestionavelmente é por meio dela que recebemos o que nos é apresentado no batismo. Mas, que *fé*? Aquela de sua *eficácia* ou *operação*, pelo que ele quer dizer que a fé está fundada no poder de Deus. Não obstante, como a fé não divaga numa confusa e indefinida contemplação, como dizem, do poder divino, ele notifica qual *eficácia* deve estar em pauta – aquela pela qual Deus *ressuscitou a Cristo dentre os mortos*. No entanto, ele toma isto por admitido: que visto ser impossível que os crentes sejam separados de sua cabeça, o mesmo poder de Deus, que se exibiu em Cristo, é difundido entre todos eles em comum.

13. E a vós, quando estáveis mortos em vossos delitos e na incircuncisão de vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-nos todos os delitos;

14. e havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós em suas ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o do meio de nós, cravando-o na cruz;

15. e, tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz.

13. Et vos, quum mortui essetis delictis et in praeputio carnis vestrae, simul vivificavit cum ipso, condonando vobis omnia peccata:

14. Et deleto, quod contra nos erat, chirographo in decretis, quod erat nobis contrarium, et illud sustulit e médio affixum cruci,

15. Expolians principatus et potestates, traduxit palam triumphans de his in illa, (vel, in se ipso.)

13. E a vós, quando estáveis mortos. Ele admoesta aos colossenses a que reconhecessem, o que havia tratado de uma maneira geral, como aplicável a eles, que é o método muito mais eficaz de ensinar. Ademais, como eram gentios quando se converteram a Cristo, ele aproveita a ocasião deste fato para mostrar-lhes quão absurdo é transferir para Cristo as cerimônias de Moisés. "Estáveis mortos", diz ele, na *incircuncisão*". Não obstante, este termo pode ser entendido ou em sua significação própria ou figuradamente. Se você o entender em seu sentido próprio, o significado será: "A incircuncisão é o emblema da alienação de Deus;

pois onde a aliança da graça não está, *aí* está presente na poluição,[27] e, conseqüentemente, maldição e ruína. Deus, porém, o chamou da *incircuncisão* e, portanto, da morte."[28] Desta maneira, ele não representa a *incircuncisão* como a causa da morte, mas como um emblema de que eles eram alienados de Deus. Entretanto, sabemos que os homens não podem viver de outra maneira senão pela adesão a seu Deus, o único que é sua vida. Daí se segue que todas as pessoas perversas, por mais que pareçam ser, no mais elevado grau, vivas e exuberantes, não obstante estão espiritualmente mortas. E assim esta passagem corresponderá à de Efésios 2.11-12, onde lemos: "Portanto, lembrai-vos que outrora vós, gentios na carne, chamados incircuncisos pelos que se chamam circuncisão, feita pela mão dos homens, estáveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos pactos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo." Tomando-a metaforicamente, de fato haveria uma alusão à incircuncisão natural, mas, ao mesmo tempo, Paulo aqui estaria falando da obstinação do coração humano, em oposição a Deus, e de uma natureza contaminada pelas afeições corruptas. Ao contrário, eu prefiro a primeira exposição, porque ela corresponde melhor ao contexto; pois Paulo declara que a incircuncisão não foi um obstáculo no caminho de seus dignos participantes da vida de Cristo. Daí se segue que a circuncisão tirava o mérito da graça de Deus, a qual já haviam obtido.

Quanto ao fato de atribuir morte à circuncisão, isso não significa que ela fosse sua causa, mas como seu emblema, como se dá também naquela passagem da Epístola aos Efésios que já citamos. É também costumeiro na Escritura denotar privação da realidade pela privação do sinal, como em Gênesis 3.22: "Ora, não suceda que estenda sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente." Pois a árvore não conferia vida, mas seu afastamento era um sinal de morte. Paulo, neste ocasião, expressou sucintamente ambos. Ele diz que estes estavam mortos *em pecados*; esta é a causa, pois nossos pecados nos alienaram de Deus. Ele adiciona: "na incircuncisão da car-

27 "Là il n'y a que souillure et ordure." – "Aí nada existe senão imundícia e poluição."
28 "Il vous a donc retirez de la mort." – "Portanto, ele o arrancou das garras da morte."

ne." Esta era uma poluição externa, uma evidência de morte espiritual.

Perdoando-nos todos os nossos delitos. Deus não nos vivifica pela mera remissão de pecados, aqui, porém, faz menção disto particularmente, porque aquela reconciliação gratuita com Deus, que subverte a justiça das obras, está especialmente conectada com o ponto em mãos, onde ele trata das cerimônias ab-rogadas, como discursa mais amplamente na Epístola aos Gálatas. Pois os falsos apóstolos, ao estabelecerem as cerimônias, as atrelam com uma corda, da qual Cristo os havia libertado.

14. E havendo riscado o escrito de dívida que era contra nós. Ele agora enfrenta os falsos apóstolos em combate frontal. Pois este era o principal ponto em questão: se a observância das cerimônias era necessária sob o reinado de Cristo. Ora, Paulo contende que as cerimônias foram abolidas, e para provar isto ele as compara a um *manuscrito* pelo qual Deus nos mantém como que presos, para não sermos capazes de negar nossa culpa. Ele então diz que fomos libertados da condenação, de tal maneira que inclusive o *manuscrito é apagado*, para que não mais haja lembrança dele. Pois sabemos que, quanto às dívidas, a obrigação está ainda em vigor, na medida que o *manuscrito* permanece; e que, em contrapartida, ao ser apagado, ao ser rasgado o manuscrito, o devedor está livre. Daí se segue que todos os que ainda insistem na observância das cerimônias caluniam a graça de Cristo, como se a absolvição não nos fosse granjeada por ele; pois restauram ao *manuscrito* seu vigor, de modo que ainda permanecemos sob obrigação.

Portanto, esta é uma razão realmente teológica para provar o cancelamento das cerimônias, porque, se Cristo realmente nos redimiu da condenação, então ele teria apagado a lembrança da obrigação, para que as consciências fossem pacificadas e tranqüilizadas aos olhos de Deus, pois estas coisas estão associadas. Enquanto os intérpretes explicam esta passagem de várias maneiras, nenhum deles me satisfaz. Há quem pense que Paulo fala simplesmente da lei moral, porém não existe fundamento para isto. Pois Paulo tem o costume de dar o título de *ordenanças* àquele departamento que consiste em cerimônias, como faz na Epístola aos Efésios [Ef 2.15], e como perceberemos isso

logo depois. Mais especialmente, a passagem de Efésios mostra claramente que Paulo está aqui falando de cerimônias.

Outros, portanto, fazem melhor, restringindo-a as cerimônias, mas também erram neste aspecto: que não adicionam a razão por que ele é chamado *manuscrito*; ou melhor, assinalam uma razão diferente da verdadeira, e não aplicam de uma maneira própria, ao contexto, esta similitude. Ora, a razão é que todas as cerimônias de Moisés tiveram neles algum reconhecimento de culpa, as quais acorrentavam os que as observavam com um laço mais firme, por assim dizer, à vista do juízo de Deus. Por exemplo, o que mais eram as lavagens senão evidência de corrupção? Sempre que alguma vítima era sacrificada, o povo que não contemplava nele uma representação de sua morte? Pois quando as pessoas eram substituídas por um animal inocente, confessavam que elas mesmas eram merecedoras daquela morte. Enfim, em proporção que havia cerimônias pertencentes a ela, tantas exibições havia da culpa humana e dos *manuscritos* de obrigação.

Alguém objetaria que eram sacramentos da graça de Deus, como o batismo e a eucaristia nos são hoje; a resposta é fácil. Pois há duas coisas a serem consideradas nas cerimônias antigas – que eram próprias à época e que guiavam os homens ao reino de Cristo. O que quer que fosse feito naquele tempo, isso em si nada mostra senão obrigação. A graça foi, de certa maneira, suspensa até o advento de Cristo – não que os pais fossem excluídos dela, mas que não tinham uma manifestação dela em suas cerimônias. Pois nada viam nos sacrifícios senão o sangue de animais, e em suas lavagens nada viam senão água. Daí, quanto à presente perspectiva, só restava condenação; mais ainda, as cerimônias em si selavam a condenação. O apóstolo fala também desta maneira em toda a Epístola aos Hebreus, porque ele coloca Cristo em direta oposição às cerimônias. Mas, e agora? O Filho de Deus, por sua morte, não só nos livrou da condenação da morte, mas, a fim de fazer a absolvição mais certa, ele cancelou aquelas cerimônias, para que não ficasse nenhuma lembrança de obrigação. Esta é uma liberdade completa – que Cristo, por seu sangue, não só apagou nossos pecados, mas cada *manuscrito* que pudesse nos declarar expostos ao juízo de Deus. Erasmo, em sua versão, envolveu em confusão a sucessão de idéias do discurso de Paulo, traduzin-

do-o assim: "O qual nos era contrário por meio das ordenanças." Portanto, retenha a tradução que eu fiz como sendo a verdadeira e genuína.

Os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz. Ele mostra a maneira como Cristo apagou o *manuscrito*; pois assim como ele cravou na cruz nossa maldição, nossos pecados, e também [recebeu] o castigo que nos era devido, assim também cravou nela a servidão da lei e tudo quanto tende a obrigar as consciências. Pois, ao deixar-se cravar na cruz, ele tomou sobre si todas as coisas e ainda atou-as a si para que não mais tivessem nenhum poder sobre nós.

15. Despojou os principados. Não há dúvida de que ele tem em mente os demônios, os quais a Escritura representa como fazendo a parte de nossos acusadores diante de Deus. Paulo, contudo, diz que ficaram desarmados, de modo que já não podem apresentar nada contra nós, sendo assim destruída a atestação de nossa culpa. Ele agora acrescenta isto expressamente com vistas a mostrar que a vitória de Cristo, que granjeou para si e para nós sobre Satanás, é desfigurada pelos falsos apóstolos, e que somos privados do fruto dela assim que restauram as antigas cerimônias. Pois se nossa liberdade é o despojo que Cristo tomou do diabo, que fazem aqueles que querem levar-nos de volta à escravidão, senão restaurar a Satanás os despojos dos quais ele fora despojado?

E deles triunfou na mesma cruz. No grego, é verdade que a expressão admite nossa redação: *em si mesmo*; mais ainda, a maioria dos manuscritos traz ἐν αὐτῳ, com um aspirado. A conexão da passagem, contudo, imperativamente requer que a leiamos de outra maneira; pois o que seria inadequado se aplicado a Cristo, é admiravelmente adequado se aplicado à cruz. Pois como previamente comparou a cruz a um magistral troféu ou a exibição de triunfo, no qual Cristo se exibiu sobre seus inimigos, assim agora também o compara a um carro triunfal, no qual ele se exibiu ostensivamente ante todos.[29] Pois embora na cruz nada houvesse senão maldição, não obstante ela foi absorvida pelo poder de Deus, de tal maneira, que se vestiu,[30] por assim dizer,

29 "En grande magnificence." – "Em grande magnificência."
30 "La croix." – "A cruz."

de uma nova natureza. Pois não há nenhum tribunal tão magnificente, nenhum trono tão imponente, nenhuma exibição de triunfo tão eminente, nenhuma carruagem tão elevada,[31] quanto é o cadafalso no qual Cristo subjugou a morte e o diabo, o príncipe da morte; mais ainda, os pisou totalmente sob a planta de seus pés.

16. Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados,

17. que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo é de Cristo.

18. Ninguém atue como árbitro contra vós, afetando humildade ou culto aos anjos, firmando-se em coisas que tenha visto, inchados vaidosamente por seu entendimento carnal,

19. e não retendo a Cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo com o aumento concedido por Deus.

16. Itaque ne quis vos iudicet[32] vel in cibo, vel in potu, vel in parte[33] diei festi, vel neomeniae, vel sabatorum:

17. Quae sunt umbra futurorum, corpus autem Christi.

18. Ne quis palmam eripiat, volens in humilitate et cultu Angelorum, (id facere,) in ea quae non vidit se ingerens, frustra inflatus a mente carnis suae,

19. Et non tenens caput, ex quo totum corpus per iuncturas et connexiones subministratum et compactum crescit increment Dei.

16. Ninguém, pois, vos julgue. O que ele dissera previamente da circuncisão, agora estende à diferença de alimentos e dias. Pois a circuncisão foi a primeira introdução à observância da lei; outras coisas[34] vieram mais tarde. Julgar significa, aqui, levar alguém a ser julgado por um crime, ou impor escrúpulo à consciência, de modo a perdermos a liberdade. Portanto, ele diz que não está no poder dos homens sujeitar-nos à observância de ritos, os quais Cristo aboliu por sua morte, e nos isentou de seu jugo, para que não nos deixemos agrilhoar pelas leis que eles nos impõem. No entanto, tacitamente ele põe Cristo em contraste com todo o gênero humano, para que ninguém se enalteça tão ousadamente a ponto de tentar subtrair o que ele lhe deu.

31 "Tant eminent et honorable." – "Tão eminente e honrosa."

32 "Juge, ou condanne." – "Julgar ou condenar."

33 "En partie, ou, en distinction, ou, de la part, ou au respect." – "Em parte, ou em distinção, ou da parte, ou com respeito a."

34 "Les autres ceremonies." – "Outros ritos."

Por causa de dias de festa. Alguns entendem τὸ μέρος no sentido de *participação*. Por conseguinte, Crisóstomo pensa que o apóstolo usou o termo *festa* por eles não observarem todos os dias de festa, nem mesmo guardavam estritamente os dias santos, em concordância com a designação da lei. No entanto, esta é uma interpretação muito pobre.[35] Pense bem se não pode ser tomado no sentido de *separação*, pois aqueles que fazem distinção de dias separam, por assim dizer, um do outro. Tal modo de partilha era próprio dos judeus, para que pudessem celebrar religiosamente[36] os dias que foram designados, separando-os dos outros. Entre os cristãos, contudo, tal divisão havia cessado.

Mas alguém dirá: "Ainda mantemos alguma observância de dias." Respondo que de modo algum observamos dias como se houvesse alguma santidade em dias de descanso, ou como se não fosse lícito trabalhar neles, senão que nisso se presta respeito ao governo e à ordem – não ao dias. E é isso que ele acresce imediatamente.

17. Que são sombras das coisas vindouras. A razão por que ele isenta os cristãos da observância deles é que eram *sombras* numa época em que Cristo ainda estava, de certo modo, ausente. Pois ele contrasta sombras com revelação, e ausência com manifestação. Portanto, os que ainda são adeptos daquelas *sombras* agem como alguém que julga a aparência do homem por sua sombra, enquanto neste ínterim esse homem se acha pessoalmente diante de seus olhos. Pois agora já se nos manifestou, e por isso já o desfrutamos como estando presente. *O corpo*, diz ele, *é de Cristo*, isto é, *em Cristo*. Pois a substância daquelas coisas que as cerimônias outrora prefiguravam está agora presente ante nossos olhos, em Cristo, visto que ele contém em si tudo o que elas designavam como futuro. Daí, o homem que retrocede às cerimônias como em uso ou sepulta a manifestação de Cristo, ou o rouba de sua excelência e o torna, de certo modo, vazio.[37] Em conseqüência, se algum dos mortais assume para si, nesta matéria, o ofício de julgar, não nos submetamos a esse tal, já que Cristo, o

35 "Mais c'est vne coniecture bien maigre." – "Mas esta é uma conjetura muito insuficiente."
36 "Estroittement." – "Estritamente."
37 "Inutile et du tout vuide." – "Inútil e totalmente vazio."

único Juiz competente, nos fez livres. Pois quando diz, *ninguém vos julgue*, ele não se dirige aos falsos apóstolos, porém proíbe aos colossenses que sujeitem seu pescoço a exigências irracionais. É verdade que abster-se de carne de suínos é em si mesmo inócuo, mas obrigar alguém a isso é pernicioso, porquanto esvazia a graça de Cristo.

Se alguém indaga: "Que opinião, pois, se deve ter de nossos sacramentos? Porventura não nos representam Cristo também enquanto ausente?" Respondo que eles diferem amplamente das cerimônias antigas. Porque, como os pintores, no primeiro rascunho, não traçam uma semelhança em cores vivas e *expressas* (εἰκονικῶς), mas no primeiro esboço traçam linhas rudes e obscuras com o carvão, assim a representação de Cristo sob a lei era sem polimento, e começou, por assim dizer, com um esboço; em nossos sacramentos, porém, ela é vista extraída para a vida. Paulo, contudo, tinha algo mais em vista, pois contrasta o mero aspecto da *sombra* com a solidez do *corpo*, e os admoesta a que é parte de um homem demente agarrar-se a sombras vazias, quando está em seu poder abraçar a substância sólida. Ademais, enquanto os sacramentos representam Cristo como que ausente no tocante à vista e à distância de lugar, de certo modo isso tem o propósito de testificar que ele uma vez se manifestou e que agora também no-lo apresenta para deleite. Portanto, eles não são meras sombras, mas, ao contrário, são símbolos[38] da presença de Cristo, porquanto contêm aquele *Sim e Amém* de todas as promessas de Deus [2Co 1.20], os quais nos foram uma vez manifestados em Cristo.

18. Ninguém tire de vós a palma. Ele alude aos corredores, ou gladiadores, a quem se havia designado a *palma*, sob a condição de não desistirem no meio do curso, ou depois que a disputa fosse começada. Portanto, ele os admoesta dizendo que os falsos apóstolos nada mais almejavam senão arrebatar deles a palma, já que os afastavam da retidão de seu curso. Daí se segue que deviam desvencilhar-se deles como das pragas mais prejudiciais. A passagem deve ser ainda cuidadosamente ob-

38 "Signes et tesmoignages." – "Sinais e evidências."

servada como a notificar que todos os que nos afastam da simplicidade de Cristo nos defraudam do "prêmio de nossa soberana vocação" [Fp 3.14].

Afetando humildade. Algo deve estar subentendido; daí eu haver inserido no texto *id facere* (*para fazê-lo*). Pois ele põe em relevo o tipo de perigo contra o qual deviam pôr-se em guarda. Todos nutrem profundo desejo de defraudar-vos da *palma*, os quais, sob o pretexto de humildade, vos recomendam o *culto aos anjos*. Pois seu objetivo é que vos afasteis do caminho, tirando a vista do único objeto do alvo. Eu leio *humildade* e *culto aos anjos* como uma só frase, pois aquela segue este, justamente como hoje os papistas fazem uso do mesmo pretexto ao filosofarem sobre o culto aos santos. Pois arrazoam com base na humilhação do homem,[39] e que por isso devemos buscar mediadores que nos auxiliem. Mas, por esta mesma razão foi que Cristo se humilhou – para que recorrêssemos diretamente a ele, por mais miseráveis pecadores sejamos nós.

Estou ciente que muitos interpretam o *culto aos anjos* de outra maneira, no sentido de que o mesmo foi entregue aos homens pelos anjos; pois o diabo sempre se esforçou para impor suas imposturas sob este título. Em nossos dias, o papa se vangloria de que todas as ninharias com as quais ele adulterou o culto puro de Deus são revelações. De igual modo, os teurgianos[40] de outrora alegavam que todas as superstições que inventaram lhes foram entregues por anjos, como se *de mão em mão*.[41] Em conseqüência, pensam que Paulo, aqui, condena todos os tipos fantasiosos de culto que são falsamente apresentados sob a autoridade dos anjos.[42] Mas, em minha opinião, ele antes condena a invenção do culto oferecido aos anjos. É por essa conta que ele

39 "Car ayans proposé l'indignite de l'homme, et presché d'humilite, de là ils concluent." – "Pois tendo apresentado a indignidade do homem, e tendo pregado a humildade, então concluem disto."

40 Os teurgianos eram os seguidores de Ammonius Saccas, que prescreveu uma disciplina austera com vistas a "refinar", como pretendiam, "aquela faculdade da mente que recebe as imagens das coisas, a ponto de torná-la apta para perceber os demônios e para realizar muitas coisas maravilhosas por sua assistência."

41 *Per manus* (de uma mão para a outra).

42 "Lesquelles on fait receuoir au poure monde sous la fausse couuerture de l'authorite des anges." – "Que fazem o mundo receber sob o falso pretexto da autoridade dos anjos."

tão cuidadosamente se aplica a isto bem no início da Epístola, mantendo os anjos em sujeição, para que não obscurecessem o esplendor de Cristo.[43] Enfim, como no primeiro capítulo ele preparara o caminho para a abolição das cerimônias, assim também ele teve em vista a remoção de todos os demais obstáculos que nos afastam de Cristo somente.[44] É nesta classe que se encaixa o *culto aos anjos*.

Desde os tempos mais remotos as pessoas supersticiosas têm cultuado os anjos, para que por meio deles tenham livre acesso a Deus. Os platonistas também infectaram a Igreja cristã com este erro. Pois ainda que Agostinho ferinamente os ataque sem misericórdia, em seu décimo livro "A Cidade de Deus", e condene em grande medida todas as suas disputas sobre o culto aos anjos, não obstante vemos o que aconteceu. Se alguém comparar os escritos de Platão com a teologia papal, perceberá que extraíram totalmente de Platão suas infantilidades sobre o *culto aos anjos*. Eis a suma: que devemos honrar os anjos, aos quais Platão chama *demônios*, χάριν τῶς εὐφήμου διαπορείας (em virtude de sua auspiciosa intercessão).[45] Ele apresenta este sentimento em Epinomis, e o confirma em Cratylus, e em muitas outras passagens. No que diz respeito aos papistas, eles diferem totalmente disto? "Mas", dirá alguém, "não negam que o Filho de Deus é o Mediador." Tampouco o faziam aqueles com quem Paulo contende; mas, como imaginavam que o acesso a Deus deve ser pela assistência dos anjos, e que, conseqüentemente, deve-se prestar-lhes algum culto, assim puseram os anjos no trono de Cristo e os honravam com o ofício de Cristo. Saibamos, pois, que Paulo, aqui, condena todos os tipos de culto de invenção humana, os quais são prestados ou aos anjos, ou aos mortos, como se fossem mediadores, prestando assistência no lugar de Cristo, ou juntamente com Cristo.[46] Pois nos afastamos para longe de

43 "La splendeur de la maieste de Christ." – "O esplendor da majestade de Cristo."

44 "De Seul vray but, qui est Christ." – "Do único verdadeiro alvo, que é Cristo."

45 "A cause de l'heureuse intercession qu'ils font pour les hommes." – "Por causa da bendita intercessão que fazem pelos homens."

46 "Comme s'ils estoyent mediateurs ou auec Christ, ou en second lieu apres Christ, pour suppleer ce qui defaut de son costé." – "Como se fossem mediadores ou com Cristo, ou em segundo lugar depois de Cristo, para suprir o que estava faltando de sua parte."

Cristo quando transferimos para outros uma mínima parte daquilo que lhe pertence, seja aos anjos, seja aos homens.

Firmando-se em coisas que tenha visto. O verbo ἐμβατεύειν, de cujo particípio Paulo faz uso aqui, tem várias significações. A tradução que Erasmo, depois de Jerônimo, lhe deu, *andando orgulhosamente*, não se ajustaria mal, houvesse um exemplo de tal significação em autor de suficiente eminência. Pois todo dia vemos quanta confiança e orgulhosa temeridade as pessoas pronunciam uma opinião quanto às coisas desconhecidas. Pior, mesmo no próprio tema do qual Paulo trata há uma notável ilustração. Pois quando os doutores da Sorbone apresentam suas tagarelices[47] com respeito à intercessão dos santos ou dos anjos, declaram,[48] como se fosse de um oráculo,[49] que os mortos[50] conhecem e vêem nossas necessidades, já que vêem todas as coisas na luz reflexa de Deus.[51] E, no entanto, o que existe de menos certo? Mais ainda, o que é mais obscuro e duvidoso? Mas, de fato, tal é seu autoritário atrevimento: que falsa e ousadamente afirmam o que não só desconhecem, mas não pode ser conhecido pelos homens.

Este significado, pois, seria próprio se essa significação do termo fosse usual. No entanto, entre os gregos ele é tomado simplesmente no sentido de *andar*. Às vezes significa também *inquirir*. Se alguém quiser entendê-lo assim nesta passagem, nesse caso Paulo está reprovando a estulta curiosidade na investigação das coisas que são obscuras, e como tais são inclusive ocultas à nossa vista e as transcendem.[52] No entanto, a impressão que tenho é que consegui captar a intenção de Paulo, e por isso o traduzi fielmente desta maneira: "instruindo naquelas coisas que ele não viu." Pois essa é a significação comum da palavra ἐμβατεύειν – en-

47 "Mettent en auant leurs mensonges." – "Exibem suas falsidades."

48 "Ils prononcent et determinent comme par arrest." – "Declaram e determinam como que por decreto."

49 "Perinde atque ex triple" (justamente como se fosse do tripé). Nosso autor, certamente, alude ao escabelo de três pernas sobre o qual os sacerdotes de Apolo, em Delphi, se sentavam, enquanto davam respostas oraculares.

50 "Les saincts trespassez." – "Santos falecidos."

51 "En la reuerberation de la lumiere de Dieu." – "No reflexo da luz de Deus."

52 "Et surmontent toute nostre capacite." – "E excede toda nossa capacidade."

trar na posse de uma herança,[53] ou tomar posse, ou pôr o pé em algum lugar. Em conseqüência, Budaeus traduz esta passagem assim: "Pôr o pé em, ou entrar na posse daquelas coisas[54] que não foram vistas." Tenho seguido sua autoridade, porém selecionei um termo mais próprio. Pois tais pessoas na realidade passam e introduzem coisas secretamente, as quais Deus não quer que se descubram como já feitas a nós. É preciso que a passagem seja cuidadosamente observada, para o propósito de reprovar a temeridade[55] dos que inquirem mais do que se lhes admite.

Inchados vaidosamente por seu entendimento carnal. Ele emprega a expressão *mente carnal* para denotar a sagacidade do intelecto humano, por maior que seja. Pois ele o põe em contraste com aquela sabedoria espiritual que nos é revelada do céu em concordância com aquela declaração: "Não foi carne e sangue que to revelaram" [Mt 16.17]. Portanto, quem quer que dependa de sua própria razão, visto que a perspicácia da carne está totalmente em operação nele,[56] Paulo declara que o tal é *futilmente inchado*. E, de fato, toda a sabedoria que os homens possuem em si mesmos é mero vento; daí não haver nada sólido senão na palavra de Deus e na iluminação do Espírito. E, observem bem, aqueles de quem lemos que são *inchados* se insinuam[57] sob uma exibição de humildade. Pois sucede, como Agostinho elegantemente escreve a Paulinus, em termos maravilhosos, como a alma do homem se envaidece mais por falsa humildade do que por franco orgulho.

19. Não retendo a Cabeça. Ele condena, pelo uso de uma palavra, tudo quanto não sustém uma relação com Cristo. Também confirma sua declaração com base no fato de que todas as coisas fluem dele e dependem dele. Daí, se alguém nos chamar para algum outro que não seja Cristo, ainda que em outros aspectos tivesse o tamanho do céu e da terra, o tal seria fútil e cheio de vento; portanto, demos-lhe adeus

53 É assim que ἐμβατεύειν εἰς τὴν οὐσίαν é usado por Demóstenes, no sentido de "*entrar* na propriedade".

54 "Es choses secretes et cachees." – "Em coisas secretas e ocultas."

55 "La fole outrecuidance." – "A tola presunção."

56 "Pource qu'il n'est gouuerné que par la subtilite charnelle et naturelle." – "Porque ele é regulado exclusivamente pela acuidade carnal e natural."

57 "En la Grace des hommes." – "No favor dos homens."

sem qualquer preocupação. Observe-se, contudo, de quem ele está falando, a saber, dos que não rejeitavam ou negavam a Cristo publicamente, mas, sem entender acuradamente o ofício e o poder dele, saem em busca de outros auxílios e meios de salvação (como comumente falam), não vivendo radicados solidamente nele.

Da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas. Ele tem simplesmente isto em mente: que a Igreja não fica em pé de outra maneira senão no caso de todas as coisas lhe serem fornecidas por Cristo, a *Cabeça*, e, conseqüentemente, que sua inteira segurança[58] consiste nele. É verdade que o corpo tem seus nervos, suas *juntas* e *ligamentos*, mas todas essas coisas derivam seu vigor unicamente da Cabeça, de modo que todo seu encadeamento provém dessa fonte. Então, o que se deve fazer? A constituição do corpo estará numa condição correta se simplesmente se admite que a Cabeça, que fornece os diversos membros com tudo o que possuem, sem qualquer obstáculo, tenha a preeminência. Paulo fala disso como sendo o *crescimento concedido por Deus*, pelo qual ele quer dizer que nem todo crescimento é aprovado por Deus, mas somente aquele que tem uma relação com a Cabeça. Pois vemos que o reino do papa não é meramente elevado e amplo, mas se ensoberbece numa dimensão monstruosa. Entretanto, como ali não vemos o que Paulo aqui requer da Igreja, o que diremos, senão que aquela é um corpo encurvado, e uma massa confusa que por si só se fará em pedaços?

20. Se morrestes com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos sujeitais ainda a ordenanças, como se vivêsseis no mundo,

21. tais como: não toques, não proves, não manuseies

22. (as quais coisas todas não de perecer pelo uso), segundo os preceitos e doutrinas dos homens?

23. As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria em culto voluntário, humildade fingida, e severidade para com o corpo, mas não têm valor algum no combate contra a satisfação da carne.

20. Si igitur mortui estis cum Christo ab elementis huius mundi, quid tanquam viventibus in mundo decreta vobis perscribuntur?

21. Ne esitaveris, ne gustaveris, ne attigeris:

22. quae sunt omnia in corruptionem ipso abusu, secundum praecepta et doctrinas hominum,

23. Quae speciem[59] quidem habent sapientiae in superstitione,[60] et humilitate

58 "Toute la perfection de son entre." – "Toda a perfeição de seu ser."

59 "Espece, ou, forme." – "Aparência, ou forma."

60 "superstition, ou, deuotion volontaire." – "Superstição, ou culto pessoal."

animi, et neglectu corporis:[61] non in honoré aliquo ad expletionem carnis.[62]

20. Se morrestes. Ele dissera previamente que as ordenanças foram cravadas na cruz de Cristo [v. 14]. Ele agora emprega outra figura de linguagem – que estamos *mortos para elas*, como nos ensina em outro lugar, que estamos *mortos para a lei*, e, em contrapartida, a lei para nós [Gl 2.19]. O termo *morte* significa ab-rogação,[63] mas é mais expressivo *e mais enfático* (καὶ ἐμφατικώτερον). Ele diz, pois, que os colossenses nada têm a ver com as ordenanças. Por quê? Porque já morreram com Cristo para as ordenanças; isto é, depois que morreram com Cristo mediante a regeneração, foram, através de sua bondade, isentados das ordenanças, para que nunca mais lhes pertencessem. Daí ele concluir que de modo algum estão obrigados às ordenanças, as quais os falsos apóstolos lutavam por impor-lhes.

21. Não toqueis, não proveis. Até aqui isto tem sido traduzido não *manuseeis*, mas, como a outra palavra que segue imediatamente, significa a mesma coisa, cada um veja bem quão insípido e absurdo seria tal repetição. Ademais, o verbo ἅπτεσθαι é empregado pelos gregos, entre suas outras significações, no sentido de *comer*,[64] em concordância com a tradução que tenho dado. Plutarco faz uso dele na vida de César, quando relata que seus soldados, na privação de todas as coisas, *comiam* animais que anteriormente não tinham o costume de usar como alimento.[65] E este arranjo, em outros aspectos, tanto é natural como também mais em concordân-

61 "Em mespris du corpos, ou, em ce qu'elles n'espargnent lê corps." – "Em desprezo do corpo, ou visto que não poupam o corpo."

62 "Sans aucun honneur a rassasier la chair, ou, et ne ont aucun esgard au rassasiement d'iceluy: ou, mais ne font d'aucune estime, n'appartenans qu'a ce qui remplit lê corps." – "Sem qualquer honra à satisfação da carne, ou e não têm respeito pela satisfação dela, ou a mantêm em nenhuma estima, não cuidando do que satisfaz o corpo."

63 "Et abolissement." – "E cancelamento."

64 Um example pode ser encontrado na Odisséia de Homero (6:60), σίτου θ' ἅπτεσθον καὶ χαίρετον. — "Tome o alimento e se alegre." Veja também Xenoph. Mem. 1.3.7.

65 A passagem mencionada reza assim: "Ἐβρώθη δὲ καὶ φλοιὸς ὡς λέγεται, καὶ ζώων ἀγεύστων πρότερον ἥψαντο." — "Lemos que devoravam até mesmo casca de árvores, e comiam animais que anteriormente nunca haviam provado."

cia com a conexão da passagem; porquanto Paulo realça, *à guisa de imitação* (μιμητικῶς), a que extensão o capricho dos que obrigam as consciências, por meio de suas leis, costuma chegar. Desde o início são indevidamente rigorosos; daí ele interpor com sua proibição – não simplesmente contra comer, mas ainda contra a participação leviana. Depois de obterem o que desejam, vão além dessa ordem, e chegam a ponto de depois declarar ser ilícito *provar* do que não querem que se coma. Por fim, tem como crime até mesmo *tocar*. Em suma, quando alguém tenha uma vez assumido a tirania sobre as almas dos homens, não há fim para que se adicionem diariamente novas leis às já existentes, e novos decretos surgem de tempo em tempo. Como isso transparece no papado como o reflexo no espelho! Daí Paulo agir admiravelmente bem quando nos admoesta dizendo que as tradições humanas são como um labirinto, no qual as consciências se vêem mais e mais cativas; mais ainda, são redes que, desde o início, prendem de tal maneira que no decurso do tempo enredam de vez.

22. Todas essas coisas tendem à corrupção. Ele descarta, por um duplo argumento, os decretos de que fizera menção – porque fazem a religião consistir em coisas externas e falhas, as quais não têm conexão com o reino espiritual de Deus; e, em segundo lugar, porque procedem dos homens, não de Deus. Ele combate o primeiro argumento também em Romanos 14.17, quando diz: "O reino de Deus não é nem comida nem bebida"; igualmente em 1 Coríntios 6.13: "Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos; Deus, porém, aniquilará, tanto um como os outros." O próprio Cristo afirma também: "Não é o que entra pela boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso é que o contamina" [Mt 15.11]. Eis a suma: que o culto divino, a verdadeira piedade e a santidade dos cristãos não consistem em bebida e comida e roupa, coisas essas transitórias e passíveis de deterioração, e pelo mau uso perecem. Pois o mau uso é propriamente aplicável àquelas coisas que são corrompidas pelo uso que se faz delas. Daí os decretos são de nenhum valor em referência àquelas coisas

que tendem a excitar o escrúpulo da consciência. No papado, porém, dificilmente você achará alguma santidade além da que consiste em pequenas observâncias de coisas corruptíveis.

Adiciona-se uma segunda refutação[66] – que sua origem se encontra no homem e não tem Deus como seu autor; e com essa terrível ameaça ele expõe e pulveriza a todas as tradições dos homens. Por quê? Eis o raciocínio de Paulo: "Os que mantêm as consciências em escravidão injuriam a Cristo e tornam sua morte nula. Pois tudo quanto é de invenção humana não obriga a consciência."

23. As quais têm, na verdade. Aqui temos a antecipação de uma objeção, na qual, embora ele conceda a seus adversários o que alegam, ao mesmo tempo o considera totalmente destituído de valor. Pois é como se ele dissesse que não leva em conta sua *exibição de sabedoria*. No entanto, *exibição* é posta em contraste com *realidade*, pois não passa de aparência, como comumente dizem, a qual engana pela semelhança.[67]

Não obstante, observe de que colorido esta exibição consiste, em conformidade com Paulo. Ele faz menção de três cores – culto inventado pelo homem,[68] humildade e negligência do corpo. A superstição entre os gregos recebe o nome de ἐθελοβρησκεία – o termo usado por Paulo aqui. Entretanto, ele tem um olho na etimologia do termo, pois ἐθελοβρησκεία, literalmente, denota um serviço voluntário que os homens escolhem para si, por sua própria opção, sem a autoridade de Deus. As tradições humanas, portanto, nos são agradáveis por esta conta: que se harmonizam com nosso entendimento, pois alguém achará em seu próprio cérebro os primeiros indícios delas. Este é o *primeiro* pretexto.

O *segundo* é a humildade, visto que a obediência, seja a Deus seja aos homens, é pretensa, de modo que os homens não recusam nem

66 "Le second argument par lequel il refute telles ordonnances, est." – "O segundo argumento pelo qual ele descarta tais decretos é."

67 "Par similitude qu'elle ha auec la verite." – "Pela semelhança que aparenta realidade."

68 "Lê seruice forgé a plaisir, c'est a dire inuenté par les hommes." – "Culto engendrado no prazer, ou, seja, inventado pelo homem."

mesmo os fardos irracionais.[69] E, em sua maioria, as tradições deste gênero são de uma natureza tal que é como se fossem admiráveis exercícios de humildade.

Eles fascinam também pelo uso de um *terceiro* pretexto, como se fossem da maior importância para a mortificação da carne, enquanto não há moderação para o corpo. Paulo, contudo, descarta esses artifícios, "porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação" [Lc 16.15]. Ademais, essa é uma obediência traiçoeira e uma humildade perversa e sacrílega que transfere aos homens a autoridade divina; e *negligenciar o corpo* de modo é de tão grande importância a ponto de ser tido digno da admiração como se fosse um serviço prestado a Deus.

Não obstante, alguém se sentirá pasmo por Paulo não pensar duas vezes em arrancar-lhes essas máscaras. Minha resposta é que ele tinha bons motivos para contentar-se com o simples termo *exibição*. Pois os princípios que ele tomara como opostos a isto são sem controvérsia – que o corpo está em Cristo, e que, conseqüentemente, os mesmos nada são senão imposição de homens miseráveis que põem diante deles sombras. Em *segundo* lugar, o reino espiritual de Cristo de modo algum é formado de elementos frágeis e corruptíveis. Em *terceiro* lugar, pela morte de Cristo, tais observâncias expiraram, que não mais temos qualquer conexão com elas; e, em *quarto* lugar, Deus é nosso único *Legislador* [Is 33.22]. O que quer que seja apresentado do outro lado, mesmo que tenha a aparência de muito esplendor, não passa de efêmera *sombra*.

Em *segundo* lugar, ele tem como sendo suficiente admoestar os colossenses a não se deixarem enganar pela proposta de coisas fúteis. Não havia necessidade de insistir mais em sua reprovação. Pois deve ser um ponto estabelecido entre todos os santos que o culto a Deus não deva ser medido em conformidade com nossos conceitos; e que, conseqüentemente, qualquer tipo de serviço não

69 "Iniques et dures a porter;" — "Irracional e difícil de ser suportado."

é lícito simplesmente sobre a base de que nos é agradável. Este deve ser também um ponto comumente aceito – que devemos a Deus tal humildade que rende obediência simplesmente aos seus mandamentos, de modo que "não estribamos em nosso próprio entendimento" [Pv 3.5] – e que o limite da humildade para com os homens é este: que cada um se submeta aos demais em amor. Ora, quando contendem que a devassidão da carne é reprimida pela abstinência de alimentos, a resposta é fácil – que nem por isso devemos abster-nos de algum alimento particular como se fosse impuro, mas que comamos frugalmente do que temos, seja para que sóbria e moderadamente façamos uso dos dons de Deus, seja para que, impedidos por tanta comida e bebida, esqueçamos aquelas coisas que são de Deus. Daí ser bastante dizer que estas[70] eram máscaras, ante as quais os colossenses, sendo advertidos, se pusessem em guarda contra falsos pretextos.

E assim, na atualidade, os papistas não carecem de pretextos astutos pelos quais formulem suas próprias leis, o máximo que possam – algumas delas ímpias e tirânicas, e outras pueris e fúteis. No entanto, mesmo que lhes admitamos tudo, ainda resta esta refutação de Paulo, a qual é mais que suficiente para dispersar todos seus vapores fumegantes;[71] para não dizer quão afastados estão[72] da mui honrosa aparência que Paulo descreve. A principal santidade do papado,[73] na atualidade, consiste do monacato, e de que natureza isso é me envergonho e me entristece o somente mencionar, para que eu não sinta um odor tão abominável. Ademais, é importante considerar aqui quão propensa, pior, quão propícia é a mente humana para tais modos artificiais de culto. Pois o apóstolo aqui

70 "Ces traditions;" — "Estas tradições."

71 "Tous les brouillars desquels ils taschent d'esblouir les yeux au poure monde." – "Todas as névoas pelas quais tudo fazem para cegar os olhos do pobre mundo."

72 "Leurs traditions;" — "Tradições deles."

73 "la premiere et la principale honnestete et sainctete de la Papaute." – "A primeira e principal decência e santidade do papado."

descreve graficamente[74] o estado do velho sistema do monacato, que entrou em uso umas centenas de anos após sua morte, como se ele nunca houvera falado sequer uma palavra. O zelo dos homens pela superstição, portanto, é infinitamente louca, e não se pode ser contida, por uma declaração divina tão nítida, de manifestar-se de repente, como testificam os registros históricos.

Mas não tem honra alguma. *Honra* significa *cuidado*, segundo o uso do idioma hebraico. "Honrai as viúvas" [1Tm 5.3], isto é, tende cuidado delas. Agora Paulo acha falha nisto: que elas[75] ensinam a negligenciar o cuidado do corpo. Porque, como Deus nos proíbe tratar o corpo indevidamente, assim ele nos ordena que se dê a ele tudo quanto for necessário. Daí Paulo, em Romanos 13.14, não condena expressamente o cuidado da carne, a não ser quando se entrega às concupiscências. "E não tendes cuidado da carne em suas concupiscências." O que, pois, Paulo realça como faltoso nessas tradições de que ele trata? É que elas não honravam o corpo para a *satisfação da carne*, isto é, segundo a medida da necessidade. Pois aqui satisfazer significa uma mediocridade, a qual se restringe ao simples uso da natureza, e assim propicia oportunidade para o prazer e todas as delícias supérfluas; pois a natureza se contenta com pouco. Daí, refutar o que se requer para o sustento necessário da vida não é menos oposto à piedade do que desumano.

74 "Peind yci au vif;" — "Pinta aqui vividamente."
75 "Les traditions." – "As tradições."

Capítulo 3

1. Se, pois, fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está, assentado à destra de Deus.

2. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra;

3. porque morrestes, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus.

4. Quando Cristo, que é nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória.

1. Ergo si consurrexistis cum Christo, quae sursum sunt quaerite, ubi Christus est in dextera Dei sedéns:

2. Quae sursum sunt cogitate, non quae super terram.

3. Mortui enim estis, et vita nostra abscondita est cum Christo in Deo.

4. Ubi autem Christus apparuerit, vita vestra, tunc etiam vos cum ipso apparebitis in gloria.

Àqueles exercícios infrutíferos que os falsos apóstolos impunham,[1] como se a perfeição consistisse neles, ele opõe aqueles verdadeiros exercícios nos quais os cristãos devem ocupar-se; e esta não é uma postura leviana do ponto em mãos; pois quando vemos que Deus quer que façamos, então se torna fácil desprezar as invenções humanas. Quando percebemos também que o que Deus nos recomenda é muitíssimo mais elevado e excelente do que o que os homens propõem, então aumenta nosso entusiasmo intelectual de seguir a Deus, a ponto de sermos indiferentes aos homens. Paulo aqui exorta os colossenses à meditação sobre a vida celestial. E o que dizer dos oponentes? Nutriam o desejo de reter suas noções infantis. Esta doutrina, pois, faz com que as cerimônias sejam valorizadas de maneira ainda mais leviana. Daí se manifestar que Paulo, nesta passagem, de tal maneira exorta visando a confirmar a doutrina

1 "Recommandoyent estroittement." – "Insistentemente recomendavam."

precedente; pois, ao descrever a sólida piedade e santidade de vida, seu alvo é que aquelas vãs *exibições* das tradições humanas desapareçam.[2] Ao mesmo tempo, ele antecipa uma objeção com que os falsos apóstolos poderiam atacá-lo. O que seria? "Porventura tu desejas mais que os homens sejam viciados em tais exercícios na prática, não importa de que sorte sejam eles?" Portanto, quando ele convida os cristãos a se aplicarem aos exercícios de uma espécie muitíssimo superior, ele golpeia tal calúnia; mais ainda, ele lança sobre eles não pequena desonra, com base no fato de que impediam o caminho correto aos piedosos com distrações sem valor.[3]

1. Se fostes ressuscitados com Cristo. A ascensão segue a ressurreição; daí, se somos membros de Cristo, então devemos subir para o céu, porque ele, ao ressuscitar dentre os mortos, foi *recebido no céu* [Mc 16.19], para que sejamos arrebatados com ele. Agora "buscamos aquelas coisas que são do alto", quando em nossas mentes[4] realmente somos peregrinos neste mundo e já não presos a ele. A palavra traduzida por *pensai em* expressa antes assiduidade e intensidade de meta: "Toda vossa meditação quanto a isto: aplicar-vos a isto vosso intelecto; a isto, vossa mente." No entanto, se devemos pensar em nada mais senão no que está no céu, porque Cristo está no céu, quanto menos nos é inconveniente buscar Cristo na terra. Portanto, tenhamos em mente que *aquilo* que é verdadeiro e *pensamento* santo quanto a Cristo, com isso subamos ao céu para que o adoremos lá, e para que nossa mente habite com ele.

Assentado à destra de Deus. Não se deve confinar isso ao céu, senão que encha o mundo inteiro. Paulo fez tal menção aqui para notificar que Cristo nos cerca com seu poder, para que não pensemos que a distância de lugar seja causa de separação entre nós e ele, e para que, ao mesmo tempo, sua majestade nos incite profundamente a reverenciá-lo.

2. Não nas coisas que são da terra. Ele não tem em mente, como faz um pouco mais adiante, os apetites depravados, os quais reinam nos homens terrenos; nem mesmo as riquezas, ou campos, ou casas, nem

2 "S'em aillent en fumee." – "Se desvaneçam em fumaça."
3 "Par des amusemens plus que pueriles." – "Com entretenimentos piores que infantilidade."
4 "De coeur et esprit." – "No coração e no espírito."

outra coisa qualquer da presente vida, as quais devemos "usar como se não as usássemos" [1Co 7.30-31], mas ainda se enquadram em sua discussão quanto às cerimônias, as quais ele representa como obstáculos parecidos, que nos constrangem a nos arrastarmos no chão. "Cristo", diz ele, "nos chama para o alto, para si, enquanto estas coisas nos arrastam para baixo." Pois esta é a conclusão e exposição do que recentemente tocara de leve quanto à abolição das cerimônias através da morte de Cristo. "Para vós, as cerimônias estão mortas através da morte de Cristo, e vós para elas, a fim de que, sendo levados para o céu com Cristo, só penseis naquelas coisas que são do alto. Portanto abandonai as coisas terrenas." Não contenderei contra aqueles que têm uma mentalidade diferente; mas certamente penso que o apóstolo segue passo a passo, de modo que, no primeiro caso, ele põe as tradições quanto a questões triviais em contraste com a meditação sobre a vida celestial, e em seguida, como veremos, avança mais.

3. Porque morrestes. Ninguém pode ressuscitar com Cristo, se primeiro não morrer com ele. Daí ele elaborar um argumento da *ressurreição* para a *morte*, como de um conseqüente para um antecedente,[5] significando que temos de estar mortos para o mundo a fim de vivermos para Cristo. Por que ele ensinou que devemos "buscar aquelas coisas que são do alto"? É porque a vida dos santos é *do alto*. Por que ele agora ensina que as coisas que são da terra devem ser abandonadas? Porque eles estão mortos para o mundo. "A morte precede a ressurreição, do que temos falado. Daí, ambas devem ser vistas em vós."

É digno de observação lermos que nossa *vida* está oculta, para que não murmuremos nem nos queixemos de nossa vida, quando ela está sepultada sob a ignomínia da cruz, e sob variadas angústias, em nada diferindo da morte, mas esperemos pacientemente pelo dia da revelação. E para que nossa espera não seja dolorosa, observemos aquelas expressões, *em Cristo* e *com Cristo*, as quais notificam que nossa vida está fora de perigo, ainda que isso não transpareça. Pois, em primeiro lugar, Deus

5 "C'est a dire de ce qui suit a ce qui va deuant." – "Equivale a dizer: do que segue para o que vem antes."

é fiel e, portanto, não negará o que ele confiou a si mesmo [2Tm 1.12], nem enganará naquela proteção que fez inabalável; e, em segundo lugar, a comunhão com Cristo produz ainda maior segurança. Portanto, o que nos deve ser mais desejável do que isto – que nossa vida descanse na própria fonte de vida? Daí não haver razão por que devamos nos alarmar se, olhando ao redor e de todos os lados, não visualizamos vida em parte alguma. "Porquanto na esperança fomos salvos. Ora, a esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?" [Rm 8.24]. Tampouco ele ensina que nossa vida está oculta meramente na opinião do mundo, mas inclusive de nossa própria visão, porque esta é a prova verdadeira e necessária de nossa esperança: que, sendo cercada, por assim dizer, pela morte, não podemos buscar a vida em nenhum outro lugar do mundo.

4. Mas quando Cristo, nossa vida, se manifestar. Aqui temos uma consolação muito especial – que a vinda de Cristo será a manifestação de nossa vida. E, ao mesmo tempo, ele nos admoesta quão irracional seria a disposição do homem que renunciasse[6] suportar até aquele dia. Pois se nossa vida está guardada em Cristo, então deve ficar *oculta* até que se *manifeste*.

5. Mortificai, pois, vossas inclinações carnais: a prostituição, a impureza, a paixão, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria;

6. porque por essas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência;

7. nas quais também em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas;

8. mas agora despojai-vos também de tudo isto: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes de vossa boca.

5. Mortificate igitur membra vestra, quae sunt super terram, scortationem, immunditiem, mollitiem, concupiscentiam malam, et avaritiam, quae est idololatria.

6. Propter quae venit ira Dei in filios inobedientiae;

7. In quibus vos quoque ambulabatis aliquando, quum viveretis in illis.

8. Nunc autem deponite et vos omnia, iram, indignationem, malitiam, maledicentiam, turpiloquentiam ex ore vestro.

5. Mortificai, pois. Até aqui ele esteve falando do desprezo do mundo. Agora avança mais e aborda uma filosofia mais elevada, a saber, a *mortificação da carne*. Para que isto seja mais bem compre-

6 "D'endurer et attendre." – "Suportasse e esperasse."

endido, notemos bem que há uma dupla *mortificação*. A primeira se relaciona com as coisas que nos cercam. Ele tratou desta até aqui. A outra é interior – a do entendimento e da vontade, bem como de toda nossa natureza corrupta. Ele faz menção de certos vícios a que chama, não com estrita exatidão, mas, ao mesmo tempo, elegantemente: *membros*. Pois ele concebe nossa natureza como sendo, por assim dizer, uma massa formada de diferentes vícios. Portanto, estes são nossos *membros*, visto que, de certa maneira, estão fundidos a nós. Ele os chama também *terrenos*, aludindo ao que dissera: "Não nas coisas que são da terra" [v. 2], mas num sentido diferente. "Tenho-vos admoestado para que as coisas terrenas sejam desconsideradas; no entanto, deveis tomar como vosso alvo a mortificação desses vícios que vos detêm na terra." Entretanto, ele notifica que somos terrenos na medida em que os vícios de nossa carne são vigorosos em nós, e que se tornam celestiais pela renovação do Espírito.

Depois de *fornicação* ele adiciona *impureza*, termo com que ele expressa todos os tipos de depravação, pelos quais as pessoas lascivas se maculam. A estes se adiciona πάθος, isto é, *paixão*, a qual inclui todas as fascinações de desejos não-santificados. É verdade que este termo denota perturbações mentais de outros tipos, e emoções desordenadas que contrariam a razão; mas paixão não é uma tradução imprópria desta passagem. Quanto à razão por que *cobiça* seja aqui expressa como uma adoração de imagens,[7] consulte-se a Epístola aos Efésios, para que eu não afirme a mesma coisa duas vezes.

6. Por essas coisas vem a ira de Deus. Não atribuo erro na tradução de Erasmo, *solet venire* (*costuma vir*), mas, como na Escritura o presente às vezes toma o lugar do futuro, segundo o modo idiomático da língua hebraica, preferi deixar a tradução indefinida, de modo que acomode-se a ambos os sentidos. Ele, pois, adverte aos colossenses ou quanto aos freqüentes juízos de Deus, que são visualizados diariamente, ou quanto à vingança que uma vez denunciou contra os perversos,

7 "Est appelee Idolatrie." – "É chamada *idolatria*."

e a qual pende sobre eles, mas que não se manifestará até o último dia. Não obstante, de bom grado admito o primeiro significado – que Deus, que é o perpétuo Juiz do mundo, costuma punir os crimes em pauta.

No entanto, ele diz expressamente que a ira de Deus sobrevirá, ou costuma vir, sobre os incrédulos e desobedientes, em vez de ameaçá-los com algo desta natureza.[8] Pois Deus deseja antes que vejamos sua ira sobre os réprobos do que senti-la sobre nós mesmos. É verdade que, quando as promessas da graça são postas diante de nós, cada um dos santos deve abraçá-las igualmente como se fossem designadas particularmente para si; mas, em contrapartida, temamos as ameaças da ira e destruição, de tal maneira, que aquelas coisas que são próprias para os réprobos nos sirvam de lição. É verdade que às vezes lemos que Deus está irado inclusive contra seus filhos, e algumas vezes castiga seus pecados com severidade. Aqui, contudo, Paulo fala de destruição eterna, a qual se pode ver como num espelho somente nos réprobos. Em suma, sempre que Deus ameaça, ele mostra, por assim dizer, indiretamente a punição, para que, visualizando-a nos réprobos, desistamos de pecar.

7. Nas quais também andastes. Erasmo, equivocadamente, atribui isto aos homens, traduzindo-o *inter quos* (*entre os quais*), pois não há dúvida de que Paulo tinha em vista os vícios, nos quais, diz ele, os colossenses andaram durante o tempo em que viviam neles. Pois *viver* e *andar* diferem entre si, como poder de ação. *Viver* assume o primeiro lugar; em seguida vem o *andar*, como em Gálatas 5.25: "Se viveis no *Espírito*, *andai* também no Espírito." Por estas palavras ele notifica que era algo inconveniente que continuassem se entregando aos vícios, para os quais haviam morrido através de Cristo. Veja-se o sexto capítulo da Epístola aos Romanos. É um argumento com base num retraimento da causa para um retraimento do efeito.

8. Mas agora, isto é, depois de haver cessado de *viver na carne*. Pois o poder e a natureza da mortificação são tais que todos os afetos corruptos são extintos em nós, para que depois o pecado não produza em nós

8 "Plustot que de menacer les Colossiens de telles choses." – "Em vez de ameaçar os colossenses com tais coisas."

seus frutos depravados. O que traduzi por *indignationem* (*indignação*) θυμός – termo que denota uma paixão mais impetuosa do que ὀργὴ (*ira*). No entanto, aqui ele enumera, como se pode facilmente perceber, formas de vício que eram diferentes dos previamente mencionados.

9. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do homem velho com seus feitos,

10. e vos vestistes do novo, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou;

11. onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou livre, mas Cristo é tudo em todos.

12. Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de coração compassivo, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade,

13. suportando-vos e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como o Senhor vos perdoou, assim fazei vós também.

9. Ne mentioamini alii diversus alios, postquam exuistis veterem hominem cum actionibus suis:

10. Et induistis novum, qui renovatur in agnitionem, secundum imaginem eius, qui creavit eum:

11. Ubi non est Graecus nec Judaeus, circumcisio nec praeputium, barbarus, Scytha, servus, líber: sed omnia et in omnibus Christus.

12. Induite igitur, tanquam electi Dei sancti et dilecti, víscera miserationum, comitatem, humilitatem, mansuetudinem, telerantiam,

13. Sufferentes vos mutuo, et condonantes si quis adversus alium litem habeat: quemadmodum Christus condonavit vobis, ita et vos.

9. Não mintais. Ao condenar a *mentira*, ele condena toda sorte de astúcia e todos os vis artifícios da fraude. Pois não entendo o termo como uma mera referência às calúnias, mas a vejo como contrastado, de uma maneira geral, com a sinceridade. Daí se pode admitir uma tradução mais sucinta, e não estou certo se a melhor tradução seja: "Não mintais uns aos outros". No entanto, ele leva às últimas conseqüências seu argumento quanto à comunhão que os crentes têm na morte e ressurreição de Cristo, porém empregando outras formas de expressão.

O *velho homem* denota tudo o que trazemos do ventre de nossa mãe e tudo o que somos por natureza. Todos os que são renovados por Cristo se *despem* dele. *Novo homem*, em contrapartida, é aquele que é renovado pelo Espírito de Cristo para a obediência da justiça, ou é a natureza restaurada à sua verdadeira integridade pelo mesmo Espírito. No entanto, o *velho homem* vem primeiro na ordem, porque somos primogênitos de

Adão, e depois nascemos de novo através de Cristo. E como o que possuímos de Adão se torna velho,[9] e tende à ruína, assim o que obtemos através de Cristo permanece para sempre e não perde a consistência; mas, ao contrário, tende à imortalidade. Esta passagem é digna de nota, visto que se pode deduzir dela uma definição de regeneração. Pois ela contém duas partes – o *despir do velho homem* e o *vestir-se do novo*, e é destas que aqui Paulo faz menção. É preciso notar ainda que o *velho homem* é distinguido por suas obras, como uma árvore é por seus frutos. Daí se segue que a depravação que nos é inerente se denota pelo termo *velho homem*.

10. Que se renova para o pleno conhecimento. Em primeiro lugar ele mostra que a novidade de vida consiste em *conhecimento* – não como se fosse suficiente um simples e mero conhecimento, mas ele fala da iluminação do Espírito Santo, a qual é viva e eficaz, a ponto de iluminar não meramente a mente instruindo-lhe com a luz da verdade, mas transformando o homem por inteiro. E é justamente isso que ele adiciona imediatamente: que somos "renovados segundo a imagem de Deus". Ora, a *imagem de Deus* reside na totalidade da alma, visto não ser só a razão que é corrigida, mas também a vontade. Daí aprendermos também, de um lado, qual é o fim de nossa regeneração, isto é, para que nos tornemos semelhantes a Deus, e para que sua glória se manifeste em nós; e, do outro lado, que é da imagem de Deus que se faz menção por Moisés em Gênesis 9.6:[10] a retidão e integridade de toda a alma, de modo que o homem reflete, como num espelho, a sabedoria, justiça e bondade de Deus. Ele usa termos um pouco diferentes na Epístola aos Efésios, mas o significado é o mesmo. Veja-se a passagem de Efésios 4.24. Paulo, ao mesmo tempo, ensina que nada há mais excelente em que os colossenses possam inspirar-se, visto que esta é nossa mais elevada perfeição e bem-aventurança – portar a imagem de Deus.

11. Onde não há grego nem judeu. Ele adicionou isto intencionalmente, para que uma vez mais afastasse os colossenses das cerimônias. Pois o significado da afirmação é este: que a perfeição

9 "Deuient vieil et caduque." – "Se torna velho e caduco."

10 "De laquelle Moyse fait mention au Gen. i. chap. c. 26, et ix. b. 6." – "De que Moisés faz menção em Gênesis 1.26 e 9.6."

cristã não jaz na necessidade daquelas observâncias externas; não só isso, que são coisas que lhe estão em total oposição. Pois sob a distinção de *circuncisão* e *incircuncisão*, de *judeu* e *grego*, ele inclui, por *sinédoque*[11] todas as [observâncias] externas. Os termos que seguem, *bárbaro*, *cita*,[12] *escravo*, *livre* são adicionados à guisa de ampliação.

Cristo é tudo e em todos, isto é, somente Cristo é, como dizem, a *proa* e a *popa* – o começo e o fim. Demais, por *Cristo* ele tem em vista a justiça espiritual de Cristo, a qual põe termo final às cerimônias, como já vimos anteriormente. Elas são, pois, supérfluas numa condição de verdadeira perfeição; mais ainda, já não devem ter lugar, visto que, de outro modo, se faria injustiça a Cristo, como se fosse necessário evocar tais auxílios com o fim de preencher suas deficiências.

12. Revesti-vos, pois. Como ele enumerara algumas partes do *velho homem*, assim agora enumera também algumas partes do *novo*. "Então", diz ele, "transparecerá que sois renovados por Cristo, quando fordes *misericordiosos* e *bondosos*. Pois estes são os efeitos e evidências de renovação." Daí, a exortação depende da segunda cláusula e, conseqüentemente, ele preserva a metáfora na palavra traduzida pelo verbo *revestir*.

Em primeiro lugar, ele menciona *entranhas de misericórdia*, por cuja expressão ele tem em vista uma afeição ardente, com anelos, por assim dizer, procedentes das *entranhas*; em segundo lugar, ele faz menção de *benignidade* (tradução que eu escolhi para χρηστότητα), pela qual nos tornamos amáveis. A esta ele adiciona humildade, porque ninguém será bondoso e gentil senão aquele que, deixando de lado a arrogância e a altivez, se conduz no exercício da modéstia, nada reivindicando para si.

Mansidão – termo que vem em seguida – tem uma aceitação mais ampla do que *benignidade*, porquanto *aquela* está principalmente na

11 *Sinédoque*, figura de linguagem pela qual uma parte é tomada pelo todo.

12 Howe presume que Paulo "possivelmente esteja se referindo aqui a um cita que, tendo inclinação para a cultura, ele mesmo recorreu a Atenas para estudar os princípios da filosofia que era ensinada ali. Mas, encontrando certo dia com uma pessoa que mui insolentemente o exprobrou por causa de seu país, ele lhe deu esta astuta resposta: 'É realmente um fato que meu país me constitui um opróbrio; você, porém, por sua vez, é um opróbrio para seu país'." – Howe's Works (Londres, 1822), vol. v. p. 497.

aparência e linguagem, enquanto que *esta* está também na disposição interior. Não obstante, como amiúde sucede que nos pomos em contato com homens perversos e ingratos, a paciência se faz necessária para que ela nos fomente a brandura. Por fim, ele explica o que tinha em mente por *longanimidade* – para que abracemos uns aos outros com indulgência e também perdoemos onde houver alguma ofensa. No entanto, visto que isso é algo abrupto e difícil, ele confirma esta doutrina pelo exemplo de Cristo, e ensina que se requer de nós a mesma coisa: que, como nós, que tão amiúde e tão gravemente ofendemos, e não obstante temos recebido seu favor, então devemos manifestar a mesma benignidade para com os semelhantes, perdoando todas e quaisquer ofensas que porventura eles tenham cometido contra nós. Daí ele dizer *se alguém tiver queixa contra outrem*. Por esta expressão ele tem em vista que mesmo nas ocasiões de *queixa*, segundo os conceitos dos homens, não se deve levar isso avante.

Como eleitos de Deus. Aqui, tomo *eleitos* no sentido de *separados*. "Deus vos *escolheu* para si, vos santificou e vos recebeu em seu amor sob esta condição: que sejais *misericordiosos*, etc. A nenhum propósito o homem que não tem estas excelências se gaba de ser *santo* e *amado* por Deus; a nenhum propósito o tal se conta no número dos crentes."

14. E, sobre tudo isso, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição.

15. E a paz de Cristo, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos.

16. A palavra de Cristo habite em vós ricamente, em toda a sabedoria; ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão em vossos corações.

17. E tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.

14. Propter omnia haec caritatem, quae est vinculum perfectionis:

15. Et pax Dei palmam obtineat in cordibus vestris, ad quam etiam estis vocati in uno corpore, et grati sitis.

16. Sermo Christi inhabitet in vobis opulente in omni sapientia, docendo et commonefaciendo vos psalmis, hymnis, et canticis spiritualibus cum gratia, canentes in cordibus vestris Domino.

17. Et quiquid feceritis sermone vel opere, omnia in nomine Domini Iesu, gratiae agentes Deo et Patri, per ipsum.

14. E sobre tudo isso. A tradução que alguns têm feito é "*super* omnia

haec" (*acima* de todas essas coisas), em vez de *insuper* (*sobre e acima*), é, em minha opinião, insuficiente. Seria mais justificável traduzi-lo "*Antes* de todas as coisas". Entretanto, escolhi a significação mais ordinária da palavra ἐπί. Porque, como todas as coisas que enumerou até aqui fluem do *amor*, então, com bons motivos, ele exorta aos colossenses a fomentem entre si o *amor*, em virtude destas coisas – para que fossem misericordiosos, mansos, prontos a perdoar, como se quisesse dizer que seriam tais só no caso de haver *amor*. Porque, onde o amor está ausente, todas as coisas são buscadas em vão. Para que o enaltecesse ainda mais, ele o chama o *vínculo da perfeição*, com isto tendo em vista que toda a intensidade das virtudes está compreendido nele. Pois esta é realmente a regra de toda nossa vida e de todas nossas ações, de modo que tudo o que não é regulado em conformidade com ele é imperfeito, não importa que outro atrativo porventura possua. Esta é a razão por que ele aqui é chamado o *vínculo da perfeição*; porque nada há em nossa vida que seja bem regulado se não for direcionado para ele, senão que tudo quanto tentamos é mera perda de tempo.

Os papistas, contudo, agem de maneira ridícula fazendo mau uso desta declaração, com vistas a manter a justificação pelas obras. "O amor", dizem eles, "é o *vínculo da perfeição*; ora, a perfeição é justiça; portanto somos justificados pelo *amor*." A resposta é dupla: Paulo, aqui, não está arrazoando sobre a maneira como os homens se tornam perfeitos aos olhos de Deus, mas sobre a maneira como podem viver perfeitamente entre si. Pois a genuína exposição desta passagem é como segue: que outras coisas estão numa condição desejável quanto à nossa vida se o *amor* for exercido entre nós. No entanto, quando admitimos que o *amor* seja justiça, infundada e infantilmente aproveitam a ocasião para manter que somos justificados pelo *amor*, pois onde se achará amor perfeito? Nós, contudo, não dizemos que os homens são justificados pela fé somente, com base em que a observância da lei não é justiça, mas, antes, com base em que, como todos nós somos transgressores da lei, somos, em conseqüência de sermos destituídos de qualquer justiça pessoal, constrangidos a nos apropriarmos da justiça de Cristo. Portanto, aí nada permanece senão a justiça da fé, porquan-

to em parte alguma se acha o amor perfeito.

15. E a paz de Deus. Ele dá o título de *paz de Deus* àquilo que Deus estabeleceu entre nós, como transparecerá no que segue. Ele quer que ele [o amor] *reine* em nossos corações.[13] Não obstante, ele emprega uma metáfora muito apropriada; porque, como entre os gladiadores[14] aquele que vencia todos os demais levava a palma, assim ele quer que a *paz de Deus* seja superior a todas as afeições carnais, as quais às vezes nos empurram às contendas, desacordos, disputas, ressentimentos secretos. Em conseqüência, ele nos proíbe de dar rédeas soltas às afeições corruptas deste gênero. Entretanto, visto ser difícil restringi-las, ele aponta também para o remédio, para que a *paz de Deus* granjeie a vitória, porquanto ela deve ser um freio pelas quais as afeições carnais sejam restringidas. Daí ele dizer *em nossos corações*; porquanto sentimos aí, constantemente, profundos conflitos, enquanto "a carne milita contra o Espírito" [Gl 5.17].

A cláusula **para a qual também fostes chamados** notifica qual é o modo desta *paz* – aquela unidade que Cristo consagrou entre nós sob sua diretriz pessoal.[15] Pois Deus nos reconciliou consigo mesmo em Cristo [2Co 5.18], com isto em vista: para que vivamos em plena e mútua harmonia. Ele adiciona *num corpo* com isto significando que não podemos viver numa condição de harmonia com Deus de outro modo senão vivendo em mútua união como membros de um só corpo. Ao convidar-nos a sermos *agradecidos*, não tomo isto como sendo uma referência tanto à lembrança dos favores quanto à doçura do procedimento. Daí, com vistas à remoção da ambigüidade, prefiro traduzi-lo "sede amáveis." Ao mesmo tempo, reconheço que, se a gratidão toma posse de nossas mentes,[16] nos

13 "Governe em vossos corações (βραβεύετο). Que a paz de Cristo julgue, decida e governe em vossos corações, como o *brabeus* ou juiz faz nas disputas olímpicas. Enquanto a paz governa, tudo é seguro." – Dr. A. clarke.

14 "Le mot Grec signifie aucunesfois, Enclins a rendre graces, et recognoistre les benefices que nous receuons." – "A palavra grega algumas vezes significa ter a disposição de render graças e de reconhecer os favores que recebemos."

15 "En son nom et authorite." – "Em seu próprio nome e autoridade."

16 "Si nous auons les coeurs et les sens abbreuuez de ceste affection de n'estre point ingratis." – "Se tivermos nossos corações e mentes totalmente embebidos com esta disposição de não sermos ingratos."

inclinaremos, sem desfalecimento, a promover entre nós a afeição mútua.

16. A palavra de Cristo habite. Ele quer que a doutrina do evangelho lhes seja familiarmente conhecida. Daí podermos inferir por qual espírito está agindo em nossos dias quem cruelmente[17] impede o povo cristão de fazer uso dela, e furiosamente vociferam dizendo que nenhuma pestilência é mais terrível do que a leitura das Escrituras oferecida ao povo comum. Pois, inquestionavelmente, Paulo aqui fala a homens e mulheres de todas as posições; tampouco quer que simplesmente tenham um leve gosto meramente pela *palavra de Cristo*, mas os exorta a que ela *habite neles*; isto é, que ela tenha uma morada fixa, e isso *amplamente*, para que seu alvo seja seu avanço e aumento mais e mais a cada dia. No entanto, como o desejo de aprender é extravagante da parte de muitos, enquanto pervertem a palavra do Senhor para satisfazer suas ambições pessoais, ou por vã curiosidade, ou de alguma maneira a corromperem, por isso mesmo ele adiciona, *em toda sabedoria* – que, sendo instruídos por ela, sejamos sábios como devemos ser.

Demais, ele dá uma breve definição desta sabedoria – que os colossenses *se instruam mutuamente*. Ensinar, aqui, é tomado no sentido de instrução proveitosa, a qual tende para a edificação, como em Romanos 12.7: "Aquele que ensina, dedique-se ao ensino." Também em Timóteo: "Toda Escritura é proveitosa para o ensino" [2Tm 3.16]. Este é o verdadeiro uso da palavra de Cristo. Entretanto, como a doutrina algumas vezes é em si mesma insípida, e, como se diz,[18] quando ela simplesmente demonstra o que é certo, a virtude é louvada[19] e deixada faminta,[20] ao mesmo tempo ele adiciona admoestação, que é, por assim dizer, uma confirmação da doutrina e incentivo a ela. Tampouco ele quer dizer que a *palavra de Cristo* deva ser benéfica meramente a indivíduos, para que se ensinem,

17 "Si estroitement et auec si grande cruaute." – "Tão estritamente e com tão grande crueldade."

18 "Comme a dit anciennement vn poëte Latin." – "Como um poeta latino disse outrora."

19 "Probitas laudatur et alget." – "A virtude é louvada e passa fome" – isto é, negligenciada. Veja-se Juvenal i. 74.

20 "Il se trouue assez de gens qui louënt vertu, mais cependant elle se morfond: c'est a dire, il n'y en a gueres qui se mettent a l'ensuyure." – "Há pessoas que louva muito a virtude, mas no ínterim a deixa faminta; isto é, raramente há uma dentre elas que sai em busca dela."

porém requer ensino e admoestação mútuos.

Salmos e hinos. Ele não restringe a *palavra de Cristo* a estas áreas em particular, mas, antes, notifica que todas as nossas conversas devem ser adequadas à edificação, para que mesmo aquelas que tendem ao riso não sejam destituídas de sabor. "Deixe-se aos incrédulos aquele tolo deleite que tiram das piadas e anedotas risíveis e frívolas;[21] e que vossas conversas, não meramente as que são sérias, mas também as que ocasionam júbilo e entusiasmo, contenham algo proveitoso. Em lugar de cânticos obscenos ou, pelo menos, meramente modestos e decentes, recorreis ao uso de hinos cânticos que expressem o louvor de Deus." Ademais, sob estes três termos ele inclui todos os tipos de cânticos. Eles são comumente distinguidos desta maneira: *salmo* é aquele que, ao ser entoado, se faz uso de algum instrumento musical juntamente com a língua; *hino* é propriamente um cântico de louvor, seja entoado simplesmente com a voz, ou de outra forma; enquanto que uma *ode* não contém meros louvores, mas também exortações e outras matérias. No entanto, ele quer que os cânticos dos cristãos sejam *espirituais*, não formado de frivolidades e palavreados sem valor. Pois isto tem conexão com seu argumento.

Crisóstomo explica a cláusula *em graça* de diferentes maneiras. Eu, contudo, a tomo simplesmente, como também mais adiante, no capítulo 4.6, onde ele diz: "Que vossa palavra seja temperada com sal, *em graça*", isto é, à guisa de habilidade que pode ser conveniente e pode agradar aos ouvintes por seus benefícios, de modo que pode opor-se a bufonaria e futilidades afins.

Com gratidão em vossos corações. Isto se relaciona com disposição; porque, como devemos despertar outros, assim devemos também cantar com o coração, para que haja não meramente um som externo com a boca. Ao mesmo tempo, não devemos entendê-lo como se ele quisesse que cada um cante interiormente para si, mas que tenha ambas as coisas em sintonia, contanto que o coração tome a vanguarda da língua.

17. E tudo quanto fizerdes. Já explicamos estas coisas, e o que pre-

21 "Plaisanteries pleines de vanite et niaiserie." – "Gracejos saturados de vaidade e estupidez."

cede, na Epístola aos Efésios, onde as mesmas coisas são ditas quase que palavra por palavra. Como ele já discursara em referência a diferentes partes da vida cristã, e simplesmente tocara em poucos preceitos, seria também tedioso uma coisa seguir outra, uma a uma, até o fim, por isso ele conclui, em forma de sumário, que a vida deve ser regulada de tal maneira que tudo quanto dissermos ou fizermos seja totalmente governado pela autoridade de Cristo, e tenha um olho em sua glória como sua meta.[22] Pois compreenderemos, habilmente, sob este termo, as duas coisas seguintes – que todas as nossas metas[23] sejam exibidas com a invocação de Cristo, e sejam submissas à sua glória. Da invocação siga o ato de bendizer a Deus, que nos supre com motivo de ação de graças. Deve-se também observar que ele ensina que devemos render graças ao Pai *pela mediação de Cristo*, visto que obtemos através dele todas as boas coisas que Deus nos confere.

18. Vós, mulheres, sede submissas a vossos maridos, como convém no Senhor.

19. Vós, maridos, amai vossas mulheres, e não as trateis asperamente.

20. Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais; porque isto é agradável ao Senhor.

21. Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não fiquem desanimados.

22. Vós, servos, obedecei em tudo a vossos senhores segundo a carne, não servindo somente à vista como para agradar aos homens, mas em singeleza de coração, temendo ao Senhor.

23. E tudo quanto fizerdes, fazei-o de coração, como ao Senhor, e não aos homens,

24. sabendo que do Senhor recebereis como recompensa a herança; servi a Cristo, o Senhor.

25. Pois quem faz injustiça receberá a paga da injustiça que fez; e não há acepção de pessoas.

18. Mulieres, subditae estote propriis maritis, quemadmodum decet in Domino.

19. Viri, diligite uxores, et ne amari sitis adversus illas.

20. Filii, obedite parentibus vestris per omnia: hoc enim placet Domino.

21. Patres, ne provocetis líberos vestros, ne deiiciantur animis.

22. Servi, obedite per omnia iis, qui secundum carnem sunt domini: non exhibitis ad oculum obsequiis, tanquam hominibus placere studentes, sed in simplicitate cordis, ut qui timeatis Deum.

23. Et quicquid feceritis, ex animo facite, tanquam Domino, et non hominibus:

24. Scientes quod a domino recipietis mercedem hereditatis, nam Domino Christo servitis.

25. Qui autem iniuste egerit, mercedem reportabit suae iniquitatis: et non est personarum acceptio. (Deut. x. 17.)

22 "Comme a son but principal." – "Quanto ao seu principal alvo."

23 "Toutes nos oeuures et entreprinses." – "Todas as nossas obras e empreendimentos."

18. Mulheres, sede submissas. Agora vêm os deveres particulares, como são chamados,[24] os quais dependem da vocação dos indivíduos. Seria supérfluo formular muitas palavras, visto que eu já declarei, na Epístola aos Efésios, quase tudo o que era necessário. Aqui apenas acrescentarei sucintamente as coisas que são mais particularmente adequadas a uma exposição da passagem ora diante de nós.

Ele ordena às *esposas* a que sejam *submissas*. Isto é claro, mas o que segue é de significação duvidosa – **como convém no Senhor**. Pois há quem o conecte assim: "Sede submissas no Senhor, como convém." Entretanto, eu o vejo antes de forma diferente – "como convém no Senhor", isto é, segundo a determinação do Senhor, de modo que confirma a submissão das esposas pela autoridade de Deus. Ele requer *amor* da parte dos *esposos*, e que *não sejam ásperos*, porque há o risco de abusarem de sua autoridade na forma de tirania.

20. Filhos, obedecei a vossos pais. Ele impõe aos filhos que obedeçam a seus pais,[25] sem qualquer exceção. Mas, e se os pais[26] se sentirem dispostos a constrangê-los a fazerem algo que seja ilícito? Nesse caso obedecerão também sem qualquer reserva? Ora, seria pior que irracional que a autoridade dos homens prevalecesse com o risco de se negligenciar a Deus. Minha resposta é que aqui também devemos entender como implícito o que ele expressa em outro lugar [Ef 6.1] – *no Senhor*. Mas, a que propósito ele emprega um termo de caráter universal? Respondo outra vez que é para mostrar que a obediência deve ser rendida não só mediante mandamentos justos, mas também aos que não são razoáveis.[27] Pois muitos se fazem coniventes com os desejos de seus pais só onde o mandamento não é penoso ou inconveniente. Mas, em contrapartida, é preciso que os filhos levem em conta esta única coisa – sejam quem for seus pais, receberam esse direito pela providência de Deus, que, por sua

24 "Les enseignemens concernans le deuoir particulier d'vn chacun." – "Instruções relativas ao dever particular de cada indivíduo."

25 "leurs peres et meres." – "A seus pais e mães."

26 "Les peres ou les meres." – "Pais ou mães."

27 "C'est a dire, fascheux et rigoureux." – "Equivale a dizer, penosos e rigorosos."

designação, faz com os filhos sejam sujeitos a seus pais.

Portanto, **em todas as coisas**, para que nada recusem, por mais difícil ou desagradável que seja – *em todas as coisas*, para que em coisas indiferentes façam deferência à posição que seus pais ocupam – *em todas as coisas*, para que não se ponham em pé de igualdade com seus pais, a ponto de questionar e debater, ou disputar, subentendendo sempre que a consciência não seja infringida.[28] Ele proíbe aos pais o exercício de uma dureza excessiva, para que seus filhos não se sintam tão desanimados que sejam incapazes de receber alguma educação honrosa; pois vemos, na experiência diária, a vantagem de uma educação generosa.

22. Servos, sede obedientes. Nem tudo o que se declara aqui concernente aos *servos* requer exposição, visto que já foi comentado em Efésios 6.1, com a exceção destas duas expressões: "Porque servimos ao Senhor Cristo"; e, "Aquele que agir injustamente receberá a recompensa da iniqüidade".

Pela primeira afirmação ele tem em vista que se deve prestar aos homens um serviço de tal maneira que ao mesmo tempo Cristo mantenha a supremacia de domínio e seja o Senhor supremo. Aqui, realmente, oferece-se consolação a todos os que se acham sob sujeição, visto que são informados de que, enquanto espontaneamente servem a seus senhores, seus serviços são aceitáveis a Cristo, como se fossem prestados a ele. Paulo deduz ainda disto que *receberão* dele uma *recompensa*, mas é uma *recompensa de herança*, querendo dizer com isso que a mesma coisa que é outorgada na remuneração das obras nos é gratuitamente dada por Deus, pois a *herança* é oriunda da adoção.

Na segunda cláusula ele conforta outra vez os *servos*, dizendo que, se forem oprimidos pela injusta crueldade de seus senhores, Deus mesmo tomará vingança, e não, com base no fato de que são *servos*, ignorará as injúrias infligidas a eles, visto que *para com ele*

28 "Ou entrant en dispute auec eux, comme compagnon a compagnon ainsi qu'on dit. Toutesfois, que ce soit tant que faire se pourra sans offenser." – "Ou entrando em disputa com eles, como associados com associados, como dizem. Ao mesmo tempo, que tudo façam na medida em que se possa fazer sem ofensa contra Deus."

não há acepção de pessoas. Pois esta consideração poderia diminuir sua coragem, caso imaginassem que Deus não se importava com eles, ou não lhes tinha em grande consideração, e que suas misérias não lhe preocupavam. Além disso, às vezes sucede que os próprios servos tentavam vingar o tratamento injurioso e cruel. Conseqüentemente, ele previne este mal, admoestando-os a que esperassem pacientemente no juízo divino.

Capítulo 4

1. Vós, senhores, dai a vossos servos o que é justo e com eqüidade, sabendo que também vós tendes um Senhor no céu.

2. Perseverai na oração, velando nela com ações de graças,

3. orando ao mesmo tempo também por nós, para que Deus nos abra uma porta à palavra, a fim de falarmos o mistério de Cristo, pelo qual também estou preso,

4. para que eu o manifeste como devo falar.

1. Domini, quod iustum est, servis exhibete, mutuamque aequabilitatem, scientes quod vos quoque Dominum habeatis in coelis.

2. Orationi instate, vigilantes in ea, cum gratiarum actione.

3. Orate simule t pro nobis, ut Deus aperiat nobis ianuam sermonis ad loquendum mysterium Christi, cuius etiam causa vinctus sum.

4. Ut manifestem illud, quemadmodum oportet me loqui.

1. Senhores, dai a vossos servos o que é justo. Em primeiro lugar, ele menciona *o que é justo*, por cujo termo ele expressa aquela bondade que ordenara na Epístola aos Efésios [Ef 6.8]. Mas, como os senhores, olhando para baixo como se estivessem nas alturas, desprezam a condição dos servos, a ponto de pensarem que não são obrigados por nenhuma lei, Paulo traz ambos sob controle,[1] porque ambos estão igualmente sob sujeição à autoridade de Deus. Daí fazer ele menção da *eqüidade*.

E eqüidade mútua. Há quem o entenda de outra forma, mas não tenho dúvida de que Paulo aqui empregou ἰσότητα no sentido de direi-

1 "Et rabbaisse leur precomption." – "E abate sua presunção."

to analógico[2] ou distributivo,[3] como em Efésios, τὰ αὐτὰ (*as mesmas coisas*).[4] Pois os senhores não possuem seus servos de tal maneira presos a si que, por seu turno, não lhes devam nada, como direito analógico em vigor entre todas as classes.[5]

2. Perseverai em oração. Ele volta às exortações gerais, nas quais não devemos esperar uma ordem exata, pois nesse caso ele teria começado com oração, porém não está olhando para isso. Demais, quanto à oração, ele recomenda aqui duas coisas: primeira, assiduidade; segunda, entusiasmo ou concentração solícita. Porque, ao dizer perseverai, ele exorta à *perseverança*, enquanto faz menção à *vigilância* em oposição à indiferença e desatenção.[6]

Ele **adiciona ações** de graças, porque Deus deve ser procurado na necessidade presente de tal forma que, neste ínterim, não esqueçamos os favores já recebidos. Demais, não devemos ser tão impertinentes que murmuremos e nos sintamos ofendidos se Deus não satisfizer imediatamente nossos desejos, mas que recebamos satisfeitos o que ele nos conceder. Daí fazer-se necessária uma dupla *ação de graças*. Quanto a este ponto, também já dissemos algo na Epístola aos Filipenses [Fp 4.6].

3. Orai também por nós. Ele não diz isto a guisa de pretensão, e sim porque, estando ciente de sua própria necessidade, sentia-se profundamente desejoso de ser auxiliado pelas orações deles, e estava plenamente persuadido de que estas lhes seriam de grande proveito. Quem, pois, nestes presentes dias, ousaria desprezar as intercessões dos irmãos, das

2 Nosso autor aqui tem em vista uma definição de Aristóteles, citada por ele ao comentar 2 Coríntios 8.13.

3 "C'est a dire, qui est reglé et compasse selon la circunstance, qualité, ou vocation des personnes." – "Equivale a dizer que é regulado e proporcionado segundo as circunstâncias, situação ou vocação dos indivíduos."

4 "Comme aux Ephesiens il a vsé de ce mot, Le mesme, ou Le semblable, en ceste signification, comme il a este là touché." – "Como em Efésios ele faz uso desta palavra, *o mesmo*, ou *parecido*, neste sentido, como ali observou."

5 "Comme il y a vn droict mutuel, reglé selon la condieration de l'office et vocation d'vn chacun, lequel droict doit auoir lieu entre tous estats." – "Como há um direito mútuo, regulado segundo a consideração do ofício ou vocação de cada indivíduo, direito esse que deve existir entre todas as classes."

6 "Ou façon d'y proceder laschement, et comme par acquit." – "Ou um modo de agir displicentemente, e como mera forma."

quais Paulo declara publicamente que ele mesmo dependia? E, inquestionavelmente, não é sem valor que o Senhor tenha designado entre nós este exercício, a saber, que oremos uns pelos outros. Portanto, que cada um de nós não só ore por seus irmãos, mas devemos também, de nossa parte, buscar diligentemente o auxílio das orações de outrem, tanto quanto a ocasião demandar. Contudo, é um argumento pueril[7] da parte dos papistas inferirem disto que devemos implorar[8] aos mortos que orem por nós. Pois o que aqui existe semelhante a tal disparate? Paulo se encomenda às orações dos irmãos, da parte de quem ele sabe que tem mútua comunhão segundo o mandamento de Deus. Quem negará que esta razão nada tem a ver com o caso dos mortos? Deixemos, pois, tais trivialidades e nos voltemos a Paulo.

Como temos um magistral exemplo de modéstia na circunstância em que Paulo convoca a outrem a dar-lhe assistência, assim somos também admoestados a isto: que perseverar com prontidão na defesa do evangelho, especialmente quando premidos pelos perigos, é algo saturado das maiores dificuldades. Pois não é sem causa que ele deseja que as igrejas o assistam nesta incumbência. Considere-se também, ao mesmo tempo, seu extraordinário ardor de zelo. Ele não é solícito quanto à sua segurança pessoal;[9] não roga que se derramem orações da parte das igrejas em seu favor, para que seja libertado dos perigos de morte. Ele está contente com esta única coisa: que, invencível e inabalável, persevere na confissão do evangelho; mais ainda, que destemidamente ele faça da própria vida uma questão secundária, quando comparada com a glória de Cristo e a difusão do evangelho.

Por uma **porta à palavra**, contudo, ele simplesmente tem em vista o que em Efésios 6.19 chama o "abrir da boca", e o que Cristo chama uma "boca e sabedoria" [Lc 21.15]. Pois a expressão em nada difere da outra em significado, e sim meramente na forma, porquanto aqui

7 "Plus que puerile." – "Pior que pueril."

8 "Qu'il nous faut implorer l'aide des sancts trespassez." – "Que imploremos o auxílio dos santos falecidos."

9 "Il ne se soucie point d'estre sauué des mains de ses ennemis." – "Ele não está ansioso por ser salvo das mãos dos inimigos."

ele notifica, por meio de uma elegante metáfora, que de modo algum nos é mais fácil falar confiantemente do evangelho do que abrir uma porta que está trancada e com ferrolho. Pois esta é uma obra realmente divina, como Cristo mesmo disse: "Porque não sois vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós" [Mt 10.20]. Tendo, pois, apresentado a dificuldade, ele incita ainda mais os colossenses à oração, declarando que ele não pode falar certo a menos que sua língua seja dirigida pelo Senhor. Em segundo lugar, ele argumenta com base na dignidade[10] da questão, quando chama o evangelho "o mistério de Cristo". Pois não podemos trabalhar de uma maneira descuidada numa questão de tal importância. Em terceiro lugar, ele faz menção também de seus perigos.

4. Como devo. Esta cláusula exibe a dificuldade ainda mais fortemente, pois ele notifica que esta não é uma matéria ordinária. Na Epístola aos Efésios [Ef 6.20], ele adiciona ἵνα παῤῥησιάσωμαι (*para que eu fale ousadamente*), do que transparece que ele desejava para si uma confiança inabalável, como convém à majestade do evangelho. Demais, como Paulo aqui nada faz senão desejar que lhe seja dada graça para o cumprimento de seu ofício, tenhamos em mente que se nos prescreve igualmente uma regra, não a que nos entreguemos à fúria de nossos adversários, e sim que nos esforcemos até a morte na propagação do evangelho. No entanto, como isto está além de nosso poder, é necessário que *perseveremos em oração*, para que o Senhor não nos deixe destituídos do espírito de confiança.

5. Andai em sabedoria para com os que são de fora, usando bem cada oportunidade.

6. Vossa palavra seja sempre com graça, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.

7. Tíquico, o irmão amado, fiel ministro e conservo no Senhor, vos fará conhecer minha situação;

5. Sapienter ambulate erga extraneos, tempus redimentes.

6. Sermo vester semper in gratia sit sale conditus: ut sciatis quomodo oporteat vos unicuique respondere.

7. Res meãs omnes patefaciet vobis Tychicus dilectus fratre et Fidelis minister ac conservus in Domino.

10 "La dignite et l'excellence." – "A dignidade e excelência."

8. o qual vos envio para este mesmo fim, para que saibais nosso estado e ele conforte vossos corações,

9. juntamente com Onésimo, fiel e amado irmão, que é um de vós; eles vos farão saber tudo o que aqui se passa.

8. Quem misi ad vos hac de causa, ut sciretis statum meum, et consolaretur corda vestra:

9. Cum Onesimo fideli et dilecto fratre, qui est ex vobis. Omnia patefacient vobis quae hic sunt.

5. Andai em sabedoria. Ele faz menção de **os que são de fora**, em contraste com os que são da *família da fé* [Gl 6.10]. Pois a Igreja é como uma cidade da qual todos os crentes são os habitantes, conectados entre si por um mútuo relacionamento, enquanto os incrédulos são estranhos. Mas, por que ele quer que se leve em conta mais os incrédulos do que os crentes? Há três razões: primeira, para que não se ponha tropeço no caminho dos cegos [Lv 19.14], pois nada é mais fácil de ocorrer do que os incrédulos irem de mal a pior em virtude de nossa imprudência, e suas mentes serem feridas, de modo a terem a religião em crescente repulsa. Segunda, é para que não se dê ocasião a que a honra do evangelho não seja denegrida, e assim o nome de Cristo se exponha ao desdém, as pessoas se tornem mais hostis e se suscitem perturbações e perseguições. E última, para que, enquanto estivermos misturados, participando de alimento e de outras ocasiões, não sejamos maculados por suas poluições e pouco a pouco nos tornemos profanos.

O mesmo se dá também com o que segue: **usando bem cada oportunidade**, quer dizer, porque o relacionamento com tais pessoas é muito perigoso. Pois em Efésios 5.16 ele assinala a razão: "Porque os dias são maus." "Em meio a tão grande corrupção prevalecente no mundo devemos aproveitar as oportunidades de fazer o bem, e temos de lutar contra os impedimentos." Portanto, quanto mais nossa vereda for coberta de ocasiões para ofensa, tanto mais cuidadosamente devemos precaver-nos para que nossos pés não tropecem, ou nos detenhamos de repente pela indolência.

6. Vossa palavra. Ele requer uma linguagem suave, de modo que os ouvintes se sintam atraídos por sua utilidade, pois ele não condena meramente as comunicações que são francamente perversas ou

ímpias, mas também as que são inúteis e ociosas. Daí ele desejar que elas sejam **temperadas com sal**. Os homens blasfemos têm suas ocasiões de discurso,[11] mas ele não fala disto; mais ainda, como os ditos espirituosos são insinuantes, e em sua maior parte granjeiam favor,[12] indiretamente ele proíbe que os crentes aderissem à prática e se familiarizassem com eles. Pois ele considera insípido tudo quanto não visasse à edificação. O termo *graça* é empregado no mesmo sentido, como sendo oposto à tagarelice, ao sarcasmo e toda sorte de futilidades que são ou injuriosas ou sem valor.[13]

Para saberdes como. O homem que está acostumado a ser prudente em suas comunicações não cairá em muitos absurdos, nos quais as pessoas faladoras e fúteis caem com muita freqüência, mas, pela prática constante, adquirirá para si maturidade em dar respostas próprias e oportunas; como, em contrapartida, necessariamente sucede que os tagarelas imbecis se expõem à zombaria sempre que são interrogadas sobre algo; e nisto pagarão o justo castigo de sua insensata tagarelice. Tampouco ele diz meramente *qual*, mas também *como*, e não a todos indiscriminadamente, mas a *cada um*. Pois esta não é a parte menos importante da prudência – ter o devido respeito pelos indivíduos.[14]

7. Minha situação. Para que os colossenses soubessem o que o preocupava neles, ele lhes confirma, lhes dando, de certa maneira, uma garantia. Pois ainda que estivesse preso e corresse risco de vida, ele procura, para os interesses deles, enviar-lhes a Tíquico. Nisto se manifesta o zelo singular, não menos que prudência do apóstolo; pois não é uma questão de somenos importância que, enquanto

---

11 *Sales*. O termo é amiúde empregado pelos escritores clássicos para denotar *ditos espirituosos*. Vejam-se Cícero, Fam. ix. 15; Juvenal, ix. 11; Horácio, Ep. ii. 2, 60.

12 "Et que par ce moyen il seroit a craindre que les fideles ne s'y addonassent." – "E por isso mesmo era de se temer que os crentes se habituassem a isto."

13 "Ou s'en vont en fumee." – "Ou se dissipa como fumaça."

14 "Car c'est des principales parties de braye prudence, de scauoir discerner les personnes pour parler aux vns et aux autres comme il est de besoin." – "Pois é um dos principais departamentos da verdadeira prudência saber como discriminar os indivíduos, ao falar a um e ao outro, em conformidade com a ocasião."

é mantido preso, e se acha na iminência de perigo máximo por causa do evangelho, contudo não cessa de lutar pelo avanço do evangelho, e a cuidar de todas as igrejas. E assim deveras o corpo está sob confinamento, mas a mente, ansiosa por empregar-se em tudo que é bom, vagueia por toda parte. Sua prudência se mostra em seu envio de uma pessoa adequada e prudente para confirmá-los, tanto quanto for necessário, e livrá-los da astúcia dos falsos apóstolos; e mais, em reter Epafras consigo até que venham a perceber qual e quão grande concordância há na doutrina entre todos os verdadeiros mestres, e ouçam de Tíquico a mesma coisa que previamente aprenderam de Epafras. Meditemos detidamente nesses exemplos, para que nos estimularmos e seguirmos uma imitação semelhante.

Ele adiciona *Onésimo*, para que a embaixada tenha mais importância. Não obstante, é incerto quem era este Onésimo. Pois dificilmente se pode crer que seja o escravo de Filemom, já que o nome de um ladrão e fugitivo teria sido passível de censura.[15] Ele distingue a ambos por títulos honrosos, para que façam o máximo de bem, especialmente a Tíquico, que estava para exercer o ofício de instrutor.

10. Saúda-vos Aristarco, meu companheiro de prisão, e Marcos, o primo de Barnabé (a respeito do qual recebestes instruções; se for ter convosco, recebei-o),

11. Jesus, que se chama Justo, sendo unicamente estes, dentre a circuncisão, meus cooperadores no reino de Deus; os quais têm sido para mim uma consolação.

10. Salutat vos Aristarchus, concaptivus meus, et Marcus, cognatus Barnabae, de quo accepistis mandata si venerit ad vos, ut suscipiatis ipsum.

11. Et Iesus qui dicitur Iustus, qui sunt ex circumcisione, hi soli co-operarii in regnum Dei, qui mihi fuerunt solatio.

15 Paley, em seu *Horae Paulinae*, acha que a afirmação feita aqui acerca de Onésimo, "que é um dentre vós" umas das muitas coincidências não premeditadas que ele aduz naquele admirável tratado, em evidência da credibilidade do Novo Testamento. O fio de seu raciocínio, neste caso, pode ser afirmado sucintamente assim: que enquanto transparece da Epístola a Filemom que Onésimo era o servo e escravo de Filemom, não se afirma naquela Epístola a que cidade pertencia Filemom; mas da Epístola transparece [Fm 1-2] que ele era do mesmo lugar, não importa qual seja, com um cristão eminente chamado Arquipo, a quem encontramos sendo saudado pelo nome entre os cristãos de Colossos; enquanto a expressão usada por Paulo aqui acerca de Onésimo, "que é um dentre vós", determina claramente como sendo ele da mesma cidade, Colossos.

12. Saúda-vos Epafras, que é um de vós, servo de Cristo Jesus, e que sempre luta por vós em suas orações, para que permaneçais perfeitos e plenamente seguros em toda a vontade de Deus.

13. Pois dou-lhe testemunho de q ue tem grande zelo por vós, como também pelos que estão em Laodicéia, e pelos que estão em Hierápolis.

12. Salutat vos Epaphras, qui est ex vobis servus Christi, semper decertans pro vobis in precationibus, ut stetis perfecti et completi in omni voluntate Dei.

13. Testimonium enim illi reddo, quod multum studium vestri habeat, et eorum qui sunt Laodiceae et Hierapoli.

10. Meu companheiro de prisão. Disto transparece que havia outros que se associaram a Paulo,[16] depois de ser levado para Roma. É também provável que seus inimigos se esforçassem, no começo, por impedir que todas as pessoas piedosas lhe prestassem socorro, ameaçando-as com igual risco, e que isso, por certo tempo, surtiu o efeito desejado; mas que mais tarde alguns, recobrando a coragem, desprezaram tudo o que lhes fora oferecido pelo uso do terror.

Que o recebestes. Alguns manuscritos trazem *recebei-o*, no modo imperativo; isso, porém, é um equívoco, pois ele expressa a natureza da *incumbência* que os colossenses haviam recebido – que era uma recomendação, ou de Barnabé, ou de Marcos. A segunda alternativa é a mais provável. O grego traz o modo infinitivo, mas pode ser traduzido da maneira como eu fiz. Entretanto, observemos que foram cuidadosos em fornecer testemunhos que podiam distinguir os bons homens dos falsos irmãos – de pretensos, de impostores e multidões de desocupados. O mesmo cuidado é mais do que simplesmente necessário na atualidade, seja porque os bons mestres são recebidos com indiferença, ou porque homens crédulos e tolos se expõem também a ser enganados por impostores.

11. Os únicos cooperadores – isto é, da parte da circuncisão; pois ele mais adiante menciona outros, porém da parte da incircuncisão. Portanto, ele tem em vista que havia bem poucos judeus em Roma que se

16 "D'autres furent mis prisonniers auec sainct Paul." – "Alguns outros foram feitos prisioneiros juntamente com São Paulo."

mostraram dispostos a auxiliar na expansão do evangelho; mais ainda, que toda a nação era oposta a Cristo. Ao mesmo tempo, por *obreiros* ele tem em vista somente aqueles que eram dotados com dons que eram necessários à promoção do evangelho. No entanto, onde estaria Pedro naquele tempo? Inquestionavelmente, ou ele foi vergonhosamente ignorado aqui, e não sem injustiça, ou fala falsamente quem afirma que então ele se achava em Roma. Demais, ele denomina o evangelho de *reino de Deus*, pois ele é o cetro através do qual Deus reina sobre nós, e por meio dele somos escolhidos para a vida eterna.[17] No entanto, desta forma de expressão trataremos mais plenamente em outro lugar.

12. Sempre luta. Temos aqui um exemplo de um bom pastor, ao qual a distância de lugar não pode induzir a esquecer a Igreja, a ponto de impedi-lo de tomar sobre si cuidar dela além-mar. Devemos notar ainda a força da súplica expressa na palavra *luta*. Pois embora o apóstolo tivesse em vista aqui expressar intensidade de afeto, ao mesmo tempo admoesta aos colossenses a não considerarem as orações de seu pastor como sem valor; mas, ao contrário, reconhece que lhes têm propiciado não pequena assistência. Por fim, infiramos das palavras de Paulo que a *perfeição* dos cristãos é quando se sentem **plenamente seguros em toda a vontade de Deus**, para que não troquem seu modo de vida por algum outro.

14. Saúda-vos Lucas, o médico amado, e Demas.

15. Saudai-vos aos irmãos que estão em Laodicéia, e a Ninfas e a igreja que está em sua casa.

16. Depois que for lida esta carta entre vós, fazei que o seja também na igreja dos laodicenses; e a de Laodicéia lede-a vós também.

17. E dizei a Arquipo: Cuida do ministério que recebeste no Senhor, para o cumprirdes.

14. Salutat vos Lucas medicus dilectus, et Demas.

15. Salutate fratres qui sunt Laodiceae, et Nympham, et Ecclsiam quae est domi ipsius;

16. Et quum lecta fuerit apud vos epistola, facite ut etiam in Laodicensium Ecclsia legatur: et eam quae ex Laodicea est ut vos legatis.

17. Et dicite Archippo: Vide ministerium quod accepisti in Domino, ut illud impleas.

17 "Nous sommes receus a l avie eternelle." – "Somos recebidos para a vida eterna."

18. Esta saudação é de próprio punho, de Paulo. Lembrai-vos de minhas cadeias. A graça seja convosco. Escrita de Roma aos Colossenses, por Tíquico e Onésimo.

18. Salutatio, mea manu Paulo. Memores estote vinculorum meorum. Gratia vobiscum. Amen.

Missa e Roma per Tychicum et Onesimum.

14. Saúda-vos Lucas. Não concordo com os que entendem este Lucas como sendo o evangelista; pois sou de opinião que ele era bem conhecido demais para ter necessidade de tal designação, e teria sido sinalizado por um elogio mais elevado. Indubitavelmente, ele o teria chamado seu cooperador, ou, pelo menos, seu companheiro e participante em seus conflitos. Minha conjetura é, antes, que naquele tempo ele estava ausente, e que este, denominado *médico*, é outro do mesmo nome, para distingui-lo do outro. *Demas*, de quem faz menção, é indubitavelmente a pessoa de quem ele se queixa, que depois se desertou dele [2Tm 4.10].

Ao falar da igreja que estava na casa de Ninfas, tenhamos em vista que, no caso de uma casa, estabelece-se uma regra quanto ao que devem ser todas as casas cristãs – que são elas tantas pequenas igrejas. Portanto, que cada um saiba que este encargo lhe é imposto – que deve educar sua casa no temor do Senhor, mantê-la sob santa disciplina e, por fim, formá-la na semelhança de uma Igreja.

16. Que seja lida na Igreja dos laodicenses. Daí, ainda que esta seja endereçada aos colossenses, não obstante era necessário que fosse proveitosa a outras. O mesmo ponto de vista deve ser também mantido quanto a todas as Epístolas. Deveras foram, na primeira instância, endereçadas a igrejas particulares, mas, como contêm doutrina que está perenemente em vigor, e é comum a todas as épocas, não tem importância que título recebam, pois o tema pertence também a nós. Tem-se presumido infundadamente que a outra Epístola de que ele faz menção fora escrita por Paulo, e labuta sob um duplo equívoco quem acredita que ela fora escrita por Paulo aos laodicenses. Não tenho dúvida de que fora uma epístola enviada a Paulo, cuja leitura poderia ser proveitosa aos colossenses, visto que cidades vizinhas costumam ter muitas coisas em comum. Não obstante, havia uma impostura excessivamente grosseira na

circunstância de que alguma pessoa indigna, não sei quem, teve a audácia de forjar, sob este pretexto, uma epístola tão insípida,[18] que nada se poderia conceber mais estranho ao espírito de Paulo.

17. Dizei a Arquipo. Até onde posso conjeturar, este Arquipo estava, naquele tempo, de posse do ofício de pastor, durante a ausência de Epafras; mas é provável que ele não tivesse tal disposição a ponto de ser, por si só, suficientemente diligente sem ser estimulado. Por conseguinte, Paulo queria que ele fosse mais plenamente encorajado pela exortação de toda a Igreja. Ele poderia tê-lo admoestado em seu próprio nome, individualmente; mas passa este encargo aos colossenses para que soubessem que eles mesmos devem empregar incentivos,[19] caso percebam que seu pastor é indiferente, e o próprio pastor não se esquiva de ser admoestado pela Igreja. Pois os ministros de Deus são dotados com magistral autoridade, mas tal que, ao mesmo tempo, não estão isentos de leis. Daí ser necessário que se demonstrem suscetíveis de instrução, caso queiram devidamente instruir a outrem. Quanto ao fato de Paulo uma vez mais chamar a atenção para suas *cadeias*,[20] ele notifica, com isto, que sua aflição não era superficial. Pois estava cônscio da fragilidade humana, e sem dúvida sentia em si mesmo algumas ferroadas dela, visto que tinha como algo muitíssimo urgente que todas as pessoas piedosas fossem cônscias de suas angústias. Não obstante, não é evidência de desconfiança que ele evoque de todas as partes os auxílios que lhe foram designados pelo Senhor. A expressão **de próprio punho** significa, como vimos em outro lugar, que havia, mesmo então, epístolas espúrias em circulação, de modo ser necessário se precaver contra alguma impostura.[21]

Final do comentário à Epístola aos Colossenses.

18 "Contrefaire et mettre en auant vne lettre comme escrite par sainct Paul aux Laodiciens, voire si sotte et badine." – "Forjar e apresentar uma carta como se fosse escrita por São Paulo aos laodicenses, e isso tão estulta e infantilmente."

19 "Qu'eux-mesmes aussi doyuent faire des remonstrances et inciter leur Pasteur." – "Que eles mesmos empreguem confrontos e incitem seu pastor."

20 Paulo fizera menção prévia de suas *cadeias* no versículo 3 do capítulo.

21 "Que des lors on faisoit courir des epistres a faux titre, et sous le nom des seruiteurs de Dieu: a laquelle meschancete il leur estoit force de remedier par quelque moyen." – "Que mesmo então puseram em circulação epístolas sob um falso título, e no nome dos servos de Deus; contra cuja perversidade ele se viu na obrigação de empregar um remédio por algum meio."